POR CERROS E VALES

DO AUCTOR

PUBLICADOS:

Herança morbida (esgotado)
A propaganda (esgotado)
Dois crimes (esgotado)
Impressões de viagem (esgotado)
Por ahi fóra (esgotado)
Nas horas calmas (esgotado)
Ao de leve (esgotado
Longe da vista (2.ª edição)
D. Carlos intimo (2.ª edição)
Gente Rustica (2.ª edição)
Os amores de Latino Coelho
A caminho d'Africa
Terra de lendas
Quadros alentejanos
Pretos e brancos
Jornadas
Gontos ligeiros
Cente vária
Contos e sátiras
Scenas da Vida
Gente Bóer
Pó da estrada
Lourdes
A questão romana

A ENTRAR NO PRELO:

Terras santas — impressões d'uma viagem á Palestina

EM PREPARAÇÃO:

Ferroadas

BRITO CAMACHO

Por cerros e vales

4.º MILHAR

Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

Por barlavento

A's seis horas da manhã pára o comboio em Tunis, estando já formado na *gare* o que hade levar-me a Portimão.

Manhã quente, com o sol ainda abaixo do horisonte, e uma leve, uma tenuissima neblina que nos deixa ver as coisas na realidade do seu feitio e tamanho, já diferenciadas na côr, de pouco variadas cambiantes.

Nunca fui madrugador, e sucedeu-me, em Coimbra, perder o ano, numa aula, por faltas, ainda no primeiro sono, já os meus condiscipulos estavam fartos de ouvir o Mestre, tão pontual que ainda o relogio não acabara de bater as dez horas, já ele estava sentado na cathedra.

Nunca fui madrugador; mas tambem nunca me arrependi de ter sacrificado o sono da manhã, ao encantamento de ver o sol erguer-se, no campo, apagados os ultimos clarões da aurora, a simpatica deusa

que tem os dedos côr de rosa, segundo o testemunho dos poetas romanticos, vates de melena e caspa, mortos sem descendencia, felizmente...

Não é a primeira nem a segunda vez que passo por aqui, e já tive a bôa sorte, ha uns poucos de anos, fugido á folia carnavalesca das cidades, de por aqui passar, estavam as amendoeiras floridas.

Não é verdade, como muita gente diz, que não vale a pena visitar o Algarve senão durante a época, aliás muito breve, muito curta, durante a qual estão em flor as amendoeiras.

Essa epoca é preferivel a qualquer outra; mas nunca uma visita ao Algarve, na Primavera, no Estio ou no Outono, é destituida de interesse, porque as suas belesas naturais são as mesmas em todo o ano, variando apenas, como sucede em toda a parte, os aspectos da sua paisagem com o particularismo das Estações.

O mez de janeiro é frio, e impertinente de chuvas; o mez de fevereiro não é menos frio nem menos chuvoso. Ora é precisamente nestes meses, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, conforme o tempo, que as amendoeiras, no Algarve, se carregam de flores. E vale a pena vel-as então, brancas de neve, ou vermelhas de sangue, como se as tivessem borrifado com a espuma d'um sangue arterial muito vivo, muito fluido, muito puro.

Conta-se como lenda, mas podia ser verdade, o caso daquela linda moura que só condescenderia em se entregar a um principe cristão no dia em que no

Algarve chovesse neve. Estava quasi a findar o mez de janeiro; a floração da amendoeira não devia tardar.

Foi imposta á linda moura, guardada á vista, a clausura nos seus aposentos, nem sequer podendo espraiar a vista pelos campos, a comunicar com a Natureza.

Um dia, ainda a moura estava na cama, dia luminoso de sol frio, sucedendo a uma noite fria e opaca, o Principe mandou-a chamar, e levando-a pela mão, os olhos vendados, ao varandim mais alto do Castelo disse-lhe que chegara o momento de cumprir a sua promessa.

— Disseste-me que serias minha quando no Gharb caisse neve. Pois bem; tira a venda, e olha.

Quasi todas as arvores, num largo campo, em frente, estavam cobertas de neve, e a espaços, maculando aquela alvura d'hostia, manchas vermelhas, como grandes pingos de sangue muito puro, fluidificado até á espuma, prenunciavam talvez, á pobre moura, a ferida mortal no coração do profeta, definitiva e irremediavelmente vencido o Islam.

Vasta planura, pela esquerda, sem ondulações de terra, com pequenos cêrros fechando o horisonte. Pode dizer-se que não há um palmo de chão, a um lado e outro da linha, que não esteja aproveitado, conforme as suas aptidões culturaes — o que não quere dizer segundo os melhores preceitos e ensinamentos da Agronomia. Grandes bocados de vinha, pequenas manchas de restolho, muito pequenas, sendo todavia

certo que estes terrenos se prestariam bem á cultura do trigo.

— Aquela povoação, além, como se chama?

— Tem o mesmo nome da Estação; chama-se Algôs.

Nunca lá fui; provavelmente nunca lá irei. E' possivel que não corresponda á impressão agradavel que me faz, mas não hesito em afirmar que o nome que lhe deram, infamante aplicado ás pessoas, é um caso absurdo de toponimia, facil de remedear, recorrendo á crisma... civil.

Aqui fica o meu oferecimento para padrinho, se quizerem dar-me essa honra imerecida.

Enorme figueiral, em esquadria, d'uma regularidade perfeita.

Oliveiras carregadas d'azeitona; amendoeiras nuas, mal se acreditando, ao vêl-as assim, que no rigor do inverno elas serão o enfeite destes campos, carregadas de flores brancas, que lembram flocos de neve alpina.

A alfarrobeira, dum verde-negro muito carregado, é uma arvore de aspecto severo; fecha-se na abundancia da sua ramaria, e os frutos que dá, chatos e compridos, fazem lembrar pingos de cêra preta, nem agradavel ao gosto, nem aprazivel á vista.

Não se descobre Silves, ao abrigo d'uma prega de terreno, e o tempo não me chega para ir até lá, com demora apenas d'algumas horas, o tempo bastante para me indignar perante a vergonhosa ruina do seu Castelo, e para reviver *in mente*, um grandioso mo-

mento da vida nacional, a lutarmos com os serracenos. Se conhecesse o arabe, seria ali, no Castelo de Silves, que eu leria versos do Motamid e do Ibn-Amar, poetas de cuja obra se podem ver amostras no excelente trabalho — *Luso-arabes* — do erudito professor, ha muitos anos falecido, Oliveira Parreira.

Parece-me que Lagôa cresceu muito desde a ultima vez que a vi, já na vigencia da Republica, e a mesma impressão tenho de Ferragudo, na foz do rio, com uma ponta de terra a meter-se pelo mar.

Portimão foi, até ha poucos anos, testa de caminho de ferro, não obstante as reclamações de Lagos, no sentido de ser levado até lá o comboio. Fiz-me eco, no Parlamento, d'essas reclamações, e consegui, a muito custo, a aprovação dum projecto de lei, dando lhes plena satisfação.

Talvez, por isso, me tomou certo alvoroço ao entrar o comboio na ponte, uma bela ponte de ferro, a desafiar os impetos duma corrente, que ás vezes lhe dá para ser caudalosa.

Tenho a bôa sorte de encontrar á porta d'uma *garage*, já aberta, um automovel de aluguer, que se prontifica a levar-me a Monchique, esperando o tempo que eu quizer, até á noite, e trazer-me para Portimão, pagando-lhe noventa mil réis. Ha camionetes que fazem este serviço, diariamente, por muito menos dinheiro; mas em automovel eu vou mais á minha vontade; disponho d'ele como me aprouver, e mostram as estatisticas que os desastres d'automovel são menos frequentes que os de camionete. O *chauf-*

feur é um arabe a desandar para o negro, membrudo, possante, animal de sangue frio que não brinca com o volante, e o sujeita com pulso firme, não se embebedando com as velocidades.

Toca para Monchique.

A estrada deixa muito a desejar. Andam a repara-la, sendo provavel que o leitor, se por ali passar d'aqui a alguns meses, já a encontre á prova de sessenta quilometros á hora, o que permitirá ir de Portimão ás Caldas em menos de vinte minutos, sem bater nenhum *record*.

Corre a estrada ao longo d'um vale, á esquerda, vale que estreita, á medida que se sobe, até não ser mais ou ser pouco mais que uma garganta no ponto em que construiram as thermas.

Vinhas e campos de milho, todas as culturas horticolas a que se presta uma terra grossa atravessada por um curso d'agua. Oliveiras de grande porte, quasi brancas da poeira da estrada, as mais proximas, e macissos de eucaliptos, a crescerem sem licença de Deus, como se diz, lá para os meus sitios, dos rapases que espigam a palmos. Tufos de cana á beira d'agua, e um aqui, outro além, chorões que põem na serena tranquilidade do vale uma nota de melancolia.

Trepam as oliveiras pelas chapadas de brando ou rapido declive, e á compita com elas trepam os pinheiros bravos, de plantação recente. Não ha terra desaproveitada, terra susceptivel de remunerar o ca-

pital que nela se gaste em trabalho de adequada cultura.

Pela direita da estrada, o caso é muito diferente. A terra é aspera, de mau aspecto sob o ponto de vista agrologico, terra de minimas aptidões culturaes, a não ser nos pequenos trechos onde se possam fazer moreia. Os cêrros, de pequeno vulto, que não foram abandonados ao mato, ou são escassamente povoados de pinheiros, ou são lavrados, até meia encosta, queimadas as moreias que ali fizeram, a cinza dispensando o adubo.

Chegamos ás Caldas.

Pensei, sendo Ministro do Fomento, Ministro á força, como o Medico de Moliere, pensei em dar por caduca a concessão das Caldas, informado da vergonha que aquilo era, não tendo o concessionario, até áquela data, cumprido a menor das suas obrigações.

Não o fiz, e reconheço agora que o devia ter feito, entregando as Thermas a quem soubesse exploral-as, chamando ali uma grande clientela, tanto de portuguezes como de hespanhoes.

A impressão que se tem, entrando no Estabelecimento, é a de que vamos percorrer umas antiquissimas catacumbas.

O que se chama *quartos de primeira classe*, são uns cacifos sem ar nem luz, desguarnecidos de tudo, excepto de banheira, em nenhum havendo uma campainha, que permita chamar, em caso de necessidade, sem que o doente saia do banho.

Simplesmente repugnantes as enfermarias destinadas aos pobres... que pagam, eles ou as Camaras do seu concelho, sendo de graça o banho que é tomado em comum, por grupos alternados de homens e mulheres, n'uma piscina em que a agua chega de pancada.

Desde a porta de entrada do Estabelecimento até á porta que dá saida, ao fundo, para um pateo onde fica a enfermaria dos homens, contei oitenta e dois degraus, o que é magnifico para exercicio de rheumaticos. A meio d'um corredor escuro, como nicho de santa, pinga uma fonte, que é a *buvette* da casa. Quem ali vai com receita bebe aos gramas; quem não leva receita, bebe quanto lhe dá na gana.

Mizeraveis quartos de aluguer, que são ao mesmo tempo casa de jantar, de dormida e salinha de visitas.

Baratos, ao menos?

Uns quarenta e dois escudos por mez, com direito a servir-se da cosinha, que é comum.

Em tempos não muito afastados, estes quartos eram verdadeiros ninhos de ratos, tantos, tão grandes e tão vorazes, que sendo daninhos para as coisas, eram ameaçadores para as pessoas. Procurando remedio áquela praga, a Administração do Estabelecimento encontrou este — alugar gatos, e assim aumentou as receitas.

São de recomendar as aguas de Monchique?

Por certo, visto como, apezar de tudo quanto fica dito, e do muito mais que poderiamos dizer, elas são bastante concorridas, tanto de portuguezes como de

hespanhoes, talvez ainda mais de hespanhoes que de portuguezes. O sitio é pitoresco, agradavelmente selvatico, um trecho de Natureza exuberante a oferecer á Arte motivos d'uma linda decoração scenografica.

A agua, disse-me o poeta Candido Guerreiro, tem maciezas de veludo, quando se usa em banho, e digo eu que é uma delicia bebel-a, muito fina, muito leve, a mais leve, a mais fina agua que ainda bebi.

Aborrecido com as Caldas, aborrecido e indignado, comido o almoço n'uma especie de salão de esgrima, que é o *comedoiro*, á hespanhola, do *Hotel Central*, propriedade do Estado, meto-me na traquitana que me trouxe de Portimão e faço-me de rumo a Monchique, disposto a visitar a Foia.

O dia está quente, mas o céu está limpo ; ha todas as probabilidades de podermos ver a Serra no mais alto grau da sua apregoada beleza.

*

Está um calor de abafar.

Não bole uma folha ; não se vê um farrapito de nuvem manchando o purissimo azul do ar.

Estamos em fins de setembro; cheguei aqui, a Monchique, sempre subindo, e quando esperava encontrar a frescura dos pontos altos, tenho a impressão, fechando os olhos, de que regressei a Aljustrel, que é um fundo de alguidar.

— Os senhores querem ir á Foia ?

Em menos de nada estão ao nosso dispôr dois

burros, um branco ou russo e outro preto, apetrechados á maneira biblica, de cabresto e albarda. O almocreve, rapazote de aponta-barba, tem um ar inteligente, maneiras desembaraçadas, modestamente vestido, como pobre, mas irrepreensivelmente aceiado.

— Não haverá nevoeiro lá para os lados da Serra?

— Não, senhor ; com um oculo, em dias como o d'hoje, vê-se tudo, umas poucas de leguas á roda.

Toca para a Serra.

Para sair da villa, em direcção á Foia, faz a gente a ascensão d'uma ladeira ingreme, a pé, que um pobre burro, pondo-lhe em cima quatro ou cinco arrobas — eu péso seis — estacaria sem dar um passo.

Já quasi fóra da villa escarrancho-me no asno que o almocreve me destina, o mais valente, por ser eu mais pesado que meu irmão, excelente companheiro para estas excursões á pressa. Reconheço imediatamente que a albarda, com as enxergas que lhe puzeram em cima, para almofadar, é larga demais para o angulo que me obrigará a fazer com as pernas, um angulo de quasi cento e oitenta graus.

Caminho de cabras mais que de burros, entalado entre muros de pedra solta, alternando com sebes naturaes, feitas de arbustos que nos agridem a pretexto de nos oferecerem amoras, esta azinhaga por onde vamos, debaixo d'um sol de fogo, bem podia ser uma vereda facilmente praticavel, permitindo aos pobres animais marcharem com certo desembaraço.

Mas não.

Seria certo o trambulhão se mudassem uma pata

sem pedir licença á outra, e esta delicadeza entre as patas dos burros, importa uma lentidão de marcha capaz de fazer o desespero dum santo.

Quando nos vemos livres da azinhaga e dos seus tapumes, respiramos mais livremente, mas os burritos é que não andam mais depressa, e eu sinto que se afroixasse a arreata ao meu, o desgraçado afocinhava — e afocinhava eu com ele.

Não me consta que já algum fizesse este caminho duas vezes — a não serem os burros de Monchique e respectivos almocreves.

Agora já se pode espraiar a vista ao largo, não muito para o largo, porque as serras, altaneiras e penhascosas, encurtam o horizonte, a não ser do lado sul, por uma grande abertura — se não ando errado no que diz respeito aos pontos cardiaes.

A fisionomia d'esta região faz-me pensar na Beira, de serras mais avantajadas, de vales mais amplos e mais aprazíveis, mais cortada de riachos, mas por igual pobre d'agua, nas epocas do ano em que não chove.

Castanheiros, sobreiras e oliveiras são as especies arboreas que enfeitam estas encostas, aqui e além aparecendo um magote de pinheiros bravos, de que se podia e devia ter feito ha muito larga sementeira. A'parte as rochas, e ahi mesmo nasce e cresce a *saxifraga*, a mais ordinaria das figueiras, estou em crer que não ha terra absolutamente insusceptivel de cultura — como não ha homem, por muito bronco que

o figuremos, que não tenha prestimo para alguma coisa, que mais não seja para ministro em ditadura.

Da Serra não ha novas nem mandados; fica por detraz d'outras serras, — n'esta direcção, diz-me o almocreve — e para lá eu deito os olhos anciosos, na esperança de lobrigar um viso, uma crista, uma guarita que me diga — é aqui!

E de cada vez é mais intenso o calor, tão incomodo como só uma vez o senti em Africa, na Zambezia, a passar uma revista de gado, em Bompona. Sinto que não aguentava a jornada sem a protecção do guarda sol, e sabe Deus se esta seria a minha estrada de Damasco, convertido á orthodoxia de a Igreja por efeito duma insolação — como sucedeu a S. Paulo.

Não direi que o caminho é de cada vez pior, porque desde o começo ele é pessimo; mas recordo todos os maus caminhos por onde tenho andado — *honni soit* — e constato que o pior de todos é uma passadeira de veludo comparado com este, que já me parece não ter fim.

Oiço um marulhar d'aguas correntes, que julgo vir d'um macisso de castanheiros, a pouca distancia da carreteira, e mal resisto á tentação d'ir lá procurar um pouco de frescura, estendido na sombra das arvores, bebendo *á canis* no regato que ali passa, talvez uma ribeira que com as chuvas do inverno, quando enche, tenha ares de rio caudaloso.

Avista-se um bocado da estrada de Saboia, que me dizem ser interessante, e avisa-me o almocreve

de que preciso manter a arreata tensa, porque o caminho agora é a descer, e facilmente o burrito afocinha — e eu com ele!

Não me espanta nem me deslumbra o espectaculo d'estas serras, em primeiro logar porque são modestas em tamanho, e em segundo logar porque lhes faltam predicados scenograficos, que poderiam tornal as interessantes. Mas demoro os olhos, com prazer, no imenso vale, bipartido, que se desdobra na minha frente, e vou-os erguendo, lentamente e sempre com agrado, pela encosta acima, cultivada em socalcos, bem amanhados e verdejantes, até onde deixa de haver terra para só haver pedra bruta.

O caminho agora é lagiado, á maneira das velhas estradas romanas, o que obriga o burro a caminhar com todas as cautelas, para evitar um escorregão. E o calor parece-me ser de cada vez mais intenso, um calor da zona torrida, que erradamente os livros situam entre os tropicos.

Resisto á tentação de me acolher a um monte que fica á beira da estrada, e instintivamente desvio os olhos d'uma eira para secagem de milho, a estas horas já completamente sêco, visto que está um homem, armado de mangual, a zurgir as massarocas. Penso de mim para mim que se me apanhasse á sombra, a pingar suor, a boca resequida, já de lá não saia, senão pela fresca, não para continuar o passeio até á Foia, mas para regressar a Monchique.

Aqui se nos depara um pequenino tanque, alimentado por uma fonte que não se vê, constantemente a

jorrar, e diz-me o almocreve que aquela agua é tão fina, que não se pode beber de gole.

Ocorre-me esta legenda, em verso, n'um chafariz á beira d'uma estrada, no Alemtejo, devido á benemerencia d'um proprietario rico:

Quem mandou aqui pôr isto?
Francisco.

Quem te trouxe d'onde sorges?
Borges.

Quem furou o Monte Duro?
Maduro.

Saibam todos pró futuro,
Para gaudio dos passageiros,
Que aqui gastou seus dinheiros
Francisco Borges Maduro.

Deixamos a estrada e enfiamos em direitura ao alto da montanha pelo caminho mais curto e mais facilmente praticavel.

O burro firma-se agora melhor nas patas, e apressa um bocadinho a andadura... comigo atraz.

Encosta suave, sem outra vegetação além do tojo, aproveitado para fazer estrumeiras, visto não ter outro prestimo.

Esperava encontrar a Foia muito diferente do que é, de contornos bem definidos no seu relativo isola-

mento, monte acuminado e penhascoso, com um marco geodesico, muito alto, muito branco e muito esguio, a lembrar as flechas d'uma velha catedral gotica.

O alto da Foia é uma chan relativamente grande, abundantemente semeada de pequeninas rochas que mal afloram, e a guarita, em piramide quadrangular, negra da pedra de que é feita, não tem a graça dum remate, nem sequer tem a utilidade d'um album em que os visitantes da Serra deixem registo da sua presença, o que seria facil e interessante, caiando-a.

Sopra um vento forte que vem dos lados do mar, e isso tempera as ardencias do sol em brasa, d'uma radiação de fornalha acesa. Céu limpo; horisontes largos; só nos longes mais afastados, quasi fóra do alcance do binoculo, uma especie de gaze violeta desdobrando-se por sobre as coisas.

Passeio a vista, reforçada com lunetas e binoculo, pelo vasto panorama, excessivamente vasto para que nos impressionem os seus mais curiosos detalhes — é como se olhasse para uma carta em relevo, já ilustrada com paisagens, utilisada a fotografia nos levantamentos topograficos.

Não me sinto emocionado, nem comovido. Esta Natureza não é grandiosa nem é futil; não suscita admiração, nem provoca desdem. E' uma Natureza aprazivel, d'um bucolismo virgiliano. Os picos não topetam as nuvens, e mesmo os que são coroados de rocha, não agridem a vista. As ravinas são modestos rasgões, que mesmo de noite, cheias de sombra, não

fazem pensar em abismos. Estou a lembrar-me, pelo contraste, do Alto-Alemtejo, de terras asperas, dominadas pelo Marvão, erguendo-se em frente de S. Mamede, sob todos os pontos de vista mais interessante que a famosa serra algarvia.

Torno a bifurcar-me no burro, e como para baixo todos os santos ajudam, espero gastar menos tempo d'aqui até Monchique do que gastei de Monchique até aqui, e menos tempo é menos calor, menos incomodo, menos aborrecimento.

Este passeio de regresso, se o fizesse já no cair da tarde, o sol ainda alto, mas já muito diminuida a sua radiação calorifica, talvez me fizesse ver as coisas com mais agrado, menos duros os contornos, menos violentas as côres, em tudo um ar de recolhimento ascetico, quasi devoto, propicio á meditação, ao sonho, ao extase.

Se me preguntarem agora, depois do que fica dito, se vale ou não vale a pena visitar a Foia, responderei, como na velha teologia, distinguindo.

Nunca ha a certeza, subindo á Foia, de encontrar o horizonte limpo, mesmo em pleno verão, e com uma atmosfera enevoada, tanto faz subir lá como não subir. Isto quere dizer que não vale a pena tentar semelhante passeio a não ser no tempo quente, dos principios de junho a fins de setembro, sendo preferivel tentá-lo em julho e agosto, afrontando os rigores caniculares.

Mas com o horizonte limpo, com a atmosfera sem

turvação, quieta e diafana, o espectaculo que se gosa do alto da Serra compensa do afadigoso trabalho de lá ir?

Não compensa.

O caminho é horrivel; os burrinhos fazem prodigios de equilibrio para não afocinharem a cada passo, e peor ainda na descida que na subida. A marcha, n'estas condições, tem de ser lenta, desesperadoramente lenta, a marcha d'um caracol subindo um muro.

Emquanto o caminho fôr o que é, melhor adaptado ao transito das cabras que dos burros, garantimos ao leitor que não vale a pena ir á Foia, que fica — a distancia mede-se pelo tempo gasto em percorrel-a — a mais de duas horas de Monchique. Mas não seria preciso gastar mundos e fundos para tornar o caminho transitavel, e Monchique é que sabe se lhe vale a pena entrar n'essa despeza, sacrificando á hypotese do turismo dinheiro que poderia ter, não sabemos, mais util aplicação.

·

Só de ver o automovel entra em mim uma alma nova, quasi sem poder com as pernas, os joelhos ankilosados, a cabeça esvaida, como se nada tivesse dentro. Baixou um pouco a temperatura, coisa de nada; não se vê bolir uma folha; as brisas do mar não se fazem sentir a uma distancia tão grande.

Delicio-me a beber um grande copo d'agua, nas Caldas, agua que não pesa no estomago, ainda que se beba aos litros.

Pois ha quem a beba aos gramas — pagando a inscrição!

Desejaria muito dar imediatamente por terminada esta visita ao Algarve; mas quando chegamos a Portimão, já o rapido tinha partido, isto é, o comboio que em Tunis liga com o rapido de Vila Real, aquele famoso rapido que só por um milagre de organisação dos serviços ferro-viarios tem conseguido, de ha mezes a esta parte, dar vasão á onda americana, que tem ido rebentar em Sevilha, conforme era de prever.

Cinco milhões de americanos!

E escreveu-se isto, repetidas vezes, nos jornaes, creando uma ilusão perigosa para os interesses de muita gente.

Como tenho que passar uma noite em Portimão, cidade de fresca data, resolvo ir para a Praia da Rocha, onde pouco mais havia, ha poucos anos, no respeitante a edificações, que o famoso Hotel Viola, instrumento singularmente desafinado, onde abundavam os hospedes de todo o ano, á espera dos hospedes da temporada, — espalmados e sugadores.

E' a primeira vez que visito Portimão depois que d'esta villa grande fizeram uma cidade pequena.

Não a acho diferente do que era, talvez um bocadinho mais limpa, mais caiados os seus prédios, mais cuidadosamente varridas as ruas e praças. Então, uma só ponte atravessava o rio; o caminho de ferro tinha

a sua estação *terminus* onde hoje é a Estação de Ferragudo, na margem esquerda do rio.

Agora ha, para cima da antiga ponte, toda em ferro, a ponte destinada exclusivamente aos comboios, com uma Estação que não envergonha a cidade.

O peor de tudo, para mim, é que já aqui não encontro, porque morreu, o dr. Ernesto Cabrita, meu devotado amigo e, como poucos, devotado correligionario.

Clinico de excepcionaes merecimentos, tendo marcado a sua passagem pela Escola Médica, com afirmações de altissimo valor, o dr. Ernesto Cabrita foi, por largos anos, o medico mais reputado do Algarve, ouvido em todos os casos dificeis, quando se tratava de doentes que podiam ter mais d'um medico á cabeceira e convocavam em conferencia algum Esculapio afamado.

Havia n'ele uma coisa que, pelo menos, igualava a sua competencia — era a sua generosidade.

Pagava-lhe quem queria, e jámais um doente sumitico discutiu, achando-a exagerada, uma conta que ele apresentasse.

Teve a União Republicana, no Algarve, devotados partidarios, e o dr. Ernesto Cabrita, que, por temperamento, não era homem para as brigas politicas, foi dos seus mais altos valores morais, acompanhando-a em todos os seus movimentos, contribuindo para lhes dar auctoridade e prestigio.

Tantos que já se foram!

Abriu a marcha funebre o Zacharias José Guer-

reiro, um amigo desde o Lyceu, inteligencia robusta, caracter primoroso, republicano de sempre. Era algarvio o general Silveira, unionista em quem a dedicação pessoal igualava, se é que não excedia, o devotamento partidario, capaz de o levar aos maximos sacrificios. Preguiçoso de espirito, não adquira uma larga e solida cultura; mas como que adivinhava o que não aprendera em horas de aturado estudo, por forma que sempre a sua opinião era digna de ser escutada, e só por excepção o seu conselho deixava de ser seguido. E a graça que tinha o pobre Silveira, sempre de bom humor, tendo amealhado, desde os seus tempos de cadete, uma colecção de anedotas de varia especie, farnel para a velhice, que ele dispendia a mãos largas. Foi um distinto Ministro da Guerra, e teria realisado uma grande obra na gerencia d'essa pasta, se desvairados politicantes não tivessem erguido no seu maminho insuperaveis obstaculos, que o obrigaram a cair... de pé.

Pois já não encontro em Portimão o dr. Ernesto Cabrita, ainda estudante quando o positivismo de Comte começou a ser conhecido em Portugal, enfileirando ele, com o Bettencourt Raposo, Julio de Matos, Corrêa Barata e outros, na pequena falange dos positivistas portuguezes, entre os quais, diga-se em honra da nossa mentalidade, não havia laffitistas.

No Hotel, o antigo hotel Viola, não encontramos alojamento; mas na Pensão Oceano, lá adiante, ha dois quartos disponiveis, mobilados á francicana, os

que pouco nos importa, porque uma noite bem se passa.

Se temos chegado na vespera, caíamos em pleno arraial, com uma procissão de milhares de pessoas acompanhando Santa Catharina á praia, cada qual procurando um logar junto do andor, para vêr a benção do Oceano.

— Muita gente ?

— Umas cincoenta mil pessoas.

D'ahi a pouco outro informador corrigia este destempero, exagerando ainda.

— Deviam ir na procissão umas vinte mil pessoas.

A' noite, depois do jantar, já este numero sofrera grande redução, e na manhã seguinte, extinto todo o rumor da festa, já os devotos não seriam mais de quatro a cinco mil, o que representa, ainda assim, para Santa Catarina, um triunfo assignalado.

Mais milhar, menos milhar, a coisa certa é que nunca a Praia da Rocha fôra tão concorrida, nunca Santa Catharina vira nos arredores da sua Igreja e seguindo o seu andor tamanho numero de devotos.

O caso interessante, verdadeiramente digno de registo, foi como vou expôr.

Ha muito tempo que a sardinha falta nas costas do Algarve. A razão do facto não é conhecida; mas o facto é da mais triste e irrecusavel autenticidade. Ora o mar é o terreno mais productivo do Algarve; quando a pesca falha, anda a mizeria a rondar a porta do aflito pescador.

Lembraram-se, então, os maritimos de Portimão, devotos como todos os homens do mar, de promover uma grande festa em honra de Santa Catharina, festa a que acorresse gente de todo o Paiz algarvio, os de sotavento como os de barlavento, irmandados todos na mesma desgraça, incendidos todos na mesma fé, alentados todos pela mesma esperança.

Assentaram os pescadores, d'acordo com os respectivos industriais, em que ninguem iria para o mar no dia da festa, inteiramente dedicado a homenagear a Santa.

Houve, porém, um industrial, não menos devoto que os outros, mas de crenças mais raciocinadas, que não adheriu ao pacto, ordenando imperiosamente que todos os seus cêrcos trabalhassem.

E o que sucedeu ?

Sucedeu que, por milagre de Santa Catharina, a sardinha apareceu nas aguas proximas, e apareceu em tão grande quantidade, que se calculava ter esse industrial colhido nas suas rêdes, n'aquele dia festivo, qualquer coisa como cento e vinte contos de pescado.

Mas então o milagre...

O milagre fez-se, e satisfatoriamente o explicou o sacristão de Santa Catharina, relatando o que á santinha ouvira, depois de recolher a procissão.

— Pediram-me sardinha, e ela apareceu ao alcance das suas rêdes. Quem os mandou ficar em terra quando deviam ir pr'o mar ? Os que mais confiaram no meu poder e na minha piedade, foram

para a labuta da pesca, e de lá voltaram mais robustecidos nas suas crenças e mais remediados nas suas faltas. O trabalho honrado, o trabalho segundo a lei de Deus, é a oração mais eficaz que pode resar um crente, a que os santos mais gostosamente levam perante o altissimo, intercedendo pelos pecadores.

No dia seguinte, já nas aguas proximas não havia sardinha, e fazia dó ver a cara desolada dos mizeros pescadores, varando na praia as suas barcas vazias.

A Praia da Rocha merece a reputação que tem, Praia d'uma beleza scenografica como outro igual ainda não vi — e alguma coisa tenho visto do que ha por esse mundo. Praia larga e extensa, abrigada de todos os lados, aberta sobre um mar que é um lago sem fim, em que se pode tomar banho, de manhã á noite, com qualquer tempo, sem perigo.

Ha efeitos de luz, no Algarve, de que apenas se apercebem as retinas privilegiada, e ainda assim, para o conseguirem, carecem de os procurar com a maior paciencia, a horas diversas e em meios diferentes, variandc as condições da observação, como se fazem variar, n'outro campo e para outros fins, as condições da experiencia.

A otica dos livros precisa ser corrigida pelos pintores, como a acustica da fisica precisa ser corrigida pelos instrumentistas e cantores.

Na obra de Falcão Trigoso acha-se abundante-

mente e brilhantemente comprovada a minha afirmação com respeito á luz algarvia, e a mais d'um critico eu tenho ouvido censural-o por *inventar* côres e matizes que lhe feriram os olhos, andando a procural-as com paciencia de beneditino.

Por muito tempo eu estive convencido de que Puvis de Chavannes não observara a luz que puzera no seu admiravel quadro —*Santa Genoveva velando sobre Paris.*

Uma tarde, nos começos do outomno, eu saí de casa, na *Rua da Sorbonne* para ir ao Odeon comprar papel de cartas. Distraidamente subo o boulevard de S. Michel, e quando já estava ao pé do Luxembourg, olhando as grandes arvores do jardim estaco, surprezo e deslumbrado, porque me enchia os olhos aquela luz de Puvis, no seu quadro referido.

A luz que enche a Praia da Rocha, a qualquer hora do dia, é rica de tons, luz que lhe vem do mar e da atmosfera, da rocha e da areia, subtil como um perfume errante, coada por filtros magicos.

Pelo *Buraco da Avó*, quando a maré o permite, entra-se na chamada *Praia das Mezas*, e faz pena que estas duas Praias não estejam coalhadas de barracas; que no entardecer, quando o sol já não aquece mas ainda fortemente ilumina, não as encha de bulicio alegre, de sádia e estrepitosa desenvoltura, uma gárrula multidão de banhistas. Pois em toda esta linda praia, em pleno verão, ha apenas seis barracas, e não perfaz duas duzias o numero de pessoas que aqui vejo á hora do banho, e ainda d'essas, algumas,

são aves de arribação — chegam — pela manhã e retiram á noite.

Tempos houve em que as Praias eram frequentadas por quem tomava, por necessidade ou por gosto, banhos de mar; ainda por muitos dos que, em longos mezes de labuta, tinham consumido energias que precisavam refazer para continuarem labutando. Se havia quem procurasse as praias muito concorridas, naturalmente aquelas em que era mais provavel encontrar amigos e conhecidos, e mais facil estabelecer novas relações, tambem havia quem preferisse as praias de menor frequencia, modestas praias em que se andava á vontade, sem preocupações d'um luxo que, além de ser caro, é incomodo.

Hoje o caso é diverso.

As Praias, no nosso tempo, isto é, na actualidade, são verdadeiramente mostruarios de toaletes e exposições de *jeunes filles á marier*. Podiam ser, algumas d'elas, Academias de esculptura, em que se inspirassem os artistas e se educasse o gosto do publico a admirar a elegancia das linhas curvas e as tentações da beleza plastica.

Mas não.

Novas e velhas, casadas e solteiras, gordas e magras, todas as mulheres vestem pelo mesmo figurino, isto é, todas se *despem* pelo mesmo modelo, todas fazem a mesma *étalage* de pernas, braços e seios, da indumentária conservando apenas o bastante para que a policia lhes não embarace o transi'o.

Em duas grandes cathegorias se podem classificar

as pessoas que frequentam as praias — a das pessoas que ali vão... para ver, e a das pessoas que ali vão para serem vistas. Tambem ha quem frequente as praias, uma ou outra praia modesta, para tomar banhos, por expressa recomendação do medico, ou simplesmente para encher os pulmões de bom ar maritimo. Esta clientela é muito reduzida, geralmente pouco abonada, com habitos de economia domestica de que não se desembaraça quando veraneia. A *Praia da Rocha* é linda; mas nem sequer é a unica Praia do Algarve, havendo, até, quem lhe prefira o Monte Gordo, que não precisa de licença de ninguem para ser uma das melhores praias do mundo.

Não é comodo nem é barato viver na cidade e ir tomar banhos á Praia; ir passar umas horas na Praia, de manhã, mesmo sem tomar banho, ou umas horas de tarde, a fazer vontade de jantar, estendido na areia, confundido ou isolado na multidão, no agradavel convivio de pessoas que as circunstancias reunem em transitória intimidade, e que sendo umas das outras desconhecidas, até hontem, ámanhã se crusarão na rua, aqui ou além, como se não se conhecessem.

Por ora, na Rocha, ha uma Avenida, um pequeno hotel, e um Casino, áparte algumas casas modestas de habitação, dominando tudo um *chalet* monumental, com uma linha arquitetonica de muita distinção.

E' pouco.

Mas poderá ser mais?

Sem duvida, se o bairrismo algarvio quizer que a

Praia da Rocha seja aquilo que pode ser, por especial favor da Natureza.

Muito mais facil teria sido fazer Monte Gordo, chamando para ali muitos veraneantes da Extremadura e da Andaluzia, sem contar com uma bôa clientela do districto de Beja, uns levados pelo comboio, outros descendo o Guadiana.

Villa Real não soube ver, a tempo, que fazer Monte Gordo era servir os seus proprios interesses, tanto mais bem servidos, quanto mais aquela ampla, magestosa Praia se desenvolvesse.

E' de recear que suceda coisa parecida com a Praia da Rocha, em relação á qual Portimão é como certas mães invejosas da beleza, da mocidade e da frescura das filhas.

Ha anos principiou-se na Rocha a construção d'um Hotel, um grande Hotel, um Palace, parando as obras pouco depois de começadas, por falta de dinheiro. Talhou-se á grande, na inteligente previsão d'uma onda de Turismo, que viesse dos Paizes ricos alastrar nas costas do Algarve. Era de esperar que essas obras se concluissem agora, por motivo da Exposição de Sevilha, contando com os americanos de revêso, em numero de alguns milhões!

Em Portugal, e desde ha muito, ha pessoas inteligentes convencidas de que basta a um Paiz ter bôas estradas e bons hoteis para ser, querendo sêl-o, um Paiz de turismo. As estradas, antes do prodigioso desenvolvimento que tomou o automobilismo, valiam menos, sob este ponto de vista, que os hoteis, o pon-

to era os caminhos de ferro transportarem os viajantes com rapidez e comodidade.

Presentemente só utilisa os combcios quem não dispõe d'um automovel, ou não tem á mão, para o serviço do publico, uma camionete que, por uma bagatela, o leve d'aqui para ali, com a cabeça rachada ou com um braço partido, isso é outra coisa, mas proporcionando lhe a maneira de com menor dispendio e a horas mais comodas, fazer as suas excursões, a tratar de negocios ou simplesmente a divertir-se.

Quanto aos hoteis...

O turismo com que nós podemos contar é o interno, e convém, para evitar perigosas ilusões, não esquecer que a nossa população é escassa, e o numero de pessoas que podem deslocar-se a dentro das fronteiras, fugindo ao ram ram caseiro para fazerem turismo, é muito diminuto. Essas pessoas, sem habitos de estroinice cara, fazendo sem ostentação a sua vida ordinaria, economicas sem avareza, repugnando-lhes, por indole e por educação, atirar dinheiro pelas janelas fóra, tão pouco civilisadas que não gostam que as roubem, essas pessoas exigem apenas, nos hoteis em que se abrigam, aceio e comodidade, uma cosinha que nem relativamente á quantidade, nem relativamente á qualidade da alimentação, as faça ter saudades do seu *pot au feu*. Ha uma coisa, sobretudo, que o nosso *touriste* não pode levar á paciencia — é que no Palace de Lavabaros, por exemplo, lhe apresentem uma conta como no *Avenida Palace*, de Lisboa.

Admite se lá que n'uma Provincia onde ha bôa fruta, como no Algarve, na mesa dos seus hoteis se apresentem uvas, pêras ou maçãs que, começando por serem desagradaveis á vista, acabam por ser repugnantes ao paladar?

As arvores que Deus fez nascer da terra, na criação do mundo, eram agradaveis á vista, e os seus frutos saborosos. Se a maçã não fosse a mais linda fruta que havia no Paraizo, enfeitiçando os olhos e por eles excitando o paladar, talvez a mãe Eva tivesse resistido á tentação, o que obrigaria a serpente a mudar de tatica para a induzir em pecado.

A facha que se estende do Castello de Santa Catarina até ao extremo da Praia das Mêsas, deveria ser uma varanda aberta sobre o mar; mas parece que a tendencia é aproveital-a, o que já se fez, em grande parte, para ruas ou avenidas, o que sem duvida valorisará os respectivos terrenos, com preuizo da esthetica.

A esplanada do Castelo poderia ser aproveitada, prolongando-se a Avenida até lá, como um eirado que ali deixassem os mouros, e que os banhistas agora utilisassem para o á vontade das conversas *inter amicos*, em noites calmosas e luarentas. Em frente, do outro lado do rio, encarrapitado n'uma ponta de terra que entra pelo mar dentro, fica o Castelo de S. João, propriedade do Estado arrendada por noventa e nove anos a um particnlar.

— E vive ali, o castelão?

— Passa a maior parte do tempo em Lisboa. Agora está cá. O dr. conhece-o, com certeza.

— Quem é ?

— O dr. Coelho de Carvalho.

— Conheço, de vista. E' uma das victimas da dictadura.

— E' verdade. Passou de dois mezes que o tiveram preso no Aljube. Nunca se soube porquê.

— Ouvi dizer que o governo o considerava perigoso, por ser chefe d'um grupo de revolucionarios civis atingidos pelo limite de idade.

São quasi seis horas da tarde quando o comboio, vindo de Lagos, sae da gare de Portimão, cheias todas as carruagens de segunda e terceira. Faz calor á beira do rio, como na orla d'uma charneca em chamas.

Vou notando detalhes da paisagem, muito diferente da paisagem minhota, diferente tambem da paisagem da Beira, e em nada semelhante á paisagem alemtejana, mais sevéra, para não dizer mais aspera, menos cariciosa á retina. Terras vermelhuscas; entre Poço Barreto e Alcantarilha o maior figueiral que ainda vi, todo murado, como se fosse uma horta ou um jardim, as figueiras em esquadria, rigorosamente em linha. As amendoeiras, completamente nuas, dão-me a impressão d'arvores reseças, perdidas para a floração, por já não circular nos seus vasos esclerosados ceiva abundante e fecunda.

Partimos de Tunis ainda com bastante sol; até S.

Bartholomeu de Messines quasi não se notam acidentes de terreno, e a planicie, coberta de restôlho entre branco e amarelo, dá-me a falsa impressão de que vamos atravessando terras transtaganas, salpicadas de montado, azinho e sôbro.

Escurece; o tempo refrescou.

Fecho os olhos sem ter somno, e estendo-me para só me erguer na Estação em que havemos de sair, fazendo o resto da jornada em automovel, coisa de poucos minutos, uns quinze ou vinte!

Uf!

Sinto a impressão, ao meter-me na cama, de que me tiraram de cima... a Serra de Monchique.

Escalda-me a boca, como se tivesse febre, e tenho por certo que bebendo agora, fresca como na fonte, um grande copo de agua das Caldas, a mais leve, a mais fina agua que ainda bebi, tenho por certo que levaria a noite d'um somno, dormindo como um justo.

Pelos campos

Céu nublado, calor humido, ares de trovoada. As searas, em ondas de grande amplitude, dão aos campos a aparencia d'um *mare magnum*, e os casaes, os *Montes* em que o lavrador habita, alguns ainda no velho estilo, outros de construção moderna, inculcando desafôgo e comodidades, são bem os raros navegantes do poeta mantuano, aparecendo *in gurgite vasto.*

Com as excepções do estilo, os Montes da minha infancia, eram *palhotas* de taipa batida, cobertas de telha vã, de forma rectangular. A *casa de fóra*, casa de entrada, era a peça principal, a mais espaçosa, porque era ao mesmo tempo cozinha, rouparia e casa de jantar. Por via de regra os amos comiam junto da chaminé, os criados em frente da porta, e em pouco diferia a comida d'uns e outros, a não ser na qualidade do pão, que para os criados era de toda a farinha, e para os amos era de farinha espoada. A sobremeza era um luxo a que não se davam os la-

vradores, a não ser melão ou melancia, os que faziam horta; uvas, os que tinham vinha, mas então os criados, raras vezes ao almoço, com bastante frequencia ao jantar, participavam d'este luxo culinário. O advento do guardanapo nos usos quotidianos do lavrador, marca o inicio d'um periodo de civilisação ainda decorrente, e a que corresponderá, mais cêdo ou mais tarde, o uso do garfo, em Africa, pelo grosso da população indigena. Tambem o copo chegou muito tarde á mesa do lavrador; o pucaro e o cocharro, menos quebradiços que o vidro, de maior duração e menor preço, eram a jarra que servia ao lavrador para beber agua, muitas vezes servindo de pucaro a tampa dos cantaros de cobre, com aza, de maior capacidade que as quartas, em barro cozido. Comia-se a sopa com o garfo, e bebia-se o caldo pelo prato, bebendo-o a ganharia pela tijela, porque á sua mesa só ia um prato — o que servia para a carne e legumes, prato de grandes ou pequenas dimensões, conforme o numero de servos a que o patrão dava comida.

N'alguns Montes, o meu era um d'eles, tambem a *casa de fóra* era casa de amassaria. Ali se peneirava, ali se amassava e tendia; ali se cardava a lã; ali trabalhava o mestre sapateiro, quando o mau tempo o não deixava trabalhar na rua, ao abrigo d'uma parede, cantando e batendo sola, praguejando á sua vontade quando a sovela não furava ou a *linha* era quebradiça.

O quarto em que dormiam os lavradores, por via de regra o mais geitosinho, servia para receber as

visitas de ceremonia, atapetado com uma esteira algarvia, que se conservava enrolada para servir em tão solemnes ocasiões. Bem entendido, as visitas que não eram de ceremonia recebiam-se na casa d'entrada, e logo a lavradora apresentava uma garrafa e um copo, o mesmo para todos, beberricando os cavalheiros, emquanto as madamas se entretinham vendo os luxos e a opulencia da casa — fazenda para casabeques ou vestidos; lenços de sêda ou de algodão comprados nas lojas ou aos tendeiros; muitos côvados de pano de linho para lençoes e toalhas.

Quando havia filhos e filhas, os rapazes dormiam n'uma casa, que tambem servia para arrumação de caixões, arcas de empreita, cheias de trigo ou farinha, produtos da industria algarvia. As raparigas, com as criadas, dormiam n'outra casa. Deus conserve por muitos anos e bons a quem dormiu, até ir para os estudos, no *Monte das Mesas*, em cima de um enorme caixão de castanho, sem fechadura, encostado á parede, junto á mesa dos ganhões!

O lavrador, nos velhos tempos que rememoro, não tinha o sentimento do conforto; considerava timbre da sua classe privar-se de quanto lhe não era necessario, de tudo o que fosse além das rudimentares necessidades dum campónio, embora tivesse bastante de seu.

Não havia jornaleiro que usasse lenço de assoar, como não havia, com poucas excepções, mulher de jornaleiro que usasse meias. O homem assoava-se aos dedos — lenço de cinco pontas — e limpava-os aos safões,

ás calças, ao punho da jaqueta, quando a tinha vestida, sacudindo-os primeiro, no ar, n'um gesto rapido. Tambem as mulheres se assoavam aos dedos, como os homens, as mais perluxas assoando se ao avêsso do avental, se adregava trazerem-n'o.

Hoje todos os homens do campo usam lenço, todas as mulheres e raparigas usam meias, não a classica meia de linha feita nos vagares do trabalho á jorna, mas a bôa meia de algodão mercerisado, as mais pinponas indo até á meia de sêda, em dias festivos.

O lenço, nos tempos quasi biblicos em que decorreu a minha infancia de labroste, o lenço de assoar, era um objecto de luxo, tanto nos homens como nas mulheres, nos homens enchendo-lhes uma algibeira da vestia, com uma ponta de fóra, ou então entalado na cinta, como hernia mole, e nas mulheres servindo para o terem na mão, um pequeno lenço branco, muito dobradinho, a que nem sequer limpavam o suor, no verão.

*

Corre o automovel pela estrada poeirenta, em vias de reparação, e o dr. Moura Pinto, entre surprezo e pasmado, cança os olhos a passeal os pela campina sem fim.

— O Alemtejo não é uma Provincia, é um Paiz.

Ligeiros acidentes de terreno, aqui e além, parece que interrompem a planicie, sem fecharem o horizonte, que recua á medida que a gente avançou.

Resentem-se as searas da falta d'agua; os prados ainda verdejam, matisados de mil côres, mas vê-se que secarão de todo, em breves dias, se ás preces, a pedir chuva, Deus fizer ouvidos de mercador.

Não se pode dizer que sejam rebanhos biblicos, os de Absalão, por exemplo, os rebanhos que vemos, a um lado e outro de estrada, enchendo a boca d'erva, nedios a esticar a pele; mas o dr. Moura Pinto evoca os rebanhistas da sua Beira, e calcula que a pecuária alemtejana entra por muito na riqueza da Nação. A verdade é que o Alemtejo, podia ter uma abundancia muito maior de gado, tão grande que chegasse, pelo menos, para as necessidades do Paiz. Fazendo a conta ao numero de cabeças que corresponde a cada kilometro quadrado, facilmente verificamos que esse numero é muito inferior ao de Paises que não podemos considerar mais aptos, por favor de Natureza, que o nosso, sob o ponto de vista armentifero.

Não ha um palmo de terra desaproveitada; a que não verdeja de trigo, cevada ou aveia, está preparada devidamente para as sementeiras do ano proximo, excepção feita, bem entendido, das terras coitadas para pascigo. E isto causa admiração ao dr. Moura Pinto, informado de que a lavoura, n'esta vasta região, essencialmente agricola, se faz a sangue, isto é, pelo emprego dos animaes de tiro, a começar no boi e a acabar no burro.

O Alemtejo é, de todas as provincias de Portugal, a de mais escassa população, que não será facil au-

mentar conservando-se o regime de propriedade que tem, regime de concentração á moda antiga da Russia, a que só poz termo a brutalidade revolucionária que gerou o bolchevismo. Na Inglaterra, paiz de latifundios, ainda não ha muitos anos havia *land-lords* possuidores de mais de quinhentos mil hectares de terra cultivavel! Parcelar a grande propriedade, não indo até á pulverisação, é aumentar o numero de proprietarios, isto é, crear nucleos familiares que aumentem rapidamente o *quantum* da população.

Actualmente só fala dos incultos do Alemtejo quem não conhece a provincia, o alfacinha que em tempos ouviu falar das charnecas alemtejanas e se aferrou á ideia, inteiramente falsa, de que elas ainda hoje cobrem, para regalo das cabras, dos coelhos, raposas e lobos, regiões sem fim.

Que seja possivel tirar do chão cultivado um rendimento maior, é coisa que ninguem contesta; mas falar de incultos n'uma provincia tão largamente cultivada, é dispauterio fóra das marcas — mesmo que as marcas sejam colocadas a grande distancia umas das outras.

Corre o automovel pela estrada poeirenta, em vias de reparação; as searas ondulam, os trigos e as aveias, ainda verdes, mas já sentidas de falta d'agua; a temperatura baixou um pouco, quasi nada, e o vento rodou para as bandas do leste, nublando-se mais o céu em todos os quadrantes. Dizia-se

n'outro tempo: — Quando Deus queria, do pego ventava e do norte chovia.

Anda tudo muito mudado do que era; mas ainda ha uns signaes quasi certos de chuva, e isso levou o Patriarca a decretar preces — como se Deus não soubesse que a estiagem, a prolongar-se, nos daria mais um ano agricola ruim.

A minha irreligiosidade vem de longe, dos primeiros anos do Lyceu, e recordo-me de alguns cachações paternos no decurso de philosophicas contraversias, discutindo principios ou mandamentos da sagrada theologia.

— Porque é que os lavradores não pedem a Deus que lhes encha os celeiros de trigo, em vez de lhe pedirem bôas colheitas?

Meu pai, homem de letras gordas, nas suas discussões comigo, ainda franganote, empregava frequentemente o argumento *ad-hominem*, ás vezes sob a forma de puxão de orelhas. As suas crenças eram sinceras; o seu culto esterno era modesto, impregnado da modestia de toda a sua vida. Tinham-lhe ensinado, em pequeno, as vulgares doutrinas da Santa Madre Igreja, e como em grande nada aprendera que corrigisse essa deformidade do seu espirito, criou os filhos como o tinham criado a ele. Porque tinha por verdades absolutas, verdades reveladas, as pretendidas verdades da Igreja, negal-as parecia-lhe negro pecado, justificativo de condenação eterna; não observar os preceitos e mandamentos de Deus, ensinados na letra do cathecismo e na catequese dos

reverendos, afigurava-se-lhe ser falta grave, impeditiva de entrada no céu, logo a seguir á morte, sem estagio no purgatorio.

Não podendo discutir comigo, porque ainda sabia menos do que eu, limitava-se a pôr-me objeções, e quando as minhas respostas lhe cheiravam a irreverencia, ou me admoestava com severidade, ou me castigava com brandura.

Uma noite, corria o mez de julho, estavamos deitados em cima do calcadoiro, guardando a eira, emquanto os ganhões ceavam, eu, meu pai e minha mãe.

O céu, recamado de estrelas, como o diria um vate romantico, tinha a côr violeta das ametistas, e a lua, muito redonda e muito branca, parecia a hostia consagrada sobre o altar do infinito, com diria o sr. Leonardo Coimbra.

— Está muito bonita a Estrada de Santiago — disse meu pai, os olhos cravados na constelação que tem este nome.

— A estrada de Santiago?... Onde é?

Apontando com o dedo, desconfiado da inocencia da pergunta, meu pai respondeu:

— E' aquela.

— Pode ser que eu esteja enganado; mas parece-me que aquela estrada não é a de Santiago, é a de Odemira.

— E' muito engraçado, o menino! Se é isso que lhe ensinam no Lyceu, dou por bem empregado o dinheiro que me custa.

Passados alguns minutos, como se reatasse uma conversa interrompida, monologou:

— Tudo o que existe, alguem o fez. Se Deus não é o autor de todas as coisas criadas, quem foi então que as criou?

— Eu não fui; mas se tudo quanto existe foi criado, alguem criou Deus, antes d'ele criar o mundo.

— Cale se, não diga asneiras... Não sei onde me tenho, que lhe não arranco uma orelha.

Se entre ambos não estivesse minha mãe, sempre tinha apanhado a minha conta.

*

Já o dr. Moura Pinto se ia convencendo de que não há flores silvestres nesta região alemtejana, quando os olhos lhe caem sobre um tapete ricamente colorido, como se fosse uma tela de mestre paisagista, tendo realisado uma fantastica combinação de côres. Mais adiante, o vermelho das papoulas destaca n'uma seara de trigo, como grandes pingos de lacre no verde d'um tapete movediço.

Uma pequenina mancha de esteva curta, constituindo reserva de lenha para o fôrno, sorri aos nossos olhos na brancura da sua flor de intenso aroma, tocada de vaga melancolia. É vêr uma chãsinha entre duas pregas de terreno, e logo o doutor Moura Pinto afirma que ali há agua, mais funda ou menos funda, pouco importa, mas há ali agua em quantidade

suficiente para satisfazer as exigencias d'uma horta ou pomar que alegrasse os olhos de quem passa e garantisse um bom rendimento a quem o possuisse.

— Se isto fôsse meu!...

O alemtejano é um animal essencialmente carnivoro; se o sujeitarem á alimentação vegetariana do homem da Beira, morre de inanição. A carne é que põe carne. Este aforismo de carniceiro deve ser de procedencia alemtejana.

Sousa Martins, citava-o aos seus alunos, e fazendo-lhe a critica merecida, não se esquecia de dizer que seria logico que os que comem carne para pôrem carne, comessem osso para pôrem osso, sendo certo que a vida do homem nem sequer é concebivel sem ossos, isto é, sem o esqueleto.

Não comem carne os animaes de engorda, o porco, o boi, o carneiro, e os que são colaboradores do homem no seu trabucar de todos os dias; os cavalos, as mulas, os burros, não consta que comam carne, como tambem a não comem os coelhos e as lebres, os perus e as galinhas, não citando mais para não alongar a lista.

Certo é que o alemtejano é um animal essencialmente carnivoro, e isso explica o facto, que ao dr. Moura Pinto causa estranhesa e desgosto, de não vêr estes vastissimos campos salpicados de hortas, nem sequer ao menos um pequenino nabal, uma leira de couves repolhudas, com arvores de fruto á mistura.

E assim vamos, correndo o automovel pela estrada poeirenta, constatando que as searas, já grandemente

prejudicadas pela estiagem, ainda podem ser bôas, se a chuva não tardar por muitos dias.

Anda a formar-se uma trovoada, ao longe, muito longe, lá para os lados de Sines; o calor agora é maior e mais humido, calor de estufa, ligeiramente opressivo.

Vamos ter chuva?

Deus a traga, que bem precisa é; mas o dano não seria grande, se demorasse por algumas horas, quatro a cinco horas, tempo bastante para realisarmos o programa d'esta jornada que talhei de molde a dar ao dr. Moura Pinto uma impressão justa desta parte do Alemtejo, muito mal apreciada, por não ser bem conhecida.

Atravessamos Castro Verde sem parar o automovel, nem sequer para cumprimentar o meu velho amigo, padre João Antonio das Dores Alho, paroco colado nesta freguesia.

Campos de semeadura, ao sair da vila, terras brancas que antes do emprego dos adubos empobreciam o lavrador, e agora se desentranham em fartas colheitas, produzindo trigo e aveia, numa abundancia nunca sonhada. E aqui entramos na zona dos montados, azinho e sobro, menos sobro do que azinho, tão limpa a terra, tão bem tratadas as arvores, que o dr. Moura Pinto, n'um encantamento de beirão afeito á vida rustica, exclama amiudadas vezes — é um parque!

As azinheiras, com a poda que se usa agora, abrem-se á luz e ao calor, como grandes taças que o sol enche prodigamente de energias fecundas. Dizem

que é bom assim, os entendidos na matéria; mas aos leigos, como eu, afigura-se que seria mais conveniente desembaraçar apenas a arvore de toda a madeira inutil, deixando-a mais abundantemente provida de pernadas sãs, habeis para se carregarem de folhas e de frutos. E' deste parecer o dr. Moura Pinto, que desde Vendas Novas vem encantado com os montados alemtejanos, vagamente pensando nos *soutos* da sua Provincia, arvores de mair porte, formando trechos de floresta, copadas e umbrosas.

Assim tosquiadas á escovinha, as azinheiras não podem oferecer, e na realidade não oferecem ao caminhante, nos esbraseados dias de canicula, a comodidade, o regalo dum guarda sol, diferente dos outros guarda-soes, em não servir de guarda-chuva.

Agora sim, adoptada esta moda arboricòla, de que tambem sofrem as oliveiras, é que a velha cantiga

> O Alemtejo não tem sombra
> Senão a que vem do céu

pode tomar-se á letra, verdadeira sem exageração poetica.

Não passa ninguem, não se vê ninguem; andam-se leguas e leguas, sem encontrar uma aldeia; alonga-se a vista em todas as direcções, e, mal se lobriga um Monte ou outro, como sentinelas perdidas.

Como no *Jocelyn*, o livro em que se admira sobretudo, no dizer de Musset, *le gênie de la facilité*

Mon osil cherchait quelqu'un qu'il pût interroger
Mois dans champs déserts, ni troupeau, ni berger.

Comtudo o trabalho feito nestes campos, sem excluir os que são cobertos de arvoredo, campos que se estendem a perder de vista, todos amanhados com esmero, não foram anjos nem demonios que os fizeram, por ordem de Deus ou do Diabo.

Aqui nos aparece agora, apertada entre modestos outeiros, uma ribeira que alarga em pego, á direita da estrada, vasto pego que talvez não seque no verão, podendo ser aproveitada a sua agua para a irrigação das margens.

E' o regas!

O lavrador alemtejano vive na obcessão da seara, muitos moios lançados á terra, muitas cabeças de gado pastando nas suas herdades, que a lavradoria, sem a pecuaria, é de resultados muito problematicos. Abrir poços, fazer reprêsas, rasgar valas, é coisa que o não preocupa; uma especie de fatalismo musulmano pautúa o complicado mecanismo da sua vida agricola, jogando na lavoura como outros jogam na lotaria, fiado na sorte, que nem sempre é adversa.

Sentado numa pedra, a meio duma encosta suave, um pastor olha pelo seu rebanho, vestido de peles, e não desvia a cabeça, a vêr quem passa, embora o gado desse pancada, ouvindo o barulho do carro. O ajuda, lá em baixo, do lado do pão, isto é, do lado dum tremez curto e ralo, ampara o gado, não vá algu-

ma cabeça mais gulosa fazer dano na seara alheia. A'parte o chapéu, que já não é o que era noutros tempos, uma especie de chapeu-toldo, com borla, a aba larga e rija, suavemente convexo na parte superior, áparte o chapéu, o maioral d'ovelhas, o pastor, é talvez o unico homem do campo, no Alemtejo, que ainda não sacrificou de todo á moda a originalidade, o pitoresco da sua indumentaria. Desapareceu o calção azul, ha dezenas de anos, e com o calção os botins, de fivelas amarelas. Mas esta falta não se nota a distancia, e eu tenho a impressão, quando no campo vejo um maioral á frente ou atraz do seu gado, encostado ao cajado, em pé, tenho a impressão de que estou vendo algum dos maioraes da minha recuada meninice, e mentalmente repito esta cantiga triste repassada de perfume silvestre:

> Toda a vida fui pastor,
> Toda a vida guardei gado,
> Tenho uma chaga no peito
> De me encostar ao cajado.

A moda!

Vestem hoje as raparigas do campo como as meninas da cidade; a jaqueta será em breve uma peça de museu, para estudos etnograficos. Os sapatos brancos e grossos, abundantemente cardados, levaram sumiço, como as jaquetas, e o mesmo sucedeu ás cintas, vermelhas ou pretas, que eram ao mesmo tempo uma comodidade e uma garridice, dando á es-

belteza dos moços bem trajados um realce que entontecia as cachopas.

Tout passe...

Até a côr dos porcos sofre os caprichos da moda, como se a côr, nestes animais, correspondesse a particularismos de structura, implicando uma aptidão maior ou menor para a engorda. Ontem a moda, na grande familia porcina, era a côr preta; hoje é a côr amarela. E não pode o lavrador furtar-se ao despotismo deste capricho, porque o negociante, quando está na berra uma côr, não pega na outra senão por baixo preço.

Certo é que na longa caminhada já feita, ainda não vimos senão porcos amarelos, notando-se apenas salpicos de côr preta nas grandes pearas.

Andamos um pouco ao Deus dará, porque as carreteiras, a que impropriamente se chama estradas, se multiplicam e anastomosam de tal sorte, que mais facil seria a gente escapar-se do labirinto de Creta que orientar-se neste dedalo de caminhos, todos eles trilhados. Queima-nos o sol, a pouco mais de meio caminho do seu giro, um sol quente como no verão, luminoso como no inverno. Eu bem sei, porque aprendi isso nos livros, que o sol está parado, girando a terra sobre o seu eixo, e desse giro resultando os dias e as noites. Mas habituei-me a dizer, como toda a gente que o sol vai alto, que o sol vai baixo, que o sol nasce, que o sol se põe, e estas expressões implicam um conceito de movimento, que a sciencia nega,

é certo, mas que os nossos sentidos afirmam, dando á aparencia o valor de realidades.

A Biblia afirma que Josué fez parar o sol, para completar a derrota dos Filisteus, e resam velhas cronicas, perdidas para os trabalhos de investigação historica, que ele realisou esse milagre... puxando-lhe pelo rabo! Como não é de admitir que errassem tão grosseiramente, os redactores das *Escrituras*, logicamente se conclue que primitivamente o Sol movia-se e a Terra estava quieta, durando este fenomeno cosmografico até ao fim das idades biblicas.

Além nos aparece uma capelinha, com tres moradias á roda, modesta capelinha de que eu não conservo memoria, embora por aqui transitasse algumas vezes, aficionado das romarias, mau cantador, mau balhador, moço de sangue na guelra, já sabendo que a eletricidade se desenvolve por atrito, e gostando de me eletrisar — Nosso Senhor tenha dó da minha alma!

Perto da igreja, solto de pé e perna, um burro escanzelado ergue filosoficamente a cabeça, á nossa aproximação, e tem os ares duma alma penada, talvez a alma dum velho sacristão, morto em flagrante pecado, e do ceu reenviado á terra, para se redimir em sucessivas incarnações.

— Que igreja é esta, menina?

— E' a igreja de Nossa Senhora das Neves.

— E aqui diz-se missa?

— Isso sim! Ha que seculos que aqui não aparece um padre.

O dr. Moura Pinto dá á rapariga uma nota, fazendo-lhe esta recomendação escusada:

— Isto é para si! Não o dê á Senhora.

— Pois não dou... Tambem em que o havia ela de empregar?

Deixamos á direita a pequenina aldeia de Almeirim, tres ruas e meia, e vamos de prôa feita a S. Miguel, muito das minhas relações.

Os povoados, na Beira, são dispostos em ordem dispersa, morada aqui, morada além, na maioria dos casos não formando arruamentos. O dr. Moura Pinto acha interessante mas nada comodo o dispositivo urbano dos pequenos nucleos populacionaes no Alemtejo, as casas encostadas umas ás outras, como se houvesse necessidade de poupar espaço, ou como se cada pequena aldeia fosse um grande familisterio, com divisorias de taipa.

Temos a bôa sorte de mostrar ao dr. Moura Pinto um Monte dos antigos, conservado quasi intacto na sua pureza primitiva. Nem sequer falta a cana, por cima da meza dos ganhões, com buracos para meter os garfos, nem o *pele-mele* de camas, arcas e caixões, tudo em aparente desordem como no começo d'uma instalação, ou no decorrer d'uma mudança á pressa.

Ha quantos anos eu não via a prima Anna da Luz, a rodar para os oitenta anos, ainda rija e desembaraçada, viuva de ha poucos mezes, mãe de treze filhos, avó d'uma cabazada de netos! Não quere deixar-nos ir embora sem jantar — *sempre se arranja*

alguma coisa que vocemecês comam — e eu ter-lhe-hia feito a vontade, se a jornada fosse menos comprida ou os dias fossem maiores.

Não me dispenso de ir apresentar os meus cumprimentos a S. Miguel, que não vejo ha muitos anos, um dos santos por quem tenho muita simpatia, não lhe devendo senão o favor de me não tratar mal, como era sua obrigação.

A Igreja fica perto, á distancia de um tiro largo de espingarda caçadeira.

Uma cegonha fez ninho, muito á sua vontade, na torre do sino, e mal se apercebe da nossa aproximação, curiosa e timida, ergue-se a toda a altura das suas pernas esguias, a olhar com modos interrogativos, pronta a erguer vôo. Os filhos, ainda pequeninos, vendo a mãe aos saltos, erguem a cabecita um pouco acima do rebordo do ninho tanganhoso, feito de gravetos asperos, entrelaçados com muita arte e solidez, ornado de hervas e palhas, de modo a tornal-o macio. Por consentimento tacito da cegonha, passaritos de varias ordens instalam-se no seu ninho, pelo lado de fóra, em compartimentos separados, habitantes do mesmo predio que mal se conhecem e nunca se visitam. O sino, por baixo do ninho da cegonha, desequilibrou-se mas não caiu, rôta a pequena trave que o sustentava, roida pelo tempo e pelo bicho. A Igreja está mais bem conservada por dentro que por fóra, as paredes, em grande altura, cobertas de azulejos a duas côres, modernos e vulgares, e o chão quadriculado, em mosaico, bem conser-

vado. Não ha razão para reclamar para esta Igreja a cathegoria de monumento nacional, mas bem podiam os devotos da religião conserval-a em estado de decencia, testemunho dum sentimento que teve raizes na alma popular, élo duma tradição que vem de longe, de muito longe, e é como a poeira das lendas desaparecendo, sem violencia, nos paroxismos da História.

As andorinhas fazem ninho dentro da Igreja, as que não podem entender-se com a cegonha, para lhes alugar quartos.

Arranjo as coisas de modo a ficar só, na Igreja, e aproximando-me do altar, constato, jubiloso, que o santinho ainda se lembra de mim.

— Ha quanto tempo não o via!...

— E' verdede, Divino Arcanjo; a ultima vez que nos vimos, ha bons quarenta anos, estava a sua Igreja em festa; enchia o adro, a trasbordar, um rancho buliçoso de romeiros empapoilados, as raparigas frescas como as ervilhas em flor, os rapazes audaciosos como lidadores de justa. O sermão dessa festa — talvez não soubesse?... — fui eu que o paguei.

— O senhor? Conte lá, então, que deve ser interessante.

Notei que o Diabo, a impar debaixo dos pés do Santo, tinha um ar escarninho, duma irreverencia atrevida, que me fez hesitar por instantes.

Mas contei.

— Eu estava a ferias, em casa de meus pais, por ocasião da Semana Santa, e no domingo de Pascoa,

aparecera ali, de manhã cêdo, o padre Laricas, murcho como um saco vasio. Conversa para aqui, conversa para ali, e vai o padre diz a meu pai que ia pedir-lhe uma libra para comprar o jantar da festa, porque em casa não tinha coisa que se comesse, nem com que a adquirisse. Claro está que esta conversa era acompanhada de bebianga, mostrando-se o reverendo parcimonioso, contrariamente ao seu costume. Ofereceu-lhe meu pai os avios necessarios para um bom jantar de festa—pão, carne, legumes, uma galinha ou um galo, á escolha, e um barril de vinho branco ou tinto, como quizesse, obrigando-se ele, por juramento, a não o beber pelo caminho. Dinheiro, nem cinco réis partidos ao meio.

O padre agradeceu o generoso oferecimento, mas declarou que só o dinheiro receberia, se meu pai quizesse fazer a esmola de lho emprestar.

— Não empresto, que você gasta-o na bebedeira ou no jogo, e a sua mulher e os seus filhos teriam de festejar a Pascoa fazendo cruzes na boca.

Descoroçoado, o reverendo chorava como uma Magdalena, a ponto de minha mãe, vendo-o a chorar, se pôs a chorar tambem, o que por um triz me não enche os olhos de lagrimas.

— Se tu quizesses, davamos a libra ao padre, que o pai, em isto lhe passando, não se zanga.

Dito e feito.

Chamei o padre, com um aceno de mão, e entregando-lhe a libra, disse-lhe que abalasse sem demora.

Soube mais tarde que o audacioso mariola, passan-

do por Messejana, amezendou na taverna do José Dias, á Praça, e ali derreteu a libra, bebendo e jogando até ao ultimo real.

Jurei vingar-me... convencido de que não seria possivel a vingança.

Ora sucedeu que, tres anos mais tarde, achando-me no Monte, a gosar uma licença, teve logar a sua festa, Senhor S. Miguel, e ahi venho eu, de carriola, com todos os meus irmãos, ficando os velhotes no Monte.

Chegando aqui, já armado o arraial, encontrei a familia triste, de orelha murcha, porque não havia dinheiro para o sermão, e o padre declarara terminantemente que não prégava se não lhe pagassem.

O padre era, por feliz acaso, o reverendo Laricas, o mesmo que me apanhara uma libra para o jantar da festa da Paschoa, e a derretera na taverna do José Dias, em Messejana, comendo, bebendo e jogando, condenando a familia a jejuar n'esse dia, mais do que outro qualquer festivo, se não lhe valesse a generosidade d'alguma alma bemfazeja.

Disse ao lavrador dos Gregorios, meu primo e seu visinho, que fosse dizer ao padre que prégasse, tomando ele a responsabilidade de lhe ser pago o sermão, mas que não lhe dissesse que eu estava na festa.

O padre fazia sermões a preços varios, como o Patagonia de Coimbra, poucas vezes indo além dos tres quartinhos; mas aquele, como era sermão do encontro, queria que lh'o pagassem por cinco mil réis.

— Estou a vêr o desfecho — disse S. Miguel.

Fui pôr-me a geito de ouvir o sermão, atrás do improvisado pulpito, para que o padre me não visse, e dei por bem empregado o meu tempo... e o meu dinheiro, porque nunca ouvira tantas e tão descompassadas asneiras, pela maior parte absolutamente inéditas.

— Mas pagou?...

— Dei cinco tostões ao primo Manuel de Brito, lavrador dos Gregorios, com a incumbencia de os entregar ao padre, e dizer-lhe que já me não devia nada.

O padre vociferou, espumando como um javardo, e encarregou o primo Manuel de Brito de me dizer que metesse os cinco tostões onde eu teria metido o sermão, se fosse tão malcreado como êle.

O diabo, ouvindo esta historia, teve um froixo de riso, e de tal modo entrou a distender e encolher os musculos da barriga, que o santo ia-se desequilibrando, ficando a balança a oscilar por um bocado, já incapaz, como a da justiça, de fazer bôas pesagens.

Sinto passos no adro, e antes que entrem os meus companheiros de jornada, peço a S. Miguel que empenhe o seu valimento junto do Todo Poderoso, grande valimento, sem duvida, para que não demore a chuva, sob pena de se perderem as searas, já muito prejudicadas pela estiagem excessiva.

— Fique sabendo que eu fui um dos grandes, um dos maiores proprietarios da Vila de Castro, senhor e possuidor de muitas herdades e courelas; tinha

rebanhos de gado como não havia outros aqui, nos sitios. Roubaram-me tudo. Hoje nada tenho de meu, a não ser esta pobre Igreja abandonada, que ninguem reedificará quando cair. Valeu bem a pena batalhar contra os demonios, vencendo-os, por amor dos homens; ter debaixo dos pés, ha uma eternidade, e chefe de todas as potencias infernaes, consumindo nos desesperos d'uma sujeição inexoravel os seus impetos de vingança impiedosa; amealhar como um avaro o dinheiro de esmolas e oblações, invertendo-o em terras e gados, em vez de o empregar em bilhetes do thesouro ou quaesquer outros papeis de credito; valeu bem a pena fazer tudo isto, para me ver agora votado ao mais injusto abandono, aqui metido entre quatro paredes, mais pobre do que Job, a Senhora dos Prazeres, á minha direita, triste como a Niabe da fabula, e S. Francisco á minha direita, com uma pedra na mão, sempre calado, taciturno, ás vezes tão neurastenico que se põe a brandir as suas armas em gestos irrespeitosos.

Se isto é vida, sagrado coração de Jesus!

— Tem muita rasão, adorado Senhor S. Miguel; mas grande gloria acrescentaria aos seus meritos se quizesse interceder junto de quem tudo pode, e habita nas Alturas, para que a chuva não se demore, caindo antes que as searas se percam.

— Ainda tem a jornada comprida?

— Preciso Ir a Santa Luzia; deverei chegar a casa á boca da noite.

— Pois não chegará a casa sem ter chovido.

Passamos a uns tres kilometros de Casevel, aldeia com geitos de Vila, de pequenas casas e grandes quintaes, a curta distancia do caminho de ferro, sendo a respectiva Estação, por largos anos, o termo da linha do sul. Poucos beneficios colheu d'esta circunstancia favoravel, que durou até se construir o caminho de ferro do Algarve, uma especie de obras de Santa Engracia, d'uma lentidão desesperadora. Pois Casevel, segundo uma tradição local, ficou depositaria das chaves do reino, quando por ali passou D. Miguel, a caminho do exilio. Os casevelenses receberam-n'o fidalgamente, e ele então, para lhes patentear o seu reconhecimento, entregou á junta de paroquia — não tinha as honras de behetria, Casevel — as chaves do reino, para que lhas entregassem, na volta, quando Deus fosse servido livrar a Nação dos perigos do liberalismo. Em Alvalade, é tambem de tradição local, foi o regio deportado recebido com chufas e insultos, sendo-lhe oferecido um banquete... de palha com aveia á mistura.

Pessoas que eram velhas, quando eu era menino, acreditavam piamente na tradição referida e sem nunca terem visto a famosa chave, tinham por certo que ela existe.

Agora já vamos norteados e como a estrada é relativamente boa, vá de acelerar a marcha, que palavra do santo não volta atraz, como a dos reis.

Meu rico S. Miguel!

Se recolho a casa molhado, sem ter caído na ribei-

ra, darei uma avultada esmola para arranjos da sua Igreja, e farei com que os parentes e pessoas amigas que tenho por estes sitios lhe promovam uma festa no estilo da que todos os anos lhe faziam, em dia certo, com musica e fogo de vistas, não faltando o sermão de encontro, genero padre Larica.

*

Um perfume vago chega até nós, evolando-se dos prados floridos, vago perfume que não é d'uma flôr, mas d'um milhão de flôres, admiravel sintese que a chimica dos laboratorios ainda não sabe realisar, mais subtil e ao mesmo tempo mais delicioso, mais agradavel que os cheiros fortes que o madamismo das cidades usa com abundancia, no proposito de prender pelo nariz os homens que não se deixam prender pelo beiço.

Acaricia a vista a aparente macieza das terras preparadas para a sementeira proxima, terras primeiro lavradas e logo a seguir gradadas, algumas dando a impressão de lhes terem passado levemente por cima uma escova de cabêlo. E como é varia a côr da terra, nua de toda a vegetação, na superficie d'alguns hectares, desde o cinzento claro até ao barrento quasi negro—uma reduzida escala cromatica, de tons bens marcados!

Aqui nos aparece uma quintarola, um cercado em pedra solta, de forma tringular, para melhor aproveitamento do terreno. E' uma ilhota, um tufo de ver-

dura, que arranca ao dr. Moura Pinto uma exclamação de orgulho regionalista: — Isto sim, já parece a Beira.

Arvores de fruta, um bocado de vinha rasteira, feijão e hortaliça. Para a rega d'esta horta, uma nora a meio da propriedade e um velho poço entalado na parede.

A estrada é péssima, velha carreteira que devia ser, ha quarenta anos, uma bôa estrada nacional, ligando a Extremadura com o Algarve, passando por Messejana. Não ha remedio senão ir devagar, que é o que faz quem tem pressa, conforme aconselha a sabedorias das Nações, na forma de anexim.

Acabou a planicie; os terrenos agora, a um lado e outro da estrada, são ondulações cobertas de arvoredo, azinheiras e sobreiras, com searas verdejando nas chapadas, de suave declive, verdejando igualmente os pequeninos vales que umas das outras as separam, ou que umas ás outras as ligam.

Vamos entrar n'uma ampla Avenida, bordado de grandes sobreiros, Avenida que devia chamar-se Jacinto Paes, visto ser este o nome do lavrador que a mandou construir.

E aqui temos a Ribeira de S. Romão, curso d'agua que não é navegavel nem flutuavel, quasi seca no verão, caudalosa no inverno, vindo lá de cima, da freguesia d'Ourique, aos trôpos-galhôpos, ora a estreitar-se para caber entre rochas, ora a dilatar-se em pégos de consideravel fundura.

A ponte é uma construção de grande solidez, á

prova das maiores cheias, alta bastante para que toda a agua, por muita que seja, lhe passe por baixo.

Vamos andando por entre montados, limpos de mato, as azinheiras misturadas com as sobreiras, algumas oliveiras matisando a paisagem arboricola, carregadas de candeio. Mais se adivinha do que se vê a imensa varzea de Alvalade, cortada pela Ribeira de S. Romão, e apezar d'isso explorada como se fosse uma simples folha no interior d'uma herdade, bôa para trigo... nos anos bons.

Tantas vezes eu aqui passei, montado n'um macho ou n'um burro, escolar de nove ou dez anos, e mal conseguia vêr as arvores afogadas na charneca, a não ser as que sstavam á borda da estrada ou as de grande porte, povoando as encostas distantes. Sempre via coelhos atravessando a estrada, e crescia-me uma grande vontade de ser homem, pelo menos ser grande bastante para me servir d'uma espingarda, atirando-lhes quasi á queima-roupa.

Chegamos ao Poço Sêco pelo cair da tarde, o ceu muito carregado de nuvens, um nevoeiro esgarçado tornando um bocadinho confusa a visão das coisas; muito limitado o horisonte elevada e humida a temperatura.

Choverá ?

Tenho por certo que chove, mais agora, mais logo, em todo o caso antes de regressarmos a Aljustrel, porque assim m'o prometeu S. Miguel Archanjo.

Resolvo ir a St.ª Luzia, que era uma aldeiasinha pitoresca, nos afastados e saudosos tempos em que a

visitei, minuscula povoação encarrapitada em rochas no sopé d'um monte. E' um passeio de tres a quatro kilometros, e a estrada, ao que me dizem, acha-se em rasoavel estado... de ruina.

Grandes arvores, pela maior parte limpas ou podadas á moda antiga, de numerosas e grossas pernadas, sustentando verdadeiros zimborios, que oferecem ao transeunte, no verão, o consolo d'uma sombra fresca. Bôas searas nas terras baixas, d'um verde sadio, indicador de que a planta tem resistencia para aguardar a chuva, por mais alguns dias, sem grandemente prejudicar as colheitas. Horisontes curtos, todas as encostas cultivadas, destacando no verde escuro das azinheiras, o verde caracteristico dos trigos ou hervas.

Uma grande cerca, que é um grande olival ; uma curva da estrada, de pequena corda e grande raio, e eis-nos em Santa Luzia, entendida em molestias d'olhos.

Disponho-me a percorrer a povoação inteira, mirando todas as casas, a vêr se consigo reconhecer, caso ainda existam, as duas unicas em que entrei, ha mais de cincoenta anos, vindo acompanhar a Maria Catharina, que por inculcas do compadre Rabino fôra servir em minha casa. Quiz a moça visitar a mãe, e como eu, na ocasião, estava em ferias, gaiato de dez anos, quando muito, fui encarregado de a pagear.

Abalamos do Monte depois do almoço, aviado o taleigo para jantarmos no caminho, porque a Santa Luzia não chegariamos com muito sol.

A Maria Catharina — Deus a tenha em descanso! — era uma famosa rapariga, bonita e bem feita, de carnação abundante, sem escusadas gorduras.

Tinha os olhos negros e pestanudos, sobrancelhas pretas, os peitos rijos, bem desenhados, uma leve penugem sombreando-lhe o labio superior. Havia, e naturalmente ainda ha, bonitas raparigas na Serra, bonitas e pouco esquivas.

Pois era uma bela moça a Maria Catharina, que ao tempo contava pouco mais de vinte anos, e gostava de conversar com os homens, a todos dando trela, com todos chalaçando e rindo.

Apeámo-nos, a primeira vez, junto á Ribeira, e prendendo o macho a uma argola do moinho, fomos sentar-nos á beira d'agua, ali perto, debaixo d'um grande freixo, sobre um macisso de verdura.

Si jeunesse savait!

Apeámo-nos outra vez, já perto de Santa Luzia, desviando-nos do caminho para baixo d'uma velha sobreira, de tronco escavado, cabendo-lhe dentro um homem, curvado ligeiramente.

Ali nos demorámos, de brincadeira, medindo forças, até quasi sol posto, o macho preso a uma daroeira, manducando a sua ração de aveia. Puzémo-nos a caminho, sem grandes pressas, e sempre a caminhar, assentámos no programa da nossa visita, que seria apenas de dois dias.

— O menino vai para casa da sr.ª Maria Augusta, conforme a sua mãe lhe recomendou; mas depois de ámanhã vai dormir a minha casa, para abalarmos cêdo.

A casa da senhora Maria Augusta era de sobrado, e tinha primeiro andar, a unica, talvez, na aldeia, que tinha esta magnificencia. A casa da Maria Catharina era a habitação miserável d'uma pobre viuva, já pouco habil para os trabalhos do campo, e do pequeno comercio que fazia, comprando e vendendo pelos Montes, mal tirando para se manter.

Fui dormir a casa da Maria Catharina, na minha ultima noite de Santa Luzia, e muito me arrependi de o ter feito, porque a velhota teve de fazer cama nas palhas do buraco em que acomodava o burro, para que se alojassem o mais comodamente possivel o seu hospede e a sua filha.

Pois entra a chover deveras, cantando a agua nos telhados, quando me disponho a percorrer a aldeia, na vaga esperança de ainda encontrar o tugurio em que vivia, misera e mesquinha, a mãe de Maria Catharina.

Meu rico S. Miguel!

O que não fez Deus, deferindo suplicas de Patriarca, fel-o um abandonado santinho do concelho de Castro, a pedido d'um incorrigivel livre-pensador!

O peor é se a chuva alaga as estradas, tornando impossivel ou muito dificultosa a marcha do automovel, a patinar em vez de correr. Temos de fazer uns vinte quilometros por carreteiras mal andaimosas, ao fim dos quais encontraremos uma estrada a maquedame, em bom estado de conservação.

Felizmente o vento levou a chuva para longe do

nosso caminho, e a que por aqui caiu, rija, a tambo-rilar na capota do carro, mal chegou para lavar as folhas das arvores, e refrescar as seáras, quasi rese-quidas.

Tenho a certeza de que em Lisboa, quando o caso fôr soado, ninguem acreditará no milagre que fez S. Miguel por minha intervenção; mas eu pergunto que bôas razões podem ter os devotos que acreditam nos milagres de Fatima e de Lourdes, para não acredi-tarem no autentico milagre que deixo aqui relatado e que pode ser garantido por testemunhas ajura-mentadas, entre elas o dr. Moura Pinto, que mc não deixará mentir?

Um santinho honrado como S. Miguel, tão des-prendido de interesses mundanos que se deixou rou-bar por gerações sucessivas de devotos, sem pôr contra eles, uma acção nos tribunaes, um santinho como S. Miguel póde não ligar nenhuma ás implora-ções dum Papa; mas não fecha os ouvidos á su-plica fervorosa dum varão justo, á maneira de Hora-cio, tão justo como ele o pintou:

— *Se estalado cair o orbe ferem-no as ruinas impavido.*

E cá estamos em Aljustrel, tendo mostrado ao dr. Moura Pinto, beirão da gema, um bom naco deste vasto Alemtejo, que ainda hoje é muito caluniado por ser pouco conhecido.

— Então?...

— Continuo na minha: — O Alemtejo não é uma Provincia, é um Paiz.

Mais do que um Paiz, na opinião do ignorado autor d'um poema inédito — *Cardos mastigueiros*, em que o Alemtejo se define assim, quanto ao seu tamanho:

> *Tenho de mim para mim,*
> E até já o vi escripto,
> Que o Alemtejo é infinito,
> Não tem principio nem fim.

*

Não quero mostrar ao dr. Moura Pinto os monumentos de Aljustrel... para o obrigar a voltar cá. De passagem indico-lhe o local onde teria sido o Palacio das Côrtes... se elas aqui tivessem reunido, o que não está provado. Da Senhora do Castelo disfruta ele um vasto e soberbo panorama, vasto de muitas leguas de superficie, magnifico porque não encerra, pode dizer-se, um palmo de terra que não seja cultivado, e milhões de metros quadrados dessas terras são o que ha de melhor no distrito para a exploração frumentarea. As Minas não constituem um espectaculo interessante, porque o trabalho que nelas se faz, á superficie, não é coisa que dê nas vistas, e no genero é banal.

Os campos, nos arredores da vila, dentro da freguesia, encantam os seus olhos de beirão, porque a sua cultura é esmerada, como se fossem hortas, as suas vinhas, agarradas ao chão, vinhas de enxertia

americana, além de serem estensas, são exuberantes de vida, quasi sempre dando menos do que prometem.

A caminho de Jungeiros, tendo visitado Rio de Moinhos, o dr. Moura Pinto vê um enorme trecho de montado, e como o vê dum ponto alto, sem sair da estrada, tem a impressão duma superficie continua, o que o leva a exclamar, embevecido e admirado — é um lindo e rico tapete.

Atravessamos a ribeira do Rôxo, uma das importantes ribeiras que entram na formação do Sado, ribeira envenenada pelas aguas da Mina, que lhe matou todo o peixe e esterilisou, numa larga faixa, na extensão de muitos quilometros, os seus terrenos marginaes. Dizia um lavrador, encarecendo o poder toxico desta agua: — é um veneno tão forte, que não ha microbio, grande ou pequeno, kagados, rãs ou pardelhas, que lhe resista.

Entre Jungeiros e Montes Velhos ha uma especie de colonato... sem colonos, isto é, sem que ali vivam os donos daquelas leiras, umas maiores, outras mais pequenas, umas plantadas de vinha, outras exploradas de milho, grão ou batata.

— Isto sim, que faz lembrar a minha Beira.

E o seu jubilo sobe de ponto quando lhe dizem que a mais bem explorada daquelas courelas, a de mais variada cultura... é d'um beirão!

Em nada se parece uma aldeia alemtejana com uma aldeia beirôa, e a diferença não está apenas na

topografia, na configuração do respectivo centro populacional, sendo aliás muito grande essa diferença. No Alemtejo as aldeias, mesmo as pequenas aldeias, são feitas á semelhança das vilas, da mesma forma que as vilas são feitas á semelhança das cidades. Venho eu a dizer na minha que nas aldeias alemtejanas as casas formam alinhamentos, que se chamam ruas, sendo rara a que não tem quintal. Nas aldeias beirôas as casas não se encostam umas ás outras; cada qual construiu a sua onde pôde ou onde lhe apeteceu, fazendo de conta que é, na frase de Max Stirner — *o unico e sua propriedade.*

Mas esta diferença não é a unica nem é a principal entre aldeias alemtejanas e aldeias beirôas.

Nas aldeias beirôas á porta da casa moradia, faz-se uma nitreira, e dentro de casa, numa promiscuidade que lembra a Arca de Noé, vivem as pessoas e os animaes, o burro e o porco, o carneirito quando o ha. A casa pobre, na aldeia alemtejana, respira aceio, varrida pelo menos uma vez no dia, e cada coisa no seu lugar, cobertas as arcas com panos de chita, pratos muito limpos na estanheira, e as quartas, no poial, elegantes como amphoras, compradas na feira ou á porta.

São geralmente grandes, alguns desmedidamente grandes, os quintaes alemtejanos, e raro é o que não tem poço, fornecendo agua para os gastos domesticos. Deviam ser pequenos jardins ou pequenas hortas; mas não é uma coisa nem outra — como horta não vai além da hortelã para dar gosto á comida, e

da fava, para comer em verde; como jardim, para o serem ou o parecerem, bastaria que tivessem... flores.

O meu concelho é relativamente grande, em área; mas a distancia que separa a séde do concelho, das outras povoações, é de poucos quilometros, o maximo treze.

Pois bem.

Em todas elas se fala a mesma lingua, naturalmente; mas a phonetica varia tanto dumas para outras, que não é facil errar dizendo que tal pessoa que se ouve sem se vêr, exprimindo se em voz alta, é de Messejana, Rio de Moinhos ou de Aljustrel. As palavras que empregam são as mesmas; é a mesma a sua expressão grafica, mas diferem tanto na sua expressão oral, na qualidade e na quantidade dos sons que se empregam na sua pronuncia, que bem se podem considerar como caracteristicas regionaes.

*

Toda a minha vida de menino se reparte pelas tres aldeias que o dr. Moura Pinto visitou — Rio de Moinhos, Jungeiros e Montes Velhos.

Já largamente me ocupei de Rio de Moinhos, nos *Quadros Alemtejanos*, livro de que eu poderia dizer, adoptando a frase de Musset — *ce livre est toute ma jeunesse.*

De Jungeiros era minha mãe, casada ainda era creança, morta ainda não era velha. Nunca houve coração mais cheia de afectos, alma enternecida como a sua, sensivel a todas as dôres, compadecida

de todas as miserias. A sua religião era a poesia da sua bondade. O que em mim ha de bom — haverá alguma coisa? — dela o recebi, por herança ou por educação, e já por mais duma vez, em momentos graves da minha vida, numa evocação intensa, ouvi os seus conselhos e admoestações, juiz austero que castiga com o riso nos labios, temperando sempre os rigores do castigo com uma porção de bondade.

Frequentes eram as nossas visitas a Jungeiros, onde eu muitas vezes ia só, *pedibus calcantis*, ou escarranchado num burro que pedia emprestado. No verão é que estas visitas me eram particularmente agradaveis, porque de restolhada com os moços da aldeia, os meus tios, que por sinal eram meus primos, á frente, ia banhar-me na ribeira, desejoso de saber nadar. A brincadeira tinha seus perigos, porque algumas vezes escolhiamos, belamente audaciosos, para teatro das nossas façanhas, pegos muito fundos e muito largos.

Assim que eu chegava, em qualquer epoca do ano, os meus primos organisavam, em minha honra... e proveito, saturnaes infantis, que algumas vezes tinham como epilogo... uma sova geral!

As coisas que a gente aprende, sem nos ensinarem!

Era uma santa mulher, a minha tia Mariana Espada, casada com um irmão de meu avô, o tio Montes, grande pandego, nos seus tempos de rapaz, tocador de viola e cantador a despique, afamado na freguesia de S. João de Negrilhos, que hoje tem séde em Montes Velhos.

A tia Mariana, sofria do que os psychiatras do nosso tempo chamam parafasia, e que consiste n'uma confusão de palavras, a que corresponde uma certa confusão de idéias As representações mentais eram correctas na tia Mariana, e os raciocinios, aliaz muito simples, bem coordenados. Mas queria dizer uma coisa e dizia outra ; tinha no pensamento a palavra fogo e o que lhe saía da boca era a palavra agua, por exemplo.

Um dia meus primos organisaram uma burricada, obtida a indispensavel licença para irmos a uma festa no Monte de S. João, á distancia duma legua. Verificou-se, á hora da partida, qne um dos convidados teria de ir a pé, porque faltava um burro.

Alvitrou-se que eu fosse pedir a burra da tia Mariana, sem trocadilho, porque ela, rebelde a emprestal-a, não me diria que não.

Formulei o meu pedido, e logo a tia Mariana, magoada por não poder deferil-o, exclamou :

– Não posso, nino. A burra está para ter uma ovelha.

E não ma emprestou.

Assistia a tia Mariana a um parto, mulher com geito para tudo, e serviçal até ao ultimo ponto. Era de bôa pratica, n'aquele tempo, as parteiras, assim que as crianças nasciam, apertarem-lhe o narizito, para não ficar achatatado, nariz de preto.

Nasce a criança, e logo a tia Mariana insiste com a parteira — aperte-lhe as guelas, comadre, apertelhe as guelas.

Eram tambem frequentes as nossas visitas a Montes Velhos, que ao tempo era uma especie de régulado do lavrador Joaquim Ignacio, tio de minha mãe, meu padrinho e de todos os meus irmãos, excepto um, não me lembra agora qual.

Era um excentrico, um original, o padrinho Joaquim Ignacio, homem rico que sabia fazer bom uso da sua fortuna, conjugando a assistencia pelo trabalho com a assistencia pelo socorro. Era padrinho de toda a gente, na aldeia e d'ahi resultava que em ele aparecendo na rua, era uma chusma de gaiatos a pedirem-lhe a benção, e quasi não havia homem ou mulher que, passando por ele lhe não fizesse este cumprimento — bons dias, boas tardes, ou boas noites, sr. compadre.

Pagava aos seus jornaleiros como queria, mas sempre de maneira que eles não ganhassem menos do que lhes pagavam, pelo mesmo trabalho, os outros lavradores.

Os visinhos pagavam a tres tostões ?

Ele mandava pagar a treze vintens — menos um pataco.

Na semana seguintes os outros ainda pagavam a tres tostões, e ele mandava pagar a cruzado.

Dizia que as feiras não eram para vadios e passeantes ; quem não tinha que comprar ou vender, fosse o que fosse, não devia ir lá.

Assim pensando, nunca saía d'uma feira sem ter vendido ou comprado.

Um ano, na Feira da Conceição, chamada *feira*

dos coices, entrou n'uma barraca de calçado e poz-se a ajustar umas botas.

— Se me fizesse um preço razoavel, comprava tres ou quatro pares.

— Sim, se eu lh'as desse a vintem cada par.

O homem não sabia com quem tratava, e o padrinho Joaquim Ignacio era um homem que não trajava segundo as suas posses.

— Talvez vocemecê não se importasse de me vender todo o calçado que aqui tem?...

— Para o vender é que eu o trouxe á feira; em m'o pagando, está logo com outro dono.

— Diga lá então quanto quer pela fazenda?

— Quero trinta libras, mas hade pagál-as sem arredar pé da loja.

— Sirvam os senhores de testemunhas que este homem me vendeu todo o calçado que aqui tem, e que eu lh'o paguei conforme o ajuste.

Tirou da bolsa trinta libras, e pôl-as sobre o balcão, dizendo ao sapateiro que contasse.

— Isto era brincadeira.

— Brincadeira? Então você atreve-se a brincar com uma pessoa que não conhece, e que não veio á feira para brincar?

Toda a assistencia tomou o partido do sr. Joaquim Ignacio, porque todos o conheciam, e alguns dispuzeram-se a zurzir o sapateiro pelo seu atrevimento.

Dentro em nada todo aquele calçado estava metido em caixotes, e era transportado n'um carro para Montes Velhos.

Foi um regabofe na aldeia.

Todos os afilhados e compadres que andavam descalços ou mal calçados, foram escolher botas ou sapatos a casa do sr. Joaquim Ignacio, que lh'os dava *gratis pro Deo.*

O sapateiro, conforme lhe recomendara o lavrador, apareceu na aldeia no domingo imediato, sem saber ao que ia.

— Ora vamos lá a saber quanto é que você ganhou no negocio que fez comigo...

— Quanto ganhei, sr. lavrador?... Assim Deus salve a minha alma como eu perdi á roda de vinte libras

— Se lhe aproveitar a lição!... A gente deve tratar as pessoas que conhece conforme elas merecem, e as que não conhece, como se fossem pessoas de merecimento.

Deu-lhe o jantar, e quando ele se despedia, meteu-lhe na mão as vinte libras que ele dizia que tinha perdido, e mais cinccenta mil réis, pelo susto que apanhára e pelo incomodo que tivera.

*

Na antiguidade pre-historica a que me estou reportando, era prior da freguezia de S. João de Negrilhos o sr. padre Jordão, descendente em linha reta do patriarca Noé — etilicamente falando. Era um velhote baixo e corcovado, magro, os olhos claros, as sobrancelhas fartas, negras e asperas, parecendo

feita de bocadinhos de esteva seca. As bexigas tinham-n'o marcado fundamente, dando-lhe á fisionomia semelhanças de pedra-pomes a que tivessem colado, para servir de nariz, um pequeno nabo bichoso. A boca, desguarnecida de dentes, fechava como as patacas, em borracha, para tabaco, parecendo que os beiços realisavam um movimento de torsão. Falava ruminando as palavras, que lhe saiam pastosas e confusas. O sr. padre Jordão embebedava-se todos os dias, começando a beberricar assim que se levantava, pela manhã, e só deixando de beber á noite, quando se metia na cama.

Quando adregava a nossa visita a Montes Velhos ser ao domingo, o padrinho Joaquim Ignacio, mal acabava de nos cumprimentar, benção a um, benção a outro — Nosso Senhor o faça um santo — mandava um creado dizer ao padre Jordão que chegara a familia das Mêzas, e que se ainda não estava bebedo, não se embebedasse, para dizer a missa ao meio dia.

Era surdo como uma porta, o prior de Negrilhos, e por esse motivo era a ele que as mulheres gostavam de se confessar, preferindo-o a qualquer outro.

Porquê ?

Porque, como ele não ouvia, podiam confessar todos os pecados, sem receio, e pelo mesmo motivo dava-lhes a absolvição, sem carregar na penitencia.

O padre Jordão!

Fui ao enterro da minha tia Ignacia, filha do sr. Manuel da Chaminé, e esposa do sr. Joaquim Pe-

dro, irmão de minha mãe. Por motivos de que me não lembro agora, o enterro devia realisar-se de manhã, ficando transferido para depois do meio-dia, que era a hora de jantar, para todos, pobres e ricos.

O padre Jordão, coitado, aguentou-se emquanto pôde ; mas entrou um bicho a roer-lhe o estomago, e ele tratou de o afogar em vinho, como era seu costume.

Quando apareceu para acompanhar o cadaver já estava que nem umas flores. O cemiterio era n'uma ponta da aldeia ; até lá o reverendo aguentou se razoavelmente, tem-te não caias, metido entre dois homens fortes, um a bombordo, outro a estibordo, que lhe sustinham o balanço. — N'aquele tempo ainda a tumba, na Provincia, servia para todos os defuntos. Hoje, na minha terra, ao menos, só utilisa a tumba algum pobre diabo que morre no Hospital.

De quando em quando parava o comboio funebre; o padre arengava o latim da encomendação, nada se entendendo do que dizia. Deposto o cadaver na cova, por meio de toalhas dobradas, formando correia, o padre Jordão, sacudindo com demasiada força o hyssope, pregou consigo na cova, estatelado sobre o cadaver.

O acompanhamento ria da farça, e o meu padrinho Joaquim Ignacio, calculando que o padre, já mal se aguentando de pé, antes do trambulhão, não poderia agora dar um passo, alvitrou que o metessem no esquife, e o levassem para casa.

Assim se fez.

Vamos, n'um rufo, á herdade do Sabugueiro, aqui perto, a ver se consigo mostrar ao dr. Moura Pinto o mais terrivel inimigo do lavrador que possue montados d'azinho — o burgo.

Este maldito insecto, quando cae sobre um montado, alastra como nódoa d'azeite, e tem um tão grande poder destruidor, que as arvores não frutificam, ás vezes não se criando uma só bolêta, para amostra. São muitas centenas, alguns milhares de contos o que a economia nacional perde em cada ano, por causa do burgo; mas parece não valer a pena a sabedoria oficial ocupar-se d'este gravissimo problema, com sérios propositos de o resolver.

Bem podiam os lavradores criar um premio a adjudicar ao sabio, nacional ou estrangeiro, que a estes estudos se dedicasse d'alma e coração, dando-lhe o Estado a assistencia necessaria para os realisar convenientemente.

Até agora o *burgo* tem poupado os sobreiros; mas pode ámanhã uma variedade ainda não conhecida d'esse animalejo atacar o *quercus suber*, e então, sem lande e sem bolota, os montados portuguezes ficarão perdidos para a engorda dos suinos.

E' curioso!

Porque choveu alguma coisa — louvores sejam dados a S. Miguel! — n'estas ultimas vinte e quatro horas, as searas mudaram de aspecto; dir-se-hia que as chuvas as desentorpeceram, dando-lhes vigor e frescura. Os prados, como as searas, beneficiaram da rega, sendo já licito ao lavrador esperar que os seus

gados, nos asperos mezes do verão, não precisem comer terra, por terem pasto com fartura.

Atravessamos, por uma vereda, uma seara de trigo que nos encanta e maravilha, seara que irá além de quinze sementes, se o tempo lhe servir.

— Que trigo é este, sr. José?

— Saberá sua senhoria que é trigo engelino.

Na terra de sua naturalidado este trigo chama-se *argelino*; mas por aqui toda a gente lhe chama engelino, que é uma denominação portugueza, um bocadinho arrevesada é certo, mas portugueza em todo o caso. Lindo campo de trigo, não ha duvida, e as papoilas encarnadas, d'uma côr tão viva como se acabassem de sair d'um banho do mais puro sangue arterial, pondo no vasto campo uma nota de sensibilidade artistica, afasta do nosso espirito todo o pensamento utilitario.

Lá em baixo, na desolação da terra morta, sem energias produtoras, a Ribeira do Rôxo, d'aguas envenenadas, sem transparencia, vai andando a caminho do Sado, onde chega depurada, como antes das Minas a inquinarem.

E toca para Aljustrel, atravessando magnificas terras de semeadura, com grandes bocados de vinha, e consideraveis trechos de olival, grandes e bem copadas oliveiras, carregadas de candeio.

Quando acabamos de jantar ainda o roupeiro está a fazer queijos, e o dr. Moura Pinto não se dispensa de ir ver como aqui se pratica a industria dos lactici-

nios, industria puramente caseira. Verifica, sem grande espanto, que no Alemtejo, *mutatis mutandis*, ela se pratica como na Beira, de forma tão primitiva que um patriarca biblico, se ahi aparecesse, antecipando o dia de juizo, vendo fazer queijos á moda da sua terra, imaginaria ter feito um longo somno, acordando na Palestina.

Em minha casa, nos tempos da minha saudosa meninice, toda a gente fazia queijos pequenos, que se vendiam geralmente a dez réis, em anos de pouco leite a vintem cada um, mas tambem queijos grandes, que chegavam a render seis tostões.

Hoje o caso é muito diferente.

N'alguns Montes ainda se adopta a pratica antiga; mas os lavradores de cachaço grosso, os que apartam, para alavão, algumas centenas de ovelhas, esses já metem roupeiro, e pagam-lhes para cima de quinhentos escudos por mez. Estes mestres de rouparia são trabalhadores supinamente ignorantes da industria que exercem; meteram-se a fazer queijos, isto é, a meter coalhada nos chinchos, espremendo-a até ficar seca. Umas vezes os queijos saem-lhes bons; outras vezes saem-lhes maus, intragaveis, e sempre êles arranjam quem os concerte, embora não façam duas temporadas seguidas na mesma casa, servindo o mesmo patrão.

Eu tambem fazia queijinhos, sentado ao lado da comadre Narcisa, que nunca me deixava tiral-os do chincho sem ver se estavam bem espremidos.

— O sr. compadre tem muito geito.

Foge-me o espirito para muito longe, no tempo, e cerrando os olhos, por instantes, vejo-me no Monte das Mêsas, não como ele é hoje, mas como era ha mais de cincoenta anos, e por um triz não arregaço as mangas, sentando me a fazer queijos, despejada na queijeira a grande panela de cobre, de duas asas, em que o leite coalhava, tratado pelo cardo.

Toda a gente fazia queijos, em minha casa, quando eu era menino e moço: mas a comadre Narcisa e o irmão é que tinham o principal encargo d'essa tarefa.

A comadre Narcisa!
O Manoel Narciso!

Que diferença, que incomensuravel diferença entre ella e o irmão, ambos criados, de pequenos, em minha casa, ambos tratados com especiaes deferencias, como se fossem parentes, não os *cousins pauvres* de Balzac, incomodos e aborrecidos, mas parentes sinceramente estimados, embora nada tendo de seu.

O Manoel Narciso, maricas dos quatro costados, era ruim trabalhador e detestavel pessoa; só para os trabalhos mulherengos tinha geito, e só para os seus amazios tinha demonstrações de estima. Nem ao menos era fiel, pegando-se-lhe facilmente ás mãos as coisas de comer — o pão, os queijos, a carne, as azeitonas, bagatelas com que elle presenteava os seus desperdiçados que tinham familia a sustentar, e para os quaes estes presentes eram um valioso auxilio. A'

irmã podia-se confiar tudo, fosse o que fosse, porque era incapaz da mais leve incorreção, nem sequer usando da liberdade que tinha em minha casa para se dar o regalo d'uma alimentação um pouco superior á que geralmente tinham as criadas, que algumas vezes, quando o serviço apertava, comiam á mesa com os patrões.

N'êlle o vicio de roubar era consequente do vicio de se prostituir, ingenito e irremediavel, exacerbando-se com a idade até ao maximo da impudencia. Era o peor dos criados, dizia meu pai; era a melhor das criadas, dizia minha mãe, e um pouco por este motivo, mas principalmente por ser irmão da comadre Narcisa, conservou-se na casa até ser velho, muito velho, sempre resmungão, sempre maldizente, escandaloso nos seus actos, que por fim estadeava, provocando a indignação e o nôjo.

Dizia o compadre Rosa, erudito analphabeto:

— Este diabo é como as sereias, que da cintura para baixo são uma coisa, e da cintura para cima são outra.

Era a irmã que lhe tratava da roupa, e como se ella tivesse obrigação de o fazer de graça, nem sequer o sabão lhe dava, exigindo que ella o trouxesse bem cosido e bem remendado, sem que isso lhe custasse a ponta d'um alfinete.

Todos os anos, na terça-feira do carnaval, se mascarava de mulher, e era como se a um preso dessem a liberdade, abrindo-lhe a porta da cadeia.

O compadre João Catharino, quando o via de

saias, lenço na cabeça, um chale pelos hombros, padejando as ancas como as marafonas baratas, não se dispensava de lhe dizer:

— O' ladrão! Tu hoje devias fingir d'homem, para não te conhecerem.

Morreu com perto de oitenta anos, sem que uma palavra affectuosa, sequer ao menos uma lagrima de piedade lhe desse, nos derradeiros momentos, a consoladora ilusão de não ser filho das aguas turvas, neto das aguas correntes, um animal sem prestimo, invalidado pela extrema decrepitude, deitado ao almargem da vida, aguardando no desamparo a morte libertadora.

Toca para Lisboa.

Ha quatro dias que não ouvimos falar de revolução, e nem sequer ouvimos a grafonola do Café Chiado, horrivel instrumento que toca e canta, fazendo uma e outra coisa quasi sem descontinuar.

Subimos para a carruagem como subiriamos para um primeiro andar, tendo a respectiva escada um só degrau.

Deviamos partir ás três horas e quarenta e quatro minutos; partimos ás quatro. A' meia noite e dez minutos, se não houver atrazo no caminho, desembarcamos no Terreiro do Paço, tendo percorrido uma distancia de 192 kilometros, o que dá uma velocidade comercial, desprezando pequenas frações de tempo, de 24 kilometros á hora. Já era assim quando o Estado explorava as suas linhas, o que tanto fez

dizer que, a este respeito, o publico nada ganhou com o arrendamento.

Comboios de passageiros a fazerem vinte e quatro kilometros á hora!

O dr. Moura Pinto, homem superiormente inteligente e culto, com raras qualidades de observador, resumiu n'estas duas palavras a impressão que colhera na sua rapida visita ao sul do Alemtejo — imensidade e esforço.

Sim, o Alemtejo é imenso, e o esforço da sua gente para valorisar a sua terra é qualquer coisa de heroico, digna de admiração e respeito.

Pela Beira

Na Estação da Avenida; meio dia e meia hora. Calor de rachar.

A carruagem em que nos instalamos parece uma estufa para a cultura de ananazes. Deve ser muito comoda no inverno, em dias de pouco frio, quando o aquecimento artificial é dispensavel.

Atravessamos o tunel sem que o fumo nos incomode, fechadas as portas e as janelas. Parece que a Companhia anda a estudar a eletrificação da linha de Cintra, o que nos faz ter esperanças de que esses miudos que por ahi andam, crianças na idade escolar, já aproveitem, quando forem velhos, d'esta conquista do progresso ferro-viario.

Muito regular, mais do que regular, a marcha do comboio — é o *Sud* — e então para quem está habituado, como eu, ás traineiras do sul-sueste, esta velocidade é já a vertigem, a estonteante velocidade d'um automovel em pista, para bater um *record*.

Conheço muito bem estes campos que vamos atra-

vessando; tenho-os visto em todas as epocas do ano, nos dias mais quentes do estio, e nos dias mais rigorosos do inverno.

Estudante em Coimbra e no Porto, fiz esta viagem muitas vezes, aproveitando as férias, e depois d'isso, por motivos de varia ordem e em circunstancias diversas, por aqui tenho passado vezes sem conta.

Pois nunca me canso nem me aborreço de vêr estes campos, a um e outro lado da linha, fazendo a *navette* de janela para janela, quando a concorrencia de passageiros me permite fazêl-o.

Custa-me não vêr muitas velas, muitos barcos n'esta porção do Tejo que do comboio se avista, saindo de Lisboa, amplo como um dos grandes lagos italianos. Bem podia a Natureza ter sido mais generosa comnosco dando agua com fartura aos nossos rios, navegaveis em toda ou na maior parte da sua extensão, em todas as epocas do ano, por barcos de maior ou menor tonelagem, conforme a proximidade do mar.

Mas quê!

Os nossos maiores rios, o Tejo, o Douro, o Guadiana, são navegaveis n'uma extensão insignificante, apenas algumas duzias de kilometros para além da sua foz, e os outros ainda menos valem, muito menos, como vias de navegação.

Já um sabio, cremos que da Academia do sr. philosopho e matematico Antonio Cabreira, formulou esta pergunta: — Porque é que os grandes rios fa-

zem caminho pelas grandes cidades para irem meter-se no oceano?

A verdade é que eu vou deliciado, um pouco menos que esbaforido, a ver o amplo, ádito Tejo ermo de vélas, deserto de barcos, sereno e majestoso, tinto d'um azul tão puro como o do céu que o cobre. Quando êle desaparece, ficando-me debaixo dos olhos a aspereza dos restolhos, aqui e além manchas verdes de milho seródio, salinas de vário tamanho, valas de pequena largura, éguas em manada, sob as vistas do respectivo guarda, pastando ao lado de pequenos atalhos de gado vacum, em que destacam os touros bravos, negros de azeviche, quando o rio me desaparece, eu vou para a janela do lado oposto, a gosar uma paisagem que é mais interessante, já com acidentes do terreno que circunscrevem vales aprazíveis, salpicadas de povoações que ainda se podem considerar arrabaldes de Lisboa, tão perto lhe ficam. Na terra baixa cultiva-se o trigo, de grandes fundas, e pelas encostas trepam vinhas e oliveiras, geralmente de bôa produção, e este ano, ao que me dizem, se o tempo lhes servir, de produção excepcional.

A jusante da ponte, em Santarem, a areia forma uma especie de cabedêlo, que obriga o rio a encostar-se á margem direita, em termos da sua corrente ganhar em energia o que perde em volume. Para cima da ponte, muito largo, quasi sêco, o Tejo faz uma curva rapida, e nunca mais a gente o avista do comboio, seguindo, como é o meu caso, o caminho de Alfarelos.

Muita arborisação á esquerda, montados e olivaes, terras planas e de semeadura á direita, e eis-nos chegados ao Entroncamento, que já hoje é vila, e nem sequer era aldeia, ha quarenta e tantos anos, quando eu por ali passava, estudante em ferias, viajando na Terceira, com as comedorias n'um taleigo.

Nunca passo por aqui, depois de 1915, que não evoque a memoria d'esse pobre João de Freitas, homem de bem na mais larga acepção da palavra, levado á pratica d'um crime por alucinação patriotica, que havia muito lhe conturbava o espirito.

Uma tarde, junto á Igreja das Mercês, encontrei-me com João de Freitas, vinha ele de fazer no Senado um discurso violentissimo contra o dr. Afonso Costa, acusando-o de negras culpas.

No seu olhar desvairado havia chispas d'odio, e eu bem vi que na sua alma convulsionada se travava uma luta formidavel, de que só apreendi a significação e o alcance quando êle me disse, apertando-me nervosamente a mão:

— Não o mato, porque tenho crenças religiosas, e não o mando matar, porque sou incapaz d'uma covardia.

Pobre João de Freitas!

Ele que em S. Thomé, fazendo vida de advogado, se mostrára sempre bom e amoravel para com os pretos, foi impiedosamente cruel para com um mulato da peor especie, tão mau e tão desprezivel, que os seus ultimos anos de vida aproveitou-os para encher de lama uma gaveta, com a recomendação ex-

pressa, naturalmente, de a atirarem á cara de antigos camaradas, alguns d'eles velhos amigos, quando a sua memoria, antes do seu cadaver, começasse a delir.

Pobre João de Freitas!

Conheço muito bem os campos que vamos atravessando, saindo do Entroncamento ao cabo de curtissima demora.

Pequenos outeiros, pequenos vales, oliveiras e pinheiros, vinhas que afectam o vigor das cêpas em pleno desenvolvimento, na idade em que se carregam de cachos.

Tiro respeitosamente o chapeu quando passamos por Chão de Maçãs, e pergunto, sem esperar que me respondam, quando soará a hora da justiça para o Mestre João Ferrador, fazendo-o *doctor honoris, causa* de qualquer Faculdade.

De Soure em diante alarga-se um pouco o horisonte, sobretudo para os lados do mar, e como saimos na Estação proxima, distante uns treze kilometros, agradeço ao velho amigo dr. Thomaz de Mello Breyner a bôa companhia que me fez, admiravel conversador que é, e tomo a posição de sentido, eu e o dr. Moura Pinto, para saltarmos na *gare* assim que páre o comboio.

Alfarelos!...

O calor aperta; não bole uma folha nas arvores; apetece beber coisas frescas.

Põe se o automovel em marcha, e parece que o tempo refrescou. Estou convencido de que se fechasse os olhos, tinha as mesmos sensações do calor escaldante que ao apear-me do comboio. Senti frio, na Suissa, a contemplar montes de neve, e recordo-me de sentir calor, no Alemtejo, a olhar da sombra uma queimada extensa e galopante.

Certo é que d'estes campos verdejantes, riscados de valas tumidas, vem uma impressão de frescura que torna muito suportavel as ardencias do sol, com o termometro – ia jural-o! — a rasar os trinta graus.

Como nos chega o tempo, vamos de visita á *Quinta da Foja*, passando á orla d'um grande pinhal, que é do Estado.

Atravessa-se um pateo enorme, que podia servir de campo de aterrissagem, e por uma dupla escada de pedra sobe-se ao andar nobre da moderna casa senhorial em que se transformou um convento.

Enorme platano no pequeno jardim anexo á moradia, grande a fazer-me lembrar os mais avantajados imbundeiros que vi em Africa.

Um braço do Mondego passa rente á Casa, e alaga de tal forma estes campos, no inverno, que é preciso o uso de bombas para os enxugar.

Não é desagradavel á vista um grande arrozal, quando a planta, ainda curta, verdeja nas terras alagadas; mas no meu espirito, desde muito novo, andam de tal modo associados estes dois conceitos — arroz e febres, que dificilmente os separo, a não ser

quando me servem arroz doce, com polvilhos de canela.

Pergunta-me o dr. Gaspar de Lemos se estou massado, e ouvida a minha resposta, prompta e negativa, manda seguir para a Serra.

Ha poucos anos ainda, esta Serra não tentava o veraneante da Figueira, porque era escalvada e aspera. Alguns pinheiros, muito poucos; veredas cortando o matagal rasteiro, para uso dos coelhos, que na serra abundavam. Chamava-se-lhe, como ainda hoje, Serra da Bôa Virgem; mas se houvesse logica nos nomes, devia antes chamar-se-lhe *Serra de Mau Andar*. Como miradoiro, era excelente; mas não era comodo ir lá, e feria os olhos a sua quasi absoluta nudez, eriçada de pedregulhos e tojos.

Hoje não.

A Serra ainda não está completamente povoada; mas já a mata ocupa uma área de quatrocentos hectares, e continúa a sementeira de penisco, sem omissão doutras especies arboreas.

Dois *ronds-points*, que são dois amplos belvederes, um ao sul, a Vela, outro ao norte, a Bandeira, permitem espraiar a vista em redor, e a Serra domina uma area de muitos duzias de kilometros. Da Vela, sobranceira ao Cabo Mondego, vê-se toda a cidade, já ligada a Buarcos, cidade incaracteristica, sem monumentos antigos ou modernos, de que se possa fazer menção.

Excelente praia, das maiores de Portugal, bahia

amplissima, onde nunca entra um navio, mar infinito, que aos habitantes da Figueira, a verem-no a toda a hora, dá a impressão dum mar deserto. Mal se percebe que o Mondego, com ares de grande rio, de Montemor para baixo, tenha ali a sua foz. Só por milagre a barra não está entupida, cortadas todas as relações do rio com o mar.

Seria mal gasto o dinheiro que o Estado desse para obras maritimas na Figueira, precavendo-se contra a fantasia duns e contra a megalomania doutros, sem outro proposito que não fôsse o de ter aqui um bom porto régional?

A nossa costa é pequena; a nossa agricultura é pobre; a nossa industria é debil; o nosso comercio, o que fazemos com o estrangeiro, e o que fazemos com as colonias, não dá para se manterem três ou quatro portos comerciaes.

Se ao menos o Mondego fôsse navegavel durante todo o ano, como é o Guadiana desde Vila Real até Mertola!...

Mas não; já em Coimbra o poetico rio dos salgueiraes, nos meses de verão, mal arranja agua para uso das lavadeiras, a colear na areia, aproximando-se ora da margem direita, ora da margem esquerda, evitando as maiores resistencias.

Ficam lá em baixo, rente ao mar, as chamadas *Minas do Cabo Mondego*, que ao Estado teem custado muito dinheiro, e de nenhum beneficio seriam para a região se não dessem trabalho a algumas duzias de operarios. Alonga-se a vista por cima da ci-

dade, e constata-se que não descontinúa o pinhal, a perder de vista, havendo uma facha de areia, muito larga e muito extensa, que está a reclamar penisco, unica maneira de ter alguma utilidade.

Diverso é o panorama que se desfruta do outro belveder, diverso e mais scenografico.

Vê-se que o mar tem vindo, desde afastados tempos, a recuar, a recuar, deixando um rasto de areias, formando dunas, já agora protegidas pela distancia, contra as suas furias epilepticas.

Aquele areal, diz-me o dr. Gaspar de Lemos, apontando em direcção ao norte, mede uma área de quatro mil hectares, e vai ser, todo ele, semeado de penisco.

Rasgado em direção ao mar, no pé da Serra, um boqueirão largo e fundo, mais largo do que fundo, todo ele esmeradamente cultivado, põe uma nota de arranjo e amenidade na aspera fisionomia d'este bocado de terra entre a Serra e o areal.

Dizem me o nome das povoações que avistamos, umas perto, outras longe, todas ilustrando a paisagem, que seria menos bela se a não vissemos, muito vaga, quasi indistinta, atravez d'uma neblina que se adensa, mal tocada pelos ultimos raios do sol.

Bem precisava a Figueira d'este melhoramento, a arborisação da Serra, refugio dos que não podem, sem enfado, consumir um ou dois mezes de ferias repartindo-se entre as manhãs da praia e as noites do casino, sem o gôso panteista, uns dias por outros, de mergulharem os olhos no seio da Natureza

livre, respirando um ar puro, tamisado por essencias florestaes, suavemente rumorosas, errando no ambiente em perfume tão subtil que dir-se-hia espiritualisado. Deve-se este melhoramento aos republicanos da Figueira, a todos eles, sem distinções partidarias, empenhados todos em que a sua terra não seja apenas uma praia em que se tomam banhos, no verão, mas uma cidade que valha a pena visitar em qualquer epoca do ano, correspondendo os atrativos da terra ao encantamento do mar.

N'um momento de feliz inspiração a *Junta* mandou construir um *chalet*, que se alugará, por um dia apenas, mediante a esportula de dez escudos, a uma familia ou grupo de familias que ali queira passar umas horas, de manhã á noite, cozinhando o seu almoço e o seu jantar, que para isso o *chalet* tem o conveniente apetrechamento. Muito bem situado, a meio da encosta, mas de facil acesso, dominando Buarcos e a Figueira, larga varanda aberta sobre o mar, por certo tenho que o *chalet* não chegará para as encomendas, mesmo que a sua guarda e vigilancia sejam cometidas á Moral, não vá dar-se o caso dos faunos da mata, por ali á solta, fazerem d'ele uma especie de *refugium peccatorum*, organisando bacanaes a que presidam Venus e Bachus.

A's dez horas inicio a minha conferencia, recebido pela numerosa e ilustre assembleia com demonstrações de apreço.

O thema era de natureza a despertar interesse —

O problema nacional — e o conferente não era inteiramente desconhecido na terra, que visitára sendo Ministro, discursando abundantemente, segundo as praxes, e vindo aqui realisar uma conferencia, mais tarde, por signal que só não apanhou uma sova, em Alfarelos, dada por bons republicanos, graças ao malogrado José de Napoles, que mobilisou, para o protegerem, os seus melhores caceteiros.

Não me foi dificil perceber que a assembléa não só estava bem disposta para me ouvir, mas esperava que eu lhe falasse como deve falar um republicano, sempre e em todas as circunstancias, usando o mais largamente possivel da escassa liberdade que Argus concede aos que, pela palavra escrita ou oral, pretendem comunicar com o publico.

As passagens mais aplaudidas da minha conferencia foram aquelas em que eu mais calorosamente afirmava a supremacia do direito sobre a força, encarecendo o absurdo e a vergonha de n'um regime republicano não ser permitido e garantido o exercicio de todas aquelas liberdades que assignalaram o decisivo triunfo da democracia sobre o despotismo.

Tenho de mim para mim que a Democracia, mesmo em Portugal, não corre risco de morte; está passando por uma crise grave, e já excessivamente demorada, mas d'ela sairá mais tarde do que uns desejam, mais cêdo do que outros esperam, purificada e redimida.

Apetece arejar, descarapuçado, na Esplanada, de-

pois de ter suado uma conferencia durante seis quartos d'hora.

Quasi não se ouve o mar; um vago sussurro chega até nós, monotono e cadenciado — como se fosse a respiração d'um monstro oceanico estendido a todo o comprimento da praia.

Para que se pudesse dizer que o homem é um animal perfeito, havendo alguns que, em bôa verdade, são perfeitos animaes, era necessario que ele pudesse viver na agua, como os peixes, pudesse girar no espaço, como as aves e em terra fosse capaz de correr como as lebres. Com estes predicados ainda não seria a perfeição absoluta, mas seria muito menos imperfeito do que é.

Talvez seja para exaltar, o Poder de Deus, porque não era qualquer que faria o que ele fez, o Mundo, aborrecido de nada fazer desde toda a eternidade. Mas forçoso é reconhecer que não fez uma obra perfeita, uma obra de harmonia e equilibrio, sendo facil apontar-lhe as insuficiencias, os defeitos, já agora sem remedio.

Conta-se que um abade, a caminho da Igreja, proxima da sua casa, para dizer missa, envergando habitos talares, viu um rapazinho, que tangia uma vaca leiteira, fazer com ela um consideravel rodeio, um enorme rodeio para a levar a beber n'um ribeiro que ficava muito perto, a uma insignificante distancia, mas para além d'um muro imensamente comprido e d'uma altura respeitavel.

E então o abade pensou que bem podia Deus

Nosso Senhor ter dado ás vacas, e tambem aos homens, a faculdade de voar, generosamente concedida ás aves e aos passaros.

N'isto passa, quasi a roçar-lhe no boné, um pardal, e mesmo na ponta do nariz do reverendo, comete uma grave irreverencia, que o obriga a exclamar:

— Tudo quanto Deus faz é bem feito. Grande é a estulticia do homem que se mete a sondar os insondaveis designios do Todo Poderoso.

Limpou o nariz, verificando o corpo de delito, e continuou o seu caminho, murmurando a sua insensatez:

— Olha se em vez d'um passarinho fosse uma vaca! Ficava em bonito estado para dizer missa...

Não me dispensa o dr. Manoel Gaspar, e ainda bem, de visitar o Jardim-Escola João de Deus, o que fizemos já a caminho da Estação, onde tomaremos o comboio da Beira Alta.

A'parte o pagamento ás professoras, todas as despezas da Escola são custeadas pela generosidade dos habitantes da Figueira, seguros de que empregam bem o seu dinheiro, porque são patentes os beneficios que ela presta á gente pobre da cidade.

Dentro da Escola, uniformisadas com a maior e menos dispendiosa simplicidade, as crianças reconhecem-se iguaes, e porque todas são tratadas da mesma forma, com as mesmas atenções, os mesmos disvelos, a mesma solicitude, a noção de igualdade que lhes

dá o vestuario, radica-se no seu espirito em formação, podendo ter-se como certo que em muitas esse admiravel ensinamento da Escola resistirá aos maus exemplos e perniciosas sugestões da Sociedade. Ministra-se o ensino por modo que as crianças aprendem sem esforço; encontram-se a saber ler e escrever, ao cabo de poucas semanas, persuadidas de que não fizeram senão brincar, com a diferença de ser aquilo uma brincadeira que só é possivel na Escola.

Na pessoa do dr. Manoel Gaspar felicitamos a Administração da Escola, e á sua ilustre directora, que nos parece reunir em grau elevado, todas as qualidades de Mulher e Mestra, indispensaveis para o bom desempenho de tão melindroso cargo, fazemos os nossos calorosos e sinceros cumprimentos...

Muito reconhecidos por todas as gentilezas que para conosco teve a Delegacia, na Figueira, da Universidade Livre de Coimbra, damos por finda esta visita, que nos reavivou saudades d'uma quadra da nossa vida, opulenta de sonhos, a transbordar de esperanças.

*

A's onze horas, com um calor de rachar, saimos da Figueira pelo comboio da Beira Alta.

O dr. Moura Pinto desabotôa o colete, e eu tiro o casaco. O mais provavel é irmos sós até á Pampilhosa; mas se alguem entrar, um colete depressa se abotôa, e um casaco depressa se veste.

Aqui ha muitos anos, ainda eu era estudante de

medicina, uma Comissão de burgueses do Porto, pela maior parte gente do comercio, o alto comercio, tomou o comboio para Lisboa, num dos mais pirometricos dias de julho, a conferenciar com o presidente do ministerio, que era regenerador.

Mal o comboio arrancou de Gaia, os da Comissão puzeram-se á vontade, desembaraçando-se do casaco e colete, e alguns, os mais escravisados ao uso do tamanco e do chinelo, desembaraçando se tambem das botas. Viajavam em carruagem reservada.

Quando já estavam perto de Lisboa, o que tinha ares de chefe advertiu que em chegando ao Poço do Bispo — ao tempo a Estação terminus da linha do Norte era Santa Apolonia — era necessario que se vestissem... e calçassem.

Ora sucedeu que a Estação do Poço do Bispo lhes passou despercebida, e justamente quando o comboio parou em Santa Apolonia, onde os aguardavam os grandes trunfos da politica progressista, é que eles trataram de se vestir e calçar.

Facilmente se calcula o embaraço dos pobres comissionados, um d'eles tão atrapalhado que saiu da carruagem com uma bota na mão, e alguns com o colete por fóra do casaco.

Pois vamos sós, na carruagem, eu e o dr. Moura Pinto, excelente amigo que é ao mesmo tempo um adoravel companheiro de viagem.

Pequenos vales; ligeiras acuminações de terreno que não merecem o qualificativo de montes, porque nada mais são que modestissimos outeiros, de suaves

e arborisadas encostas. Retalhos de cultura — o milho, a vinha, a batata, a abobora. Grandes manchas de pinheiro bravo, de pouca idade, estendendo-se para um e outro lado da linha, e viveiros de penisco, mal cobrindo a terra, dando a impressão, a quem os vê de longe, á distancia a que nós os vemos, de relvêdo tropical, macio e fôfo, d'um verde terno, perfeitamente uniforme. Muitas oliveiras, insignificantes olivais; aqui e além retalhos de centeio, que ainda entra, mas de cada vez menos, na alimentação d'esta gente. Agora mesmo me caem os olhos sobre uma seara de trigo, talvez considerada, aqui, uma grande seara, qualquer coisa como quatro ou cinco alqueires em semeadura, com certeza menos d'um hectare.

As searas, os trigaes do Alemtejo!

Centenas de alqueires lançados á terra, são dezenas de moios que entram no celeiro, em anos de bôa ou razoavel colheita, e qualquer pequeno lavrador semeia por ano, quatro ou cinco moios, ocupando esta sementeira entre trinta a quarenta hectares, conforme a terra é de mais ou menos semente.

Faltou ao poeta mantuano ver uma grande seara de trigo no Alemtejo para ser completa a poesia das Georgicas. Na Italia do seu tempo, já havia os grandes latifundios, e tanto eles contribuiam para a miseria publica, que Plinio, o que morreu assado no Vesuvio, escreveu na sua Historia Natural, não me lembra agora em que volume — os latifundios perderam a Italia. Havia os latifundios; mas não havia os infinitos trigaes, salpicados de papoilas vermelhas,

ondulando como um vasto mar interior, as espigas ainda em leite, ou já maduro o grão, com as ceifas á porta. As admiraveis paginas que Virgilio teria acrescentado ao seu poema, excessivamente didatico, se fosse, como eu, alemtejano de raiz, criado como eu a ver a opulencia das messes, ora verdes, ora loiras, a crescerem sob o bafo de Ceres, e a amadurarem quando o carro do Sol, guiado por Phoebus, irradia um calor benefico, que ainda não é de pleno verão, e já não é da florida Primavera. — E' verdade que se ele fosse como eu, não fazia versos, e escrevia, tão mal como eu escrevo, em prosa.

Pequenos pomares; pequeninas hortas; casas de habitação que em nada se parecem com os velhos Montes do Alemtejo, e inculcam um viver confortavel que ainda hoje, na minha Provincia, só conhecem e desfrutam raros lavradores.

Constato que por aqui a oliveira adquire um grande desenvolvimento, arvores de bom porte, o tronco grosso e a copa abundante, de bôa produção, ao que me informam.

Muito curiosos, os nomes das Estações, n'esta linha pitoresca. Tirando Alhadas, a poucos kilometros da Figueira, e mais alguma outra de que não me lembro agora, *êde* é comum a todas — Arazêde, Lemêde, Murdêde, Cantanhêde. Abunda a cal em Cantanhêde, e talvez, por isso, as oliveiras, n'esta região, adquirem um porte soberbo.

Aparece, no horisonte afastado, o Caramulo pela

esquerda, e o Bussaco pela direita, envoltos em nevoeiro pouco denso, uma neblina que turva os ares sem apagar as formas.

Pampilhosa.

A linha, d'aqui até Mortagua, é aborrecida, ora apertada entre trincheiras altas, em que bateriamos com o nariz, se deitassemos a cabeça fóra da janela, ora metida em canudos escuros, que são os numerosos tuneis que foi necessario abrir na rocha, para ela passar. Vê-se o Bussaco de muito perto, quasi na vertical, nem propriamente monte nem cordilheira, massa enorme de flancos asperos, aqui e além fendidos em ravinas estreitas, n'algumas das quaes ha povoados minusculos, d'aspecto mais do que pobre, miseravel.

Linda, a campina de Mortagua, d'uma extensão que faz lembrar os campos do Ribatejo, cultivada com esmero, metida n'uma cercadura de pinhaes. A cadeia de Caramulo fecha o horisonte, limitando uma depressão de terreno, variamente acidentado.

Muito alta e muito comprida a ponte sobre o Dão, e muito curiosas as formações de chisto que a linha cortou, como quem abre um livro, e na verdade elas fazem lembrar estantes com livros, pequeninas estantes de letrado pobre, ridiculas em comparação com as que se vêem no Guadiana, altas de muitas duzias de metros.

A primeira vez que por aqui passei, a caminho de Vizeu, foi em Abril de 1894, castigado pelo ministro da guerra, era eu cirurgião ajudante, com um ano de inactividade.

Que nefando crime praticara para tão dura expiação?

Praticara o crime de colaborar n'um jornal republicano que se publicava em Beja, o *Nove de Julho*, e o crime, ainda maior, de ter consentido em ser candidato por Béja, n'umas eleições geraes, proposto pelo Directorio. Era natural que não viesse bem disposto, para mais com uma noite perdida. Por efeito do castigo, eu receberia por mez, emquanto estivesse em Vizeu, qualquer coisa como vinte mil réis, menos do que o indispensavel para viver segundo o preceituado no Regulamento Disciplinar do Exercito — não fazer dividas, não comer nas tavernas ou casas de malta, e apresentar-me, fardado ou á paisana, por forma a não comprometer a dignidade da posição.

Vão passados trinta e cinco anos!

N'aqueles velhos tempos ainda não era decente os inimigos das instituições vigentes servirem-nas... e servirem-se, em cargos de confiança politica, conforme a moral dos novos tempos.

Pára o comboio na *gare* de Santa Comba, e, como é pouca a bagagem que nos acompanha, saltamos da carruagem para o automovel, e ála que se faz tarde, a caminho dos Vales.

O calor é de respeito; mas nunca a temperatura é excessiva para um alemtejano de raiz, e ninguem é mais alemtejano do que eu. Sou bem um homem da sua provincia, um autentico produto do meio em que foi gerado e se criou, temperada a alma com as quali-

dades e os defeitos que essencialmente caracterizam a gente transtagana.

O que seria um homem sem defeitos?

Um anjo.

O que seria um homem sem virtudes?

Um monstro.

In medio consistet virtus, e eu não trocaria a minha qualidade de homem pela absoluta perfeição de Deus, e só constrangido aceitaria a minha transfiguração em Belzebu, mesmo que me fizessem imperador do Orco.

Pois está um calor de se lhe tirar o chapeu... á sombra; não bóle uma folha, cariciosamente tocada pela aragem.

Põe-se o carro em marcha, e a coluna de ar que desloca atenua os rigores do sol, cravado como um botão de fogo no céu limpo de nuvens.

A estrada, de Santa Comba até por aí fóra, permite toda a velocidade de que é capaz um *Ford* que já tem no bucho para cima de quarenta mil quilometros.

Nós, os portugueses, somos duma poupança feroz, quando se trata de utilizar maquinas, e o Estado muito mais que os particulares.

Acreditará o leitar que o nosso *Vasco da Gama*, terror dos mares, conta a bonita idade de sessenta anos?

Já se deu o caso de pedirmos a uma casa construtora, na Inglaterra, uma peça que era indispensavel ao funcionamento duma maquina que ali tinhamos

comprado havia muitos anos, e estava ainda em condições de prestar optimos serviços, adicionando-lhe a peça que lhe faltava. Na propria casa que a fabricara e no la vendera não havia a mais leve, a mais apagada noticia da tal maquina, e a resposta foi mandarem aqui um engenheiro para tirar os desenhos e fotografia de tão extraordinario prodigio, digno de figurar num Museu.

Vamos devagar, porque não temos pressa, e, se pressa tivessemos, mais devagar iriamos, em obediencia a um salutar aviso da sabedoria das Nações.

Região acidentada, horizontes curtos, renovando-se a cada volta da estrada, sem que mude a paisagem. Pequenos campos de milho, algum já alto e embandeirado, com tendencia a murchar, outro, muito curto, de aspecto vigoroso, capaz de resistir á sêde, se a chuva tardar. Retalhinhos de cultura frumentaria, trigo e centeio, que me dariam. se ainda estivessem verdes e rasteiros, a impressão de searas de Santo Antonio em grandes pratos de barro.

Os pinhais são os montados da Beira; mas o pinheiro bravo não se compara, em beleza, ao *quercus rusticus*, que dá bolota, nem o pinheiro manso suporta o confronto, como desenho, com o *quercus suber*, que dá a lande, admiravel comida para engordar os porcos

Tudo no pinheiro bravo é aspero, quasi agressivo, esguio como os ciprestes, mas sem a ramagem que enfeita estas arvores funerarias, particularmente destinadas, entre nós, á ornamentação do scemiterios.

O pinheiro manso, de farta cabeleira, dum verde que irradia frescura, não fere a vista, não molesta a sensibilidade. Agora mesmo, num virar de estrada, me cáem os olhos sobre um maciço de pinheiros mansos, na chapada em frente, todos do mesmo tamanho, todos equidistantes uns dos outros, tocando-se pela côma, a formar uma umbela suavemente convexa, e eu tenho a impressão de que vai surgir de qualquer parte o divino Pan, oferecendo-se em adoração naquela pequena catedral.

— Parece que foram tosquiados, como buxos de jardim — diz-me o dr. Moura Pinto, a cuja inteligencia superior dá realce uma sensibilidade excepcionalmente delicada.

Quere-me parecer que caminhamos por entre hortas, pequeninas hortas que são grandes quintais, terras amanhadas com muito cuidado, junto ás povoações com muito esmero, as arvores de fruto, as laranjeiras, as pereiras, as macieiras, os pecegueiros, pondo uma nota de elegancia arboricola nos taboleiros, uns maiores, outros mais pequenos, em que verdeja o milho, a batata, o feijão, e bracejam as aboboras, ainda em rama.

A nota mais simpatica desta paisagem é dada pela vinha, que neste ano prometedor, sucedendo a dois anos desgraçados, promete uma tal abundancia de vinho que já os mixordeiros andam aflitos, porque o negocio que eles fazem com o sumo da uva é nada em comparação do que lhes rende a sua enologia de criminosos — sem medo, sem escrupulos e sem ver-

gonha. Aqui nos aparece agora um largo trato de chão inculto, um baldio que nem sequer tem pinheiros, coberta a terra duma urze que lhe dá tons de *grenat*, misturada ao tojo, de pequenina flôr amarela, e ao rosmaninho, já sêco, côr das bôrras do vinho tinto.

Feita de curvas, muito apertadas, só de longe em longe a estrada oferece um pequeno fragmento de recta, em que se pode largar á vontade. Coisa bem diversa sucede com as estradas do Alemtejo, onde as rectas se medem por quilometros e as curvas, por via de regra, são de grande raio.

Garante-me o dr. Moura Pinto que é o Mondego o rio que vamos agora atravessar, apertado entre fragas, o leito cheio... de pedregulhos, e por entre eles serpeando, em ondulações minusculas, um delgadinho fio de agua, que só por milagre não empoça.

Sem a contribuição que recebe doutros rios — o Ceira, o Alva, o Dão, o Mondego arriscava-se a não chegar á Figueira, e tão insignificante é o seu desnivel entre a Figueira e Coimbra, que não seria coisa de pasmar vê-lo um dia esbarrar no cabedêlo, interrompendo por completo e definitivamente as suas relações com o Oceano.

Não baixou a temperatura, mas o calor não incomoda. Platanos e eucaliptos bordam a estrada, dando lhe sombra, e aqui e além, em pequeninos lanços, formam abobada ogival, com rasgões por onde entra o sol, mal temperando a folhagem as suas ardencias de verão.

Não podem manter-se grandes rebanhos nestas terras quadriculadas, e os baldios, terra de ninguem, ficam a grandes distancias uns dos outros, de modo que tem o gado de andar pelas estradas, impossibilitado, nas suas andanças, de comer pastagem doutrem.

Agora mesmo passa por nós, parado o carro, um atalhito de ovelhas brancas, guiado por dois pastores, dois rapazotes que não têm nada o ar serrano, e nem pelo trajo nem pelas maneiras fazem lembrar o zagal do Alemtejo.

E novamente atravessamos o Mondego, agora mais largo e mais farto de agua, formando pêgo para baixo da ponte, emoldurado em freixos e salgueiros, dando-se até o luxo de margens relativamente largas, de esmerada cultura.

Ainda não vi um só moinho americano, moinho de tirar agua, e as tristes *cegonhas* que me aparecem, molhando o bico em covas ou boqueirões sem empedrado, levam-me a pensar no que seriam as regas no Paraiso, anteriormente ao pecado, tão inocente o homem como a mulher, passeando descuidosamente; um e outro, a sua nudez fresca e virginal pelas ruas umbrosas e perfumadas do jardim, sem desejos pecaminosos, sem pensamentos libertinos, e o Diabo debaixo da macieira, de optimos frutos, a rir, a rir...

Chegamos a Coja, na margem esquerda do Alva, tributario do Mondego, como já ficou dito. Nada tem de interessante esta vila, que seria um nucleo de população importante se aqui perto tivesse um cami-

nho de ferro, ou se o rio fôsse navegavel, embora para barcos de pequeno lote, se pelo menos fôsse flutuavel, permitindo o uso de jangadas, funcionando como batelões.

Mais cinco minutos de corrida e estamos nos Vales, em casa do dr. Moura Pinto.

Na varanda, montada sobre colunas de granito, o termometro marca trinta e seis graus.

São duas horas, estilo antigo.

Apetece mais a agua que a comida, e a agua, nos Vales, é excelente, com um vago sabor a ferro, muito fresca, muito leve, muito pura.

Almoço beirão, a que eu faço grande honra, embora não seja garfo de nomeada e fique, como copo, abaixo do mediocre.

Sem medo ao calor, tão forte como ao chegarmos a Santa Comba, com o sol a pino, pomo-nos a caminho de Torrezelo, de visita ao dr. Mendes Leal, ao sr. conselheiro Mendes Leal, como lhe chama toda a gente, na Beira, velho e querido amigo.

Pela direita, até Coja, os montes descem em rapido declive, e é como se fossemos costeando um velho muro, humido e musgoso, com chanfraduras alongadas ou semi-circulares.

Mas é admiravel a paisagem, pela esquerda, o Alva, em torcicolos, por ali abaixo, muito estreito aqui, mais ancho além, nas suas curvas de maior raio, como um caixilho partido, circunscrevendo risonhos vales, que seriam os jardins e pomares de Vertuno e Pomona dos nossos dias, não tendo fugido do Mun-

do — sabe-se lá para onde? — os simpaticos deuses que o povoavam e eram ao mesmo tempo a força e a abundancia, toda a beleza da vida, a Terra sendo uma estancia de prazer e não um vale de lagrimas, mansão de privações e dores.

Um grande ramo de olival povôa as encostas, em frente, desde a margem do rio, acomodadas as oliveiras em socalcos, como as cêpas no Douro. Aqui e além, pinhais em formação põem grandes manchas verdes nas terras inclinadas e froixas, sendo de presumir que sem estas agrafes elas viriam assorear mais o rio, tornando ainda mais pequeno o seu pequenissimo caudal.

Verdejante e aprazivel como o de Vila Cova é o vale do Avô, muito maior, mais largo e mais comprido, e, como que projectando-se nas encostas, do lado esquerdo do rio, sobe até quasi tocar os cabeços mais altos.

Nas *Quintas*, que são as herdades do Alemtejo, não tendo em conta a área, vivem os caseiros em pobres moradias sem conforto, ou vivem os donos, em chalés incaracteristicos, sem harmonia com o ambiente, ficando tão bem, ou tão mal, na planicie como na encosta, numa região de frios e neves, como numa região de calores sufocantes.

Visto das chamadas *Varandas*, numa curva da estrada, o vale do Avô é realmente bonito, vagamente fazendo lembrar os enormes vales da Suiça, emoldurados em montanhas gigantescas, comparadas ás quais estes cêrros são pequeninos desniveis. O aspecto da

povoação é desgracioso, casa aqui, casa além, nem uma só destacando, a que se nos prendam os olhos com enlêvo, interessando-nos pela grandeza, arquitectonicamente distinta. Tudo mais velho do que antigo, pobre e mesquinho, o rio a chegar-se para as encostas, ao sair da povoação, naturalmente procurando um declive que o não obrigue a esforços com que mal poderia a sua esquemia de verão.

Na paisagem da Beira não há o contraste violento das côres, melhor dizendo, talvez, não ha as côres violentas que ferem pelo contraste. O verde, na opulenta escala das suas gradações, é a côr fundamental da Beira, sendo curioso notar que numa pequena área como esta chã do Avô, independentemente da forma e do tamanho, a gente distingue as coisas... pela côr!

Não vale a pena a gente demorar-se em qualquer destas pequenas povoações que vamos atravessando, Vila Pouca, Vendas de Galizes, Lorosa, Chamusca, todas elas insignificantes, conservando ainda, talvez como documentação, um grande numero daquelas pocilgas com primeiro andar, a que dá acesso uma escada de pedra, pelo lado de fóra, e do mesmo lado, a toda a largura da respectiva face, uma varanda corrida, em madeira, coberta de telha vã.

A estrada em que vamos agora, estrada nacional, de grandes curvas, permite a maior velocidade de que é capaz o carro.

Pinheiros a um lado e outro; pela direita, fechando o horizonte, os primeiros contrafortes da Serra da

Estrella, de chapadas verdejantes, nus e asperos os visos de maior altura. Pela esquerda, o Caramulo, formando um espinhaço que parece uniforme, visto através da neblina discreta.

Chegamos a Torrezelo.

O ar da Serra retemperou o meu velho amigo, e por seguro tenho que com a demora de mais algumas semanas, aqui, voltará rijo e forte a Lisboa, ao convivio de pessoas que muito o estimam e que são todas que de perto o conhecem.

*

Em frente de Torrezelo a Serra é imponente, por ela trepando, desde a raiz, pinheiros bravos e culturas várias, as inevitaveis culturas da Beira — milho, feijão, batata, vinha rasteira.

Divisa-se, como uma fita branca, na cumieira, a estrada de Loriga, e adivinha-se, lá em baixo, no fundo do vale estreito, o pobre rio Alva, que para ser um grande rio, falta-lhe apenas... agua.

Está desanuviada a Serra, mas começa a envolvê-la uma neblina sem consistencia, muito tenue, por assim dizer incoercivel, através da qual veremos, dentro em pouco, esbaterem se os contornos da montanha, de côr violeta em transição para o azul.

O demonio é que se avariou o *Ford*, incapaz de nos levar por ahi fóra, até aos Vales, embora caminhando lentamente, ao passo das mulas de carga.

Mas eis que surge um automovel, a correr com o

maior desembaraço, e pára junto de nós, apeando-se dele pessoas conhecidas. E' guiado pelo sr. José Pegado, amigo intimo do dr. Moura Pinto, unionista dos que na Beira mais devotadamente serviram o partido.

— Eu levo-os aos Vales — declara o sr. Pegado, e não precisou dizê-lo duas vezes para aceitarmos o seu generoso oferecimento.

Quem sabe?

Eu cravei demoradamente os olhos, ha pouco, quando vinhamos para aqui, na capelinha da Senhora das Preces, Senhora das Pressas, como o povo lhe chama, quando vinhamos a caminho de Torrezelo, e o meu extasi poético, de feição religiosa, foi talvez para a Senhora uma oração, que me tornou crédor da sua divina graça e inefavel misericordia. Nunca vejo sem comoção pequeninas Igrejas alcandoradas nos montes, porque me parece que elas inculcam um salutar regresso ao paganismo, integrados os Santos na vida multiforme da Natureza, amigos do homem e seus protectores, sem as promessas d'um Céo-chimera, e sem as ameaças d'um Inferno-mentira.

Pobre *Senhora das Pressas!*

Teve muito de seu, em tempos idos, muitos alqueires de terra, muitos carros de milho, valores mobiliarios que somavam contos, muitos contos, porque então uma libra valia nove vezes cinco tostões e cada tostão valia cinco vintens, e não apenas cinco réis, como agora sucede.

Hoje a *Senhora das Preces*, ao que me informam,

ainda tem com que pagar a lamuria cantada ou resada d'um cego, mas dificilmente teria com que pagar o azeite da triste lampada que a alumia, se os devotos, já muito poucos, e de cada vez menos, se não lembrassem d'ella, para a não deixarem ás escuras.

E a respeito do poder milagrento da santinha?

Dizia um velho cura, no genero d'aquelle cura do *Melro* — malicioso, alegre, prazenteiro—que o maior milagre que a Senhora fizera, de todos que eram conhecidos, fôra o de enriquecer em pouco tempo os refinadissimos devotos, seus fabriqueiros, que se tinham feito encargo de lhe administrar a fazenda, e prover á execução do seu culto.

Aproxima-se a noite.

Ainda se vê o sol, por cima do Caramulo; mas já os vales mais fundos começam a encher-se de sombra, e nas chapadas da Serra as coisas vão tomando formas homogeneas, suavemente iluminadas. Não é ainda a côr azul dos longes montanhosos, mas tambem já não é a tonalidade violeta da hora crepuscular, no entardecer d'um dia quente e humido, a atmosphera a adensar se por sobre os montes alcantilados.

Como um grande pintor que vai morrer, querendo fixar na tela, para memoria, uma phantasia de côres, ainda forte o pulso, ainda limpida a vista, integro todo o poder emocional da sua alma de artista, o sol desenha no poente um quadro maravilhoso, que vai desde o amarelo até ao vermelho purpureo do oiro derretido, oiro novo.

Atravez d'um pinhal espesso, formando cortina, vê se o horisonte em chammas, como se o tocassem os magicos pinceis de Salvator Rosa, inspirado na poesia tragica d'um incendio, voraz como o de Gomonha, na exclamação vigorosa e beyroniana do Adrião Forjaz, ilustre cathedratico de Coimbra.

As sombras, na pintura, acentuam as formas; Vinci empregava-as e distribui-as por maneira a tornar quasi palpavel o modelado das suas figuras.

Nas horas crepusculares, quando desponta a aurora ou quando se aproxima a noite, é que melhor se observam os efeitos de luz, o jogo das sombras em plena Natureza, sobretudo nos logares como este, cortado de ravinas e eriçado de montes.

Ainda são nitidos os contornos das coisas a distancia, frouxamente iluminadas pelos ultimos raios do sol abaixo do horisonte; mas já mal se apercebem saliencias e depressões; os tons duros da paisagem tornaram-se macios, como pregas de veludo, e aquelas labaredas que ainda ha pouco viamos incendiando o poente, são agora massas e frangalhos de nuvens quasi negras franjadas de branco muito limpido.

Cae a noite, e é como se para cima d'uma tela de Caravagio atirassem as sombras tragicas de Ribera, seu discipulo.

Guiado por mão habil e firme, o automovel galga as rectas como um comboio rapido, e adapta-se ás curvas como um cavalo de circo.

Um coelho atravessa a estrada, quasi deixando-se apanhar pelo carro, e este pequeno incidente, ao des-

andar para o Barril, faz-me recordar noites d'Africa onde, como dizia o outro, ha bichos bons, que são os pretos, bichos maus, que são os brancos, e entre uns e outros, como elementos de transição, ha os leopardos, os leões, as hyenas, os crocodilos.

A noite, sobretudo a noite escura, no campo, em região de montes alterosos e ravinas fundas, com trechos de floresta, é propicia á cogitação em mysterios e á perpetração de crimes. O silencio apavora; qualquer ruido nos sobresalta, como se fôra uma advertencia, um aviso. A treva, quando a Natureza fatigada se retempera para a vida, no somno d'uma noite profunda e muda, como que separa a imaginação da realidade, e é ahi que Deus reside, isto é, o mêdo, aquelle sentimento de dependencia, que fez nascer no homem a religiosidade primitiva.

E cá estamos nos Valles, admiravelmente bem dispostos para comer, primeiro, e para dormir, depois, esperançados em que o tempo não mude, chovendo de maneira tal que tenhamos de dar por finda, apenas iniciada, esta pequena excursão, que bem necessaria estava sendo ao vigor do nosso corpo e á saude do nosso espirito.

Quatro dias sem grafonola!

Quatro dias sem Asuero!

Quatro dias sem Camarão!

N'este mundo, apezar das suas imperfeições, ainda ha coisas bôas, e uma d'ellas, por certo das melhores, é um recanto da Provincia, em casa amiga, enchendo os pulmões de bom ar, vendo como as searas cres-

cem e os frutos amaduram, ouvindo a cantoria dos passaros e o ramalhar das arvores, escutando no silencio das noites calmas os segredos que as raizes dizem á Terra e os Montes comunicam ao Céu, Deus e a Natureza nada mais sendo que uma creação do espirito.

*

Fazemos o giro do proprietario, antes do almoço, quasi a desculpar-se o dr. Moura Pinto por não ser a sua Quinta uma daquelas imensas herdades alemtejanas que medem, em área, muitas centenas de hectares.

Jardim, horta e courela, a Quinta dos Vales é uma propriedade que se explora com interesse e com prazer, porque as suas terras são ferteis, são deliciosos os seus fructos, e teem um aroma penetrante as suas flores, os seus cravos, as suas rosas. Agua não lhe falta, e te-la-ha de sobejo, quando estiverem completos uns faceis trabalhos de hydraulica em que anda empenhado, já preparada a respectiva mina para a conveniente exploração. Na Beira ha fome de terra e sêde d'agua; todos querem ser proprietarios, não apenas do casinhoto em que vivem, mas da polegada do chão em que trabalhem de conta propria. Mas a propriedade, na Beira, pouco rende, se não fôr convenientemente regada. No Minho, sucede pouco mais ou menos a mesma coisa, e julgo não ficar longe da verdade, dizendo que na estatistica criminal duma e

outra destas Provincias avulta a sacholada homicida por motivos de repartição das aguas para rega.

Está a formar-se uma trovoada no quadrante sul, e receio muito que ela, uma vez formada, rode para as bandas do pégo, porque então dá môlho, com certeza. Escureceu um pouco o ar; já vi relampagos curtos zig-zagueando para cá dos montes que fecham o horisonte, e, pareceu-me ter ouvido, ha pouco, o ribombar surdo dum trovão, ao longe, muito ao longe...

— Isto passa, diz o dr. Moura Pinto. Já o céu vai limpando.

Efectivamente passou, tendo caido algumas gotas d'agua, insuficientes para ogarem a estrada, por demais poeirenta.

Toca para o Posto Agrario, passando pelo Barril.

Ainda não vi um souto; mas tenho visto lindos castanheiros, alguns em plena floração, empenachados tão profusamente que parece não ser a arvore mais do que uma enorme *corbeille*, algumas tendo uma rigorosa forma geometrica, em cone, nada se vendo das suas pernardas, sem comparação, na forma e no tamanho, com as das azinheiras. Quer-me parecer que se deve sentir frio, dentro dum souto, em plena canicula, tão viva é a impressão de frescura que os castanheiros, carregados de flores, transmitem á pele por intermedio da vista.

Por aqui andei já, *in illo tempore*, a informar-me das maiores necessidades d'esta região, que devessem ser consideradas e pudessem ser satisfeitas pelo Mi-

nisterio do Fomento, cuja pasta eu geria. Ministro á força, como o medico de Molière. Disse o dr. Teofilo Braga, sabendo que mentia, que eu intrigára para ser ministro, atribuindo-me ruins propositos, que nunca tive, e condenaveis processos, de que nunca usei. Fiz as maiores e mais honestas diligencias para não entrar no Governo Provisório, alegando rasões de muito pêso, sobrelevando a todas a necessidade de se manter o contacto com o povo por intermedio de alguem que houvesse marcado o seu lugar nos trabalhos da propaganda. Não foram atendidas as minhas razões, que não eram desculpas de mau pagador, e a 23 de Novembro de 1910 eu assumia a gerencia da pasta do Fomento, absolutamente nada lisongeado com a honraria, e sem nenhum receio das graves responsabilidades que me adviriam do exercicio do cargo.

Pois foi na qualidade de Ministro do Fomento que eu por aqui andei, ha bons dezoito anos, vendo tudo e ouvindo todos, servindo-me de cicerone o dr. Moura Pinto, que veiu a ser, formada a União Republicana, um dos seus membros mais ilustres, e um dos meus amigos mais dedicados.

Parámos em Lorosa, onde ha uma igreja em estilo romanico, que hoje é considerada como monumento nacional. A fachada conserva a feição primitiva, e seria facil restituir-lhe a pureza arquitectonica da sua construção, demolindo um estupido acrescente que a macúla, como se ornamentassem as capelas Imperfeitas, da Batalha, com toiros e bonecos das

Caldas. Está fechada a porta, e o sacristão anda a tratar da sua vida, no campo, sendo natural que só á noite recolha a casa.

Damos um pequeno giro pela Aldeia, e constatamos que, não obstante a cortar pelo meio uma estrada nacional, Lourosa é uma povoação de aspecto miseravel, as ruas imundas, as casas, na sua quasi totalidade, no estilo antigo, a que já me referi. O postigo, que no Alemtejo é representado por uma abertura quadrangular, a meio da porta, e serve para arejar a casa, e para ver quem passa ou quem chega, o postigo, em Lorosa, e parece que nas demais terreolas da Beira, da equivalencia de Lorosa, é representado por meia porta, assim uma especie de avental de pau, como lhe chamariam em Lisboa, — sem propositada ofensa a esta pobre e honrada gente.

Aparece a senhora Maria do Carmo com as chaves da Igreja, estavamos nós a palestrar com um pequeno rancho de ceifeiras, todas descalças, os pés muito limpos, as saias compridas, chegando-lhes aos tornozelos.

Uma d'elas, miudinha, redondinha, os olhos negros, bem rasgados, os dentes brancos, muito brancos, destacando pela alvura no escarlate dos beicitos fôfos, admiraveis para beijos pegados, queixa-se do paroco não promover festas a S. João, e com um desembaraço de feminista militante, envolvendo tòdos os padres na mesma responsabilidade, exclama:

— Eles é que dão cabo da religião.

A adoravel garôta!

Não lhe pergunto o nome, com medo dela me dizer que se chama Zéfa da Purificação, ou qualquer outra enormidade do mesmo jaez.

São como as amoras dos silvados, as rapariguinhas rusticas; dá gosto vê-las, e apetece apanha-las, mas é desagradavel ouvi-las, mesmo quando a voz tem bôa tonalidade. Habitua-se a gente a correcções gramaticaes, e depois, no campo ou no Parlamento — quem o déra cá! — ha formas de linguagem que nos arranham os ouvidos como se fossem lasquialhas de pau do ar.

A senhora Maria do Carmo, perfeita mulher, apezar dos seus quarenta bem contados, abre-nos a porta do templo, uma insignificante porta lateral, e mostra-se disposta a fazer nos vêr tudo quanto ele contem, e referir-nos tudo quanto a respeito dele sabe.

Esta igreja, é em Portugal um dos mais antigos exemplares do estilo romanico, segundo a opinião autorisada do sr. Joaquim de Vasconcelos, e remonta a sua fundação aos principios do seculo 10.º.

A senhora Maria do Carmo leva-nos á sacristia, onde nada ha que chame a nossa atenção, a não ser uma grande bandeja, em cima duma mesa, tendo dentro, em esmolas, cinco tostões, dos quais dusentos e cincoenta réis... são falsos.

Sempre tenho ouvido, desde que me entendo, encarecer a religiosidade da Beira, e recordo-me de ver as igrejas cheias, ao domingo, em Viseu, ouvindo missa do adro, em grande bicha, os devotos retardatarios. Parece que o devocionismo beirão sofreu

grande quebra, pelo menos não se traduz em generosidades para com os santos, quando os não vigarisam, como sucedeu á Senhora das Preces.

Nada mais ha que vêr em Lorosa, e como o objectivo da excursão d'hoje é o Posto Agrario, marchamos para Vila Pouca, que fica ali adiante, a poucos quilometros.

Está o Posto instalado num enorme casarão, que foi convento de freiras. Pensou-se, ha anos, em instalar ali um hospital para tuberculosos, vindo a reconhecer-se, depois de feitos consideraveis gastos, que mandar para ali teberculosos o mesmo seria que passar-lhes guia de marcha para o outro mundo.

Escassamente dotado, sem o apetrechamento que devia ter, a escorregar por uma encosta rapida, sem agua em abundancia, o Posto já presta grandes serviços á região, como assistencia tecnica, mercê da competencia e do zêlo do agronomo que d'ele tem encargo. Já muitos lavradores o consultam; já muitos vão ali aprender como devem fazer a poda das suas vinhas e arvores de fruto, como devem preparar as suas terras, e que sementes devem empregar para que seja mais abundante a sua colheita.

Na Beira, como no Alemtejo, o agricultor é surdo a doutorices; mas escuta todos os conselhos inteligentes, adota todas as praticas uteis, desde que a sua utilidade resalte dos factos em vez de relampejar em discursos.

Acreditará o leitor que ao Posto de Vila Pouca

ainda não chegou um udometro, requisitado pelas vias oficiais ha mais d'um ano?

Resisti a criar o Ministerio da Agricultura, em 1911, e ainda não tive uma hora de arrependimento. Em primeiro logar não se fazia sentir a necessidade d'essa gaita na orquestra administrativa, instalada no Terreiro do Paço; e em segundo logar eu presentia que ela, a crear-se, seria confiada, em regra, a vulgares tocadores de pifaro, as *bonnes á tout faire* da politica, que nos longinquos tempos da Monarquia iniciavam a sua carreira de estadistas pelo Ministerio da Marinha.

Dificilmente se não terá razão dizendo mal do Estado; mas a verdade é que os mais implacaveis censores do Estado, quando os chamam a substituil-o em qualquer ramo de serviço publico, procedem de maneira tal, que até certo ponto o justificam.

Como Ministro do Fomento criei uma Escola, a primeira no Paiz, de horticultura, pomicultura e jardinagem, instalando-a no vasto Parque de Queluz. Pedi á Associação de Agricultura que elaborasse o programa dessa Escola e me indicasse o homem competente que havia de dirigil-a. E recomendei.

— Tenham muito cuidado. Desejo que a Escola seja uma instituição do Estado, sob a direcção d'uma entidade corporativa, alheia á burocracia.

Pois quer o leitor saber quem a Associação poz á frente da Escola, nomeado pelo Ministro?

Um oficial da marinha de guerra!

Tenho o dito muitas vezes, e não será demais re-

petil-o — a lavoura não tem a assistencia tecnica que devia ter, e a continuarem as doutorices agronomicas de Lisboa, que além de tudo mais são carissimas, podem conceder-lhe os maiores e mais abusivos favores pautais que quizerem, que nunca ela se habilitará a realisar a função social que lhe incumbe, para beneficio do Paiz.

São muito bôas horas de nos fazermos de prôa aos Vales, marchando para lá a toda a força... de gazolina. A estrada, do Posto para baixo, até Avô, é bordada, em largos trechos, de grandes arvores — grandes platanos, grandes eucalyptos e uma ou oútra grande acacia mimosa, que por aqui se dá á maravilha.

O sol, se ainda se não sumiu, não tardará a sumir-se; a sua luz difusa já não ilumina as chapadas, sequer ao menos os visos da serrania em frente.

Paramos nas Varandas; do vale não se ergue o mais leve ruido, nem um casalito fumega, nas encostas, inculcando que ali se prepara a ceia, uma frugalissima ceia para os que recolhem do trabalho, o seu dia bem ganho. Não ha paisagem feia na hora crepuscular, e este vale do Avô, cortado por um rio sem agua, quadriculado como um taboleiro de damas, afigurara-se me hoje mais belo do que hontem, mais suavemente idilico, d'um bucolismo virgiliano que prende e extasia. Debruçado no parapeito que domina o vale, parece-me que estou a vêr uma téla de mestre paisagista ou então que estou a ler uma pa-

gina da *Nova Heloisa,* escrita sob a impressão colhida n'uma visita rapida a um dos mais lindos, mais delicadamente romanticos, mais requintadamente liricos recantos da Suissa.

Dá-se comigo este facto curioso — todos os aspectos da Natureza me impressionam, quasi posso dizer que todos me sensibilisam, uns mais, outros menos, está bem de vêr, mas a nenhum sou indiferente.

Sinto a imensidade alemtejana como uma projeção, amplificada, da minha alma anciosa e nunca satisfeita, o horisonte sempre a recuar, como as miragens no deserto; mas esta Beira de horisontes curtos, de vales amenos, de encostas verdejantes, ligeiramente acidentada aqui, montanhosa além, quente no pleno verão, com manchas de neve em pleno inverno, esta Beira de fundas ravinas e pincaros alterosos, é um album que eu vou folheando sem me aborrecer, porque me oferece em cada pagina aspectos variados e interessantes.

Um pintor com certeza prefere a Beira ao Alemtejo para as suas excursões de artista; mas isto não quer dizer que faltem á minha Provincia motivos d'Arte, themas da vida campesina a fixar na tela, ricos de movimento e de côr. O *Angelus* é um quadrinho que podia ser feito nas *Varandas*, já desaparecido o sol, o vale a encher-se de sombra, e uma sineta, a meio da encosta, convidando á prece, como se fosse uma voz do céu n'um mundo cristão e pantheista — *Angelus domini nunciavit, Virgini* .. —

Mas as *Glaneuses*, notavel como realisação artistica, são a mancha, o esboço, o apontamento para um grande quadro, que o artista não poderia fazer na Beira, e que no Alemtejo lhe saltaria da paleta flagrante da verdade e exhuberante de poesia, com uma pagina de Hugo.

*

O prometido é devido, e eu prometi ao dr. José Ventura ir abraça-lo na sua *Quinta do Mosteiro*, se alguma vez jornadeasse por estes sitios.

Um pouco adiante de Coja a estrada desvia-se do rio, o Alva, e, ora subindo, ora descendo, em curvas apertadas, desenrola-se por aí fóra, em estado razoavel de conservação.

A atmosfera, um bocadinho turva, dá formas indecisas aos montes distantes e tira ás coisas proximas a dureza da plena evidencia, com recortes nitidos, que resulta da luminosidade solar, com mais de trinta graus á sombra.

Aqui nos aparece uma vasta mancha desertica, qualquer coisa como as antigas charnecas do Alemtejo, sem estevas. São muitos hectares incultos, e afigura-se aos meus olhos de lavrador-curioso que uma boa porção desta terra tem aptidões culturais. O centeio não é exigente e a aveia com bem pouco se contenta e dispensa adubação. E' pela certa que o pinheiro se daria ali tão bem como nas terras vizinhas, e, além de ser mais agradavel, seria mais util ver um grande pinhal onde agora se vê mato.

E a azinheira não encontraria ali condições favoraveis ao seu pleno desenvolvimento ?

Nesta pequena jornada a caminho do *Mosteiro* já vi sobreiras que não fariam má figura numa herdade alemtejana.

Não valeria a pena o homem da Beira largar um pouco de mão o *pinus* e dedicar-se á cultura do *quercus*, nas suas excelentes variedades ?

A bolota vale um pouco mais que o pinhão, e a cortiça — que o diabo me não oiça ! — vende-se hoje pesada a ouro, e valeu sempre, mesmo quando o seu preço era baixo, mais que outro qualquer genero de exploração agricola.

Na Beira, como no Alemtejo, a falta de lenha para queimar é grande, desbravadas as charnecas alemtejanas e cultivada até ao palmo a terra beirôa, que é susceptivel de cultura remuneradora. Mas na Beira o mato não serve só para o lume ; serve tambem para fazer nitreiras, para fabricar um adubo barato, que muito beneficia a terra, aumentando o seu poder fertilizante. Convem dizer que ainda não vi uma nitreira feita *secundum artem ;* ainda assim elas valem mais, incomparavelmente mais que as *estrumeiras* do Alemtejo, em cuja composição não entra o mato, exclusivamente feitas com palhuço e o estrume das arramadas e cavalariças.

O pinheiro fornece á gente pobre, graças á generosidade dos proprietarios, com a tanganhada que se corta, uma boa parte do combustivel de que necessita para os seus usos domesticos, acontecendo

algumas vezes, por descuido, ir enrolado um pinheirito nos tanganhos e caruma.

Não tenho uma simpatia grande pelo pinheiro bravo, pelas razões que já disse: mas eles entram tão largamente na economia desta provincia, que confrange ver completamente nuas terras em que eles se dariam á maravilha.

De passagem vou notando que ainda por aqui se faz a *sangria* do pinheiro, á moda antiga, para lhe extrair a resina. Ignorantes da anatomia e da fisiologia da arvore, abriam-lhe no tronco feridas que nunca cicatrizavam, e que, sendo aprofundadas repetidamente, acabavam por lhe embaraçar a circulação, além de lhe diminuirem a resistencia á impulsão dos ventos. Diz-me o dr. Moura Pinto, dono dum pequeno mas simpatico pinhal, em frente da sua casa, que já alguns lavradores sangram pelo moderno processo, mais racional, mais scientifico e mais util.

Não convem sangrar o pinheiro antes dos trinta anos, para não dificultar o seu desenvolvimento. Uma vez entrado na maioridade da sua especie botanica, ele agradece as sangrias que lhe façam, a dentro de razoaveis limites, e por cada sangria, presentemente, recebe o dono um escudo.

Toda esta sabedoria de silvicultor... formado em medicina adquiri-a eu agora, de ha tres dias a esta parte, fugido ao bulicio da cidade, onde quasi todas as coisas me aborrecem e quasi todas as pessoas me irritam.

E aqui me aparece agora, em Secarias, uma vasta

planura, verdejante, por sobre a qual é agradavel espraiar a vista, ainda magoados, ligeiramente magoados os olhos, por os havermos demorado um pouco sobre o matagal rasteiro do baldio que nos ficou traz. Com uma cercadura de montes e um rio que a cortasse em qualquer direcção, esta planura teria o encanto dos vales a que já me referi, o de Avô, o de Vila Cova e Barril, que são, na realidade, lindos bocados de terra beirôa.

Arganil!

O urbanismo da Beira difere tanto do urbanismo do Alemtejo, que eu não estou certo de ter visto aldeias e vilas, centros populacionais que mereçam esta denominação. A impressão que o dr. Moura Pinto teve no Alemtejo, perante as vilas e aldeias onde estivemos, ou por onde passámos, essa impressão tenho-a eu agora — ás avessas. Lá, no Alemtejo, as povoações, qualquer que seja o seu tamanho e a sua importancia, são arruamentos de casas que pegam umas nas outras; aqui, na Beira, ao menos nesta parte da Beira por onde jornadeio, na generalidade dos casos não ha continuidade nos prédios, um aqui, outro acolá, em termos tais, que as expressões — vizinhos de ao pé da porta, vizinhos de paredes meias — em muitas vilas e em todas ou quasi todas as aldeias da Beira não tem rigorosa aplicação.

Certo é que o vale de Arganil, cortado pela estrada, alongando-se até ao Alva, que passa lá em baixo, a deitar os bofes pela boca, n'uma aflição, porque ainda lhe fica longe o Mondego, certo é que este

vale, esmeradamente cultivado, de variadissimas culturas, mais parece uma quinta de recreio que um campo de exploração agricola. E dá-se o caso de o vermos a uma hora má, o sol muito quente, a luz muito viva, uma luz directa, que cai do alto, atravessando uma atmosfera limpida.

Adiante de Arganil fica a serra de Mont'Alto, rematada por uma capelinha, onde se venera a santa do mesmo nome. A serra é toda arborizada e nela tem origem uma ribeira, que seria de grande utilidade para o vale se tivesse agua em abundancia. Desejaria ir lá acima, em primeiro lugar para fazer relações com a santinha, e em segundo lugar para abranger de lá, num golpe de vista, o imenso panorama que se desenrola para os lados do poente, e que em dias de nevoeiro um bocadinho denso, mas esgarçado, deve fazer lembrar o oceano enfurecido erguendo ondas grandes como montanhas.

Quasi ao fim do vale de Arganil, pouco mais ou menos no estrangulamento que o separa do vale de Folques, o automovel pára, chamando o dr. Moura Pinto a minha atenção para um pinheiro gigantesco que está na borda da estrada, o maior pinheiro que ainda vi neste infinito pinhal que é a Beira.

E explica:

— A este pinheiro chamou Bulhão Pato o avô dos seculos. Havia um outro, que morreu, igual a este em idade e em tamanho.

Avô dos seculos?...

Espevito um pouco a memoria e encontro lá pa-

ginas da *Luz da Razão*, do grande filosofo que foi Rosalino Candido. Numa dessas paginas Rosalino figura-se no Penedo da Saudade, por um cair de tarde outonal, suavemente triste, propicia ao extasi, á meditação. Descreve a Natureza em volta, e, num arroubamento pantheista, virado para o Monte em frente, exclama: — *aquele velho, avô dos seculos!...*

O grande Rosalino!

Andou por Coimbra uns poucos de anos e resistiu a tomar capêlo; enriqueceu a literatura com paginas admiraveis, filosofo e humanitarista, e não foi socio da Academia!

Talvez Bulhão Pato não conhecesse a frase de Rosalino. Se a conhecia, fez dela um despropositado emprêgo, porque os pinheiros têm uma vida média que orça pelos oitenta, cem anos, e nunca atingem uma longevidade que, mesmo em desmarcada amplificação retorica, dalgum modo a justifique.

Grandes oliveiras no vale de Folques, menos aprazivel que o vale de Arganil; um olival moço, a formar-se, em rigorosa esquadria, e eis-nos á porta do *Mosteiro*, propriedade e residencia do dr. José Ventura.

O dr. Ventura ainda está na cama, mas levanta-se e prepara-se para nos receber com a presteza dum estudante em férias, alegre e sacudido.

— Almoçam cá, já se vê!...

Não almoçamos. Eu tenho de retirar para Lisboa

no «rapido» da tarde, e a senhora Mercedes não levaria a bem que o meu ultimo almoço na Beira — o ultimo por esta vez, se Deus quiser — não fosse da sua lavra, excelente cozinheira que ela é, servido pela menina Mabilia, que é uma bela rapariga.

— A Délia manda-lhe muitas saudades.

Vem a ser a Délia um bocado de escultura, do melhor que tem saido de mãos portuguesas. Nenhum artista de nomeada recusaria adoptá-la; o proprio Rodin, que realizava maravilhas de forma, que tinha o segredo da beleza plastica quando o não escaldava a febre das criações monstriparas, o proprio Rodin teria orgulho de contar esta maravilha no avultado numero das suas obras maravilhosas.

Este *Mosteiro*, antigo convento de frades cruzios, é hoje um Museu, pouco bem ordenado, mas de inestimavel valor.

Seriam necessarias muitas horas para bem ver as preciosidades que o dr. Ventura aqui tem, distribuidas por grandes salas, sem aquela preocupação de arranjo de que não se dispensam os amadores e com que mal se preocupam os artistas. A sua colecção de faianças, em que abundam peças da China, devidamente autenticadas, e peças de Sèvres, da maneira primitiva, é admiravel como Arte e não apenas como antiqualha, e vale milhares de escudos. Quatro ou cinco grandes leitos em madeira preta, do melhor estilo, da mais elegante arquitectura, e que ocupariam dignamente uma grande sala do Palacio de Versailles, historica residencia do Rei Sol, e surpreende-

riam, pela originalidade e pela beleza, os amadores mais entendidos.

Na sua colecção de numismatica guarda o dr. José Ventura uns botões ou alamares, em ouro, que pertenceram ao João Brandão, e que ainda podem servir, um dia, para algum inimigo de s. ex.ª lhe atribuir cumplicidade nalguma das suas façanhas criminosas. Aqui fica a advertencia amigavel, que oxalá seja tomada na devida consideração.

Escultor e marceneiro, o dr. José Ventura mostra-nos, com justificado desvanecimento, alguns dos seus melhores trabalhos num e noutro genero, e eu constato que é, sobretudo, no marfim que mais brilhantemente se afirmam as suas aptidões de miniaturista.

Linda, uma cabeça de criança em marmore branco, fino até quasi á transparencia, uma covinha em cada face, uma terceira covinha no queixo, e a brincar-lhe nos labios entreabertos um sorriso tão fresco, de tanta candura e meiguice, que sente a gente vontade de a beijar na boca, como se fôsse um verdadeiro *bambino*.

Sem a *pose* excessivamente academica, puramente de *atelier*, esta bôa *mênagere* em marmore e bronze, que dum prato que segura nas duas mãos, como para bandejar, deixa cair alpista, ou coisa semelhante, que uns pintainhos amarelos vão comendo com gulodice, sem este pecadilho de Escola, já fora do nosso tempo, está escultura seria perfeita.

Uma *terra côta* de Simões d'Almeida fica bem

entre lindas esculturas de comercio, genero italiano, e dois magnificos retratos, um do dr. Ventura, outro de sua esposa, dão á vasta sala um tom de elegancia e severidade que ela não teria com tantos objectos por cima de mesas ou dispersos no chão, coisas heterogeneas formando um conjunto estravagante, a que não faltam dentes de elefantes, presidindo á barafunda uma santa, quasi do tamanho duma mulher pequenina, opulenta de roupas, o ar triste, meditativo de quem recorda os seus tempos do convento, a surpreender confidencias dos monges, aventuras com que eles castigavam o corpo, interessando nesse martirio o mulherio dos arredores.

O pior é que se faz tarde, e eu quero estar á meia noite naquele horrivel, naquele, inestetico mostruario de pernas, que é Lisboa, terra de muito desvairadas gentes.

Como não ha outra estrada que do Mosteiro nos conduza aos Vales, arripiamos caminho e o carro, dominado pela mão firme e habil do Francisco, se não conta os quilometros pelos minutos, é porque o Seguro morreu de velho, e D. Prudencia, ao que resam as cronicas, foi-lhe ao enterro.

Almoçamos com todo o vagar, porque d'aqui a Santa Comba não gastamos mais duma hora, e no meu relogio, certo pelo caminho de ferro, são duas e um bocadinho.

Interessa-me o que vou vendo, como se o não tivesse visto ha tres dias Justamente ao sairmos da ponte sobre o Mondego, uma ponte insignificante,

porque o rio, neste ponto, é miseravelmente estreito, o guarda lama bate num pedregulho, e eu tenho a impressão de que o carro sofreu avaria grossa, e como estamos longe de terra de providencias, Taboa e S. João de Areias, encaro com horror a hipotese de ter de andar a pé uns poucos de quilometros, a não ser que providencialmente passe um carro que nos dê reboque, o que talvez modificasse um pouco a minha irreligiosidade.

Uma vistoria sumaria dá-nos a segurança de que o carro marchará como até aqui, papando quilometros com a maior galhardia e desembaraço.

Muito pouco concorridas, estas estradas. Talvez por isso, mais do que pela excelencia da sua construção, elas se conservaram em bom estado, já no resto do Paiz o macadame era uma tradição quasi perdida, uma tradição... esburacada, havendo buracos que eram abismos.

A Beira tem uma densidade de população muito superior á do Alemtejo; as suas aldeias ficam á vista umas das outras, a distancias curtas, e entre as suas aldeias, salpicando os campos, ha inumeros casaes.

Sendo assim, e dando-se, para mais, o caso de ser a Beira um grande ninho de formigas incansaveis, a falta de transito pelas suas magnificas estradas, é um indicio de pobreza, sendo certo que a agricultura, a não ser em Países essencialmente cerealiferos, sustenta, mas não enriquece.

Esparis, que nos aparece agora numa volta da es-

trada, é um logarejo aprazivel, com muita agua e muita verdura, todas as casas novas, muito brancas de cal, inculcando aceio e conforto, algumas inculcando fortuna.

— E' uma terra de padeiros.

— De padeiros?

— Sim, de padeiros, homens que foram daqui para Lisboa, donos de padarias, e em pouco tempo, graças ao diferencial, conseguiram ser ricos.

— O diferencial do trigo?...

— Não, o diferencial do kilo, que na Beira tem mil gramas, e em Lisboa nunca vai além das oitocentas.

O rapido de Madrid entra na gare de Santa Comba á tabela, e á tabela parte com destino á Pampilhosa. Na carruagem mixta que vem de Hespanha, vem um unico passageiro, e tenho a bôa sorte de que esse passageiro seja o sr. Santos Lima, intellgente e despretencioso conversador.

O Dão, como o Alva, ambos tributarios do Mondego, é rio de poucas aguas, e esta ponte que o atravessa, a grande altura, dando passagem aos comboios, bem merecia que lá em baixo, largo e fundo, um rio passasse, em todas as epocas do ano navegavel, não afluente doutro rio, mas indo directamente perder-se no Oceano.

Aproveito o tempo, na Pampilhosa, para jantar, esperando o rapido do Porto, e depois do jantar entretenho-me a ver os romeiros que regressam das festas do S. João, na Figueira, empapoiladas as ca-

chopas, quasi todas de sapato e meia, e os homens muito gêbos, fisionomias paradas, sem um ar de espiritualidade que lhes dê tom de gente.

A' meia noite e meia hora desembarco na estação da Avenida, e pelo caminho mais curto, que é a Calçada do Carmo, dirijo-me para a rua Anchieta, n.° 13, 2.°, lado esquerdo, onde o leitor tem um creado ás suas ordens — se não precisar de mim para nada.

Alto Alemtejo

Para a minha sensibilidade de alemtejano, a viajar na linha de leste, o Alemtejo principia na Torre das Vargens, digam o que disserem os livrinhos escolares que tratam da geografia politica do país. Os distritos são criações artificiais, como as dioceses, tendo origem, a maior parte das vezes, em conveniencias politicas, e tambem, por excepção, em atendiveis exigencias de administração. As provincias são unidades geograficas e historicas, diferenciadas por caracteristicas bem marcadas, resistentes á acção do tempo, sofrendo, embora, no decurso da vida nacional, acidentes que as modificam, sem as alterarem substancialmente.

A paisagem do entroncamento até á Torre, vê-se com agrado, mesmo tendo se o habito de a ver. E' pena que o Tejo, nos meses de verão, tenha mais areia do que agua, só aqui e além enchendo o leito, ás vezes dando a impressão, por erros de perspectiva,

de que a corrente, falhando ás leis da hidraulica, procura a origem e não a foz do rio.

As encostas da margem esquerda, bem povoadas de arvoredo e salpicadas de logarejos e casais ou quintas, impressionam agradavelmente a vista, que facilmente cansaria a notar o recorte das ilhotas, diferentes no tamanho e no feitio, que a corrente vai desenhando, a procurar o caminho da menor resistencia.

O castelo de Almourol, um dos mais singelos de Portugal, fica quasi a meio do rio, em frente de Tancos, e, sendo pouco interessante como fortificação, uma torre elevando-se dum penhasco, é encantador como pagina ainda bem conservada da Historia, ao mesmo tempo heroica e poetica da formação da nacionalidade, em luta com os mouros.

Um bocado de terra, em cone, faz cauda ao rochedo em que a torre assenta, pobrissima terra que, á força de cuidados inteligentes, poderia sustentar um veterano que ali residisse, com subvenção do Estado. Não desequilibraria o orçamento o que custasse essa subvenção, e, para dar residencia condigna ao castelão de Almourol, não seria preciso contraír um emprestimo externo, sob o dificil patrocínio da Sociedade das Nações.

Eu tenho a paixão dos castelos; quereria ver bem conservados ou escrupulosamente reconstruidos todos esses monumentos que ha espalhados pelo país, já sem nenhum valor militar, está bem de ver, mas formando no seu conjunto um Tombo bem mais inte-

ressante que a papelada, metida em pastas, dos Arquivos e Bibliotecas.

Se tivesse a fortuna dum Rokfeller, compraria todos os velhos castelos de Portugal, todos que me quisessem vender, e mandaria reconstituir cada um deles com a possivel fidelidade. Prestaria, assim, um grande serviço á industria do turismo e conservaria, pela duração dos seculos, documentos historicos que não poderiam ser roubados.

Havia no Convento Conceição, em Beja, dois grandes andores de prata, que só apanhavam o ar da rua pelas festas do Sacramento, festas que eram, pela sumptuosidade relativa, a Semana Santa de Sevilha, realizada na Pax Julia dos romanos. Neste convento havia muitas coisas de valor, as quais foram desaparecendo a pouco e pouco, sabendo-se, em relação a alguma, que tinha procurado abrigo na casa de pessoas devotas, fugindo aos horrores da profanação.

Os andores de prata é que não arredaram pé do convento, monumentais e pesados.

Explicava o Anselmo de Andrade:

— E' que não cabem nas casas particulares.

Recordo com saudade o tempo que passei aqui, em Tancos, cirurgião de artelharia 2, a fazer serviço na Escola de Engenharia, sob o comando ou direcção do coronel Duval Teles, que sempre me tratou, palaciano e ajudante de ordens de S. M., como se eu não fôsse republicano.

Vão passados tantos anos!

Um dia apareceu na Escola, em objecto de servi-

ço, um coronel de quem me não lembra o nome, oficial do Estado Maior, já se andava em preparativos para um exercicio de armas combinadas, a que devia assistir o rei. Era ministro da Guerra o Pimentel Pinto. Os oficiais da Escola esmeraram-se em obsequiar o coronel, hospede de um dia, e de tarde, enquanto não chegava a hora do jantar, foram mostrar-lhe o castelo de Almourol, da pequena encosta que domina o Apeadeiro. O coronel gostou, mas fez este reparo de pessoa entendida:

— E' bonito, mas caiadinho tinha outra graça.

Pois ainda está na mesma, severo e quasi sombrio como no tempo em que fazia a policia daquela via fluvial. por onde os guerreiros mouros podiam descer e subir.

O Zezere entra pacatamente no Tejo, dando lhe uma contribuição valiosa... quando tem agua disponivel. Lá adiante, no pendor dum pequenino outeiro, Constancia tem a frescura duma linda Maia, a remirarse nas frescas aguas do rio.

Agora o Tejo aparece-me pela esquerda, sempre pobre de agua, a não ser já perto de Abrantes, onde enche um terço do leito, de uma largura consideravel. Três barquitos, dois dos quais sobem muito lentos, as velas pouco tensas, vermelhas e triangulares, são toda a vida do rio, no largo trecho que tenho observado, com interrupções, a partir de Santarem.

Da fresca Abrantes pouco mais se vê que o castelo, admiravel miradoiro, porque domina uma vastidão enorme. Ali fui, nos tempos da propaganda —

saudosos tempos! — realizar uma conferencia, e mais tarde orar num comicio, que se realizou na praça dos toiros, cheia á cunha. Foi nessa ocasião que o dr. Bernardino Machado, antecipando as suas funções presidenciais, prometeu á vila fazê-la cidade, assim que fôsse proclamada a Republica. Vive alí, em Abrantes, o dr. Ramiro Guedes, republicano *ab ovo*, e que só não é o decano dos republicanos portugueses porque ainda vive, felizmente, o dr. Jacinto Nunes.

Vinhas, campos de milho; minusculos vales, em alguns dos quais verdeja o arroz, e em poucos se notam arvores de fruto, dando-lhes a aparencia de modestos pomares. Sem duvida que nestes vales ha agua; mas não vejo noras nem tanques, e quere-me parecer que, andando por ali, com uma candeia acêsa, em pleno dia, só por milagre toparia uma flôr, a não ser autenticamente silvestre.

Magnificas vinhas, pela esquerda, a partir de Abrantes; ao largo, uma cadeia de montes, pequenas elevações de terreno, formando uma especie do molhe, a limitar uma amplissima bacia de verdura, aqui e além branquejando povoações e casais.

O horizonte é estreito, muito apertado, pela direita, e onde ele alarga é para nos mostrar cabeços áridos, de mato curto, com uma franja de sobreiras na raiz.

Vão aparecendo campos de semeadura; de cada vez menos oliveiras; de cada vez mais sobreiras; os restôlhos, a um lado e outro da linha, de cada vez mais extensos.

Até agora só vi, muito proxima, uma grande mancha de pinheiros bravos, muito novos, e ainda não tive o gosto de ver meia duzia de azinheiras, o *quercus ilex* dos silvicultores, e a que eu já vi chamar, em letra redonda, não me lembra onde, *quercus rusticus*, o que não constitui uma ofensa, porque a azinheira é de uma rusticidade flagrante.

Lavo os olhos nas aguas mansas, sem corrente, da ribeira de Ponte do Sôr, e desespero-me a ver sobreiras majestosas reduzidas ao tronco e duas ou três pernadas reais, algumas reduzidas ao tronco e duas pernadas, formando uma especie de garfo só com dois dentes, uma forqueta descomunal.

Eu não pertenço á sociedade protectora da arvore, como não pertenço á sociedade protectora dos animais. Acho que o homem tem o direito de se utilizar de tudo quanto Deus criou e possa de algum modo servir para realizar os seus desejos legitimos e dar satisfação ás suas legitimas necessidades, só com esta simples mas imprescindivel condição — que daí não resulte dano ou prejuizo para os outros homens.

Acho que mutilar uma arvore, sem um racional e bem justificado proposito utilitario, é praticar uma brutalidade reveladora, em muitos casos, de mau caracter.

Faz-me pena ver estas sobreiras espectrais, condenadas a não darem fruto nem darem sombra, e não compreendo que o lavrador ganhe em cortiça o que perde em madeira e lande.

Vai desaparecer o sol, que ainda lobrigo, muito re-

dondo, por entre as franças do arvoredo distante, e que me dá a impressão de um enorme botão de madre-perola numa tira de seda branca, muio branca e muito fina. Enormes folhas de restolho, amarelo-sujo, em terras limpas; estevas pequeninas, muito poucas, só para amostra, em leiras de terra onde o arado não entra, e calveiros áridos, como os areais desertiços, pondo manchas pardacentas no cimo ou junto ao cimo das maiores ondulações de terreno.

Já vejo sobreiras copadas, e as que sofreram a operação da tosquia *á garçonne*, tiranizadas pela moda, não se parecem nada com as que aïnda ha pouco vi, reduzidas á expressão mais simples.

Torre das Vargens, com pouca demora, e por um triz não grito — ainda se não avista Chança — *O rico Alemtejo da minha alma!*

Deixo o comboio na estação do Crato, onde me espera o dr. Abilio Ferreira, medico distinto, que um dia trocou a clinica pela industria, e que hoje tem o seu lugar marcado, por afirmações de inteligencia e honestidade, entre os mais ilustres industriais do País.

*

Uma visita á Fabrica, depois de jantar, dispõe bem para um sono largo e reparador.

Como se fôsse um engenheiro mecanico, o dr. Abilio Ferreira explica-me tudo pelos miudos, em termos de eu quasi ficar a saber o nome de todas aquelas

peças, de todos aqueles orgãos, vasto e complexo organismo, perfeito aos meus olhos de leigo, como strutura e como funcionamento.

Tenho de mim para mim que uma grande Fabrica, em plena laboração, é como se fôsse um trecho de musica interpretando uma estrofe de epopeia. Não me repugna acreditar, sem ofensa á cronologia, que Wagner se inspirou muito nas oficinas do Krupp, e já vi espendida a opinião, se me não falha a memoria, por um sabio da Academia do sr. matematico Cabreira, de que Homero só escreveu a *Odisseia* e a *Iliada*, depois de ter visitado a loja de Vulcano, que foi uma especie de Krupp da mitologia.

Quere-me parecer que procedendo com uma Fabrica como se fôsse a estatua de Condillac, chegar-se-ia a dar-lhe uma consciencia e uma vontade, como á estatua se dariam ideias e sentimentos, partindo de elementares sensações.

Se a questão social, como pretendem alguns socialistas, fôsse meramente uma questão de garfo e faca, por seguro tenho que a resolveria a mecanica, elevando a produção nos vários ramos da actividade fecunda e util, a um excedente do consumo, em termos de a ninguem faltar o necessario e o superfluo — o superfluo que, na frase de Voltaire, é a coisa mais necessaria.

Por muitas operações passa o trigo, desde que entra na Fabrica, em grão, até que dele saia, em farinha... ou papo-sêco, isto é, em pão. E não ha, em toda esta complicadissima dinamica, um movimento

inutil, um desperdicio de força motriz, se bem que, aos olhos de um leigo, como eu, haja peças que parece estarem ali a mais, por não perceber a finalidade do seu trabalho, pequeninos orgãos que fazem pensar em nevroses, aquelas nevroses caracterizadas por movimentos rítmicos, cadenciados, ou por um tremor incessante, de minimas oscilações, cadenciado e ritmico tambem. As grandes peças, as que regulam e distribuem a força produzida, trazem á lembrança, na furia com que se movem, os ataques teatrais da epilepsia convulsionante, o que se chamava o *grande mal*, no tempo em que eu tinha obrigação de não dizer tolices a discretear sobre coisas da medicina.

Certamente por sugestão do lugar em que me encontro, passo a noite a sonhar... com D. Antonio, o Prior do Crato, filho de cristão e de judia.

Nunca tive grande simpatia por este Prior, embora conheça que, se não fôra ele, o rei de Castela tomaria posse do reino de Portugal sem a menor resistencia. Os do clero e da nobreza, corrompidos até á medula, vendiam-se ao castelhano, alguns regateando o preço da venda, de grande só havendo neles a baixeza do caracter, a perversão da vaidade e a fome de dinheiro.

A plebe, sem uma voz eloquente e forte que gritasse a justiça das suas reclamações e a dignidade dos seus protestos; sem uma autoridade inflexivel que disciplinasse os seus impulsos e orientasse os seus actos, a plebe não podia realmente, não pôde

salvar a independencia da Nação, sequer ao menos salvar a honra da grei, de gloriosas tradições.

Faltou a Portugal, em 1580, um letrado que fizesse vingar a justiça da nossa causa no campo do direito, e faltou lhe igualmente um homem de armas que fizesse vingar o nosso direito nos campos de batalha.

João das Regras não sei, ao certo, se deixou descendencia que lhe sobrevivesse por duzentos anos; do Condestavel sabe-se que um dos seus descendentes, tambem chamado Nuno Alvares Pereira, foi secretario de Filipe II — talvez por indicação de Cristóvão de Moura, o vilissimo personagem, português desnaturado cuja actividade corruptora valeu mais para o triunfo do castelhano que os talentos do general duque de Alba e do almirante marquês de Santa Cruz.

Não me comovem, e nunca me comoveram as suas desditas, porque os seus defeitos, muito mais que as suas virtudes, a elas deram lugar. Vejo-o mentindo em Tanger, ocultando a sua qualidade de principe, para reduzir a proporções modestas o preço do seu resgate; encontro-o, mais tarde, amplificando os seus titulos de herdeiro legitimo da corôa de Portugal para se vender por bom preço ao usurpador de Castela. Assisto ao combate de Alcantara, em que ele pelejou... até fugir, abandonando o seu exercito, vencido com as armas na mão, á furia vingadôra do duque de Alba. Transporto-me aos Açores, quando ali se feria, nas aguas da Terceira, uma encarniçada

batalha naval, em que os espanhois ficam vencedores, e dou pelo Prior, a fazer como em Alcantara, não se importando nada com a sorte dos que por êle se batiam, e eram dignos de terem outro chefe.

Acompanho D. Antonio, sempre a sonhar, em todos os acidentes da sua vida de pretensor, e chego á conclusão de que êle, se não fôra principe, com ambições de reinar, ter-se ia vendido a Castela logo que o rei Filipe alegou os seus direitos e formulou terriveis ameaças.

A França pede-lhe o Brasil em troca da ajuda que lhe der contra o rei de Castela ?

Pois leve lá o Brasil.

A Inglaterra não favorece a sua causa sem que êle se comprometa a fazer de Portugal uma colonia inglesa ?

Pois que esta Nação livre e independente passe a dominio colonial.

Filipe não desiste de ser rei de Portugal ?

Pois que o seja, comprometendo-se o prior a facilitar a sua pretensão... contanto que o castelhano o encha de dinheiro e o cumule de honrarias — todas aquelas honrarias que possam elevá-lo á categoria de rei honorário.

Pois levei a noite a sonhar com o prior do Crato, e a sonhar rememorei todas as desgraças e vergonhas nacionais, a começar na jornada de Alcacer-Quibir, ininterruptas durante 60 anos. Sempre a dormir e a sonhar, quando eu julgo ver o esplendor apoteótico do alvorecer de Dezembro, em 1640,

acordo com os olhos cheios da luz de um radioso sol de Agosto, que me entra no quarto, pela janela que deixei aberta, a lembrar-me que preciso levantar-me cêdo.

A distancia entre o Crato e Portalegre é pequena, mas a estrada que liga estas duas povoações é detestavel. Portalegre fica um bocado fora do caminho para Sevilha e, talvez por isso, as estradas deste distrito não têm merecido cuidados e solicitudes, os solicitos cuidados com que a outras estradas se tem acudido.

A que liga o Crato a Portalegre está péssima; o automovel, aqui e além, joga como se fôsse uma canôa em mar revolto. O dr. Abilio Ferreira tem a vista aguda e o pulso rijo; evita todos os trambulhões que são evitaveis, e não deixa, por excesso de cautela, de fazer célere a marcha, por forma que eu aproveite bem o meu tempo de viajor.

Terras delgadas e asperas, limpas de mato, abundantemente povoadas de sobreiros. Muros de pedra, estremando propriedades, tão baixos que não podem ear abrigo ás culturas, como sucede nos Açores, por dxemplo, servindo apenas, e já não é pouco, para separar o *teu* do *meu*, enquanto o teu e o meu não passam a ser *nosso*. Sou advogado gratuito da propriedade individual, e por seguro tenho que ela durará enquanto o homem fôr, como tem sido até agora, um pouco por acidentes da Historia, mas principalmente por naturais particularismos da psicologia in-

dividual e colectiva, um animal essencialmente proprietario.

Precisamente a herdade que vamos agora atravessando, muito devagar porque a estrada não deixa andar depressa, esta herdade da Crucieira, de uma regularidade quasi geometrica, media trinta quilometros de perimetro, e ainda hoje é das maiores do distrito de Portalegre.

A propriedade não é o roubo, segundo a definição de Proudhon, embora haja, como todos sabem, muita propriedade roubada; mas o *latifundio* é um privilegio odioso, de que resultam grandes transtornos sociais.

Sempre as mesmas terras delgadas e ásperas, onde parece ter-se feito uma abundante sementeira de pedras... quando foi da criação do mundo. Sucedem-se, sem descontinuidade, os montados de sôbro, o que facilmente torna a paisagem, apesar dos acidentes do terreno, um bocadinho monotona. Não sucede assim no Baixo Alentejo, no distrito de Beja, onde os montados de azinho alternam com os campos de semeadura, terras delgadas ou grossas, de vária constituição agrologica, mas que dão imediatamente á vista a agradavel impressão de fecundidade e abundancia.

Reconheço que a sobreira é uma arvore mais ornamental que a azinheira; mas um montado de azinho, no ponto de visto estetico, vale bem mais que um montado de sôbro.

Bocados de terra baixa, onde ha culturas verde-

jantes; grandes vales metidos em cercadura de outeiros arborizados, e lá ao fundo as serras de Portalegre, branquejando na mais alta uma das muitas ermidas da Senhora da Penha, que ornamentam este vasto panorama alcantilado que se desdobra por uma boa porção do distrito.

Ergo os olhos ao alto, já perto da cidade, pela esquerda, e vejo uma grande cruz de pedra, os braços abertos, como no Calvario, e respeitosamente tiro o chapéu no convencimento de que ali sucedeu uma grande desgraça ou se perpetrou um grande crime.

— Não foi nada disso — explica o dr. Abilio Ferreira. — Aquela cruz comemora o falecimento... do seculo XIX, e foi ali erigida por instancias do bispo D. Gaudencio.

A graça do sr. bispo!

Os seculos não morrem, passam; são unidades do tempo, puramente artificiais, marcando na Eternidade momentos ou períodos a que corresponderam fáctos de maior ou menor importancia, ás vezes nem isso marcando — seculos insípidos, incolores e inodóros, como de certos corpos se dizia na quimica do meu tempo.

Grandes arvores marginando a estrada, já ás portas da cidade; gente que vai, gente que vem, uns a pé, outros de burro; todos os pés calçados, como é de regra no Alentejo, notando-se que esta regra não é moderna, sendo relativamente moderno, quasi recente, o advento da meia.

Chegámos.

*

Se o leitor vier a Portalegre, e aqui se demorar um dia inteiro, de manhã á noite, a ver os aspectos, por assim dizer fisionomicos, da cidade, e a visitar, não como estudioso, mas como turista, os seus monumentos recomendados na excelente *Guia de Portugal*, se fizer isto, verá que não perde o seu tempo.

Não o faço, agora, porque não posso demorar-me aqui um dia inteiro, e facilmente me resigno a não o fazer, porque já o fiz, ha anos, nos bons tempos da propaganda. Dessa visita guardo saudosa lembrança, porque fomos aqui recebidos fidalgamente — eu, o dr. Bernardino Machado e o dr. Antonio José de Almeida, e o comicio a que viemos assistir, delegados do Directorio, foi uma grandiosa manifestação republicana.

Lembro-me, como se fôsse ha vinte dias, e vão passados mais de vinte anos...

Foi-nos oferecido um banquete, que se realisou no dia do comicio, á noite.

O dr. Bernardino Machado, bem disposto como sempre, antes de sentar-se á mesa, no lugar da presidencia, veio pedir-me que no meu discurso metesse o *positivamente do nosso Almeida*. Este adverbio era quasi uma gulodice oratória do dr. Antonio José de Almeida, que frequentemente iniciava com ele os seus discursos — *Positivamente, cidadãos*...

Disse ao dr. Bernardino Machado que não ten-

cionava falar, mas se falasse, não esqueceria a sua recomendação.

Quasi na altura dos brindes, o dr. Antonio José de Almeida pediu-me que metesse no meu discurso *a cordialidade do Bernardino*.

Disse-lhe, como dissera ao dr. Bernardino Machado, que não tencionava falar, mas não esqueceria a sua recomendação, se tivesse de o fazer.

Era meu proposito, realmente, não falar, no banquete; mas o meu amigo e compadre Costa Pinto, abastado e inteligente lavrador de Sousel, lembrou-se de me fazer um brinde, associando-se a assistencia, calorosamente, ás palavras amigas que me dirigiu.

Tive de falar, para agradecer.

Principiei assim o meu pequeno discurso: *Positivamente*, cidadãos, eu não tencionava usar da palavra neste banquete, mas com tanta *cordialidade* nos acolheu o povo de Portalegre, e tão *cordialmente* tem decorrido esta festa...

Ninguem se apercebeu da brincadeira, a não serem os próprios que a tinham encomendado, e esses, mostraram-no claramente, não lhe acharam graça nenhuma.

Não disponho de tempo suficiente para dedicar um dia inteiro a Portalegre; mas não me dispenso de fazer a volta da *Serra de S. Mamede*, segundo o itinerario marcado pelo dr. Abilio Ferreira, que tem feito este passeio muitas vezes, e sempre, conforme diz, com o maior aprazimento.

A estrada é má, aqui e além é péssima; mas o vale do Reguengo é lindo, cultivado com esmeros de jardinagem, salpicado de casas que destacam pela brancura no verde escuro do arvoredo.

Temperando as ardencias do sol, no pino do meio dia, parece erguer-se do vale um bafejo quasi imperceptivel de frescura, que é tão sómente uma impressão visual transmudada em sensação térmica por um mecanismo desconhecido. O verde é uma côr fria, como o amarelo é uma côr quente; o rôxo é uma côr astenica, que deprime, como o vermelho é uma côr dinamogenica, que tonifica.

A subir a encosta, meço toda a extensão do vale, que não é grande, e penso em como ele será lindo ao cair de uma noite de outono, silencioso tudo quanto nele tem vida, e a encherem-no as grandes sombras dos montes — *Majores que cadunt altis de montibus umbrae*.

Da cumieira, extensa e de mau andar, a vista espraia-se por muitas leguas em redor, erguendo-se ao mais alto dos visos e descendo ao mais fundo das ravinas, a sentir a macieza dos soutos, formando um oceano de verdura, do qual se elevam montes em grande parte nús e penhascosos.

Quasi na assomada para a cidade, ainda dentro da zona florestal, há casas de habitação, construidas com bom gosto, sem o preciosismo dos *chalets* feitos por copia, quasi sempre em absoluta desconformidade com o ambiente. Na Serra há abundancia de agua, jorra por toda a parte, e porque o ar ali é puro,

sem poeiras e sem microbios, sendo agradavel para todos, é util para os debilitados e enfraquecidos fazerem ali uma estação, de algumas semanas ou de alguns meses.

Toda esta estrada que venho de percorrer, passando pelo Reguengo, devia ser já, e há muito tempo, uma larga avenida arborizada, convenientemente espaçadas as arvores, para não encurtarem a vista.

Pára o automovel, por instantes, para o dr. Abilio Ferreira, incorrigivel fumador, chupar um cigarro, e delicio-me a vêr a cidade, de forma aproximadamente triangular, com tendencias a estender-se para o lado do vertice. A impressão que dá, numa vista de conjunto, é muito agradavel, não se vendo, do ponto onde estou, a parte baixa, onde há alguns prédios de vulto. Não tem nada de monumental, mas tambem não tem nada de mesquinho, antes afecta um ar de elegancia e garridice, que faz lembrar uma noiva rustica, vestindo como se fosse uma princesa. Disse o poeta:

> Raparigas pobrezinhas,
> Sem vestir sedas nem galas,
> Anda o sol a namorá-las
> Como se fôssem rainhas.

E' dia de feira.

Abundancia de fruta no mercado; rumas de melão e melancia, que se vendem a olho, e uma incalculavel porção de loiça para uso domestico, loiça de barro

cosido, simples e grosseira, como talvez já se fabricasse quando por aqui andaram os sarracenos. Todas as mulhères de lenço na cabeça, todos os homens de jaqueta vestida, e raros chapéus de sol como se o calmasio não fôsse de respeito.

Almoçámos no *Café Central,* que é, nos dias de feira, o *rendez-vous* dos lavradores do sitio, que acódem á cidade. Constato que ainda aqui ha lembrança viva do comicio a que já me referi, realizado há muitos anos, ainda no horizonte afastado não ruborescia a aurora dos tempos novos, e tenho o desvanecimento de ouvir um correligionario muito dedicado, republicano da velha guarda, citar frases que, nesse comicio, pronunciei, e que não mereciam registo tão duradoiro.

Ainda temos muito que andar, e sabe Deus como estão as estradas por onde temos de seguir, encurtando o mais possivel as distancias, para visitar os sitios marcados no meu curto programa de turista.

Por ora não há que dizer mal da estrada; ela permite uma velocidade muito razoavel e os trambulhões são de pequena amplitude. Deus a conserve, se os homens a não melhorarem, porque talvez os cinco milhões de americanos que desembarcaram na lagôa de Obidos, com destino a Sevilha, se lembrem de regressar por aqui atraídos pelas belezes de Castela, que já devia ter sido considerada, para todos os efeitos, como zona de turismo.

E' verdadeiramente montanhosa esta região que

vamos atravessando, sobretudo á direita, e a toda esta massa de montanhas cabe o nome de Serra de S. Mamede, que, para muita gente, e nós eramos desse numero, se aplicava tão sómente ao contraforte que domina a cidade, e a que já me referi largamente. A curta distancia da cidade, apertado entre cerros de modesto porte, um vale alegra-nos os olhos, misto de horta e jardim, com abundancia de arvores frutiferas e uma casa de residencia inculcando fortuna e gosto.

Vencida uma grande curva da estrada, a meio da qual parámos, sem demora, para espraiarmos a vista, sempre curiosa e nunca cansada, pela vasta campina, ligeiramente ondulada e abundantemente pedregosa que nos fica em frente, entrámos n'uma planura que a estrada corta, abundantemente povoada de sobreiros e castanheiros.

Azinheiras ainda não vi — nem azinheiras nem pinheiros.

No meu recente passeio á Beira, fui encontrar os castanheiros empenachados, o que lhes dá o tom de arvores ornamentais, criadas pela Natureza para seu enfeite. Mas não vi soutos, na Beira, massas de arvoredo cobrindo grandes extensões de terreno. Aqui venho encontrar o castanheiro n'uma fase mais adiantada da sua evolução anual, a flôr convertida em fruto, o penacho transformado em ouriço, guardando dentro a castanha.

Manchas de restolho em terras que mal se acredita que dêem seara, uma pequenina aldeia á beira

da estrada, com igreja e cemitério, e eis-nos chegados aos *Olhos d'Agua*, que bem se pode chamar um oásis no meio d'esta Arabia pétrea, se não ofendo, chamando assim a esta parte do distrito que entesta com terras castelhanas. A agua borbulha tanto neste vale, que chega a formar uma pequena ribeira, que o corta em toda a sua extensão.

Não me parece, vendo-o da estrada, que êle seja aquilo que podia e devia ser — quinta de recreio com toda a opulencia d'uma vegetação exuberante e variada, um grande lago que lhe désse frescura, grandes arvores que lhe déssem sombra, ou então horta de rendimento, capaz de abastecer de frutas, Portalegre, Castelo de Vide e Marvão.

O povoamento florestal é grande, no distrito de Portalegre, pelo menos n'esta parte do distrito que vou percorrendo; mas há ainda muita encosta escalvada, sem, todavia, ser esteril, flancos de serra escarpada onde os pinheiros se dariam belamente, porque são arvores pouco exigentes.

Ignoro se nas regiões oficiais se sabe, no rigor dos numeros, qual é a nossa riqueza florestal, bastante desfalcada pela guerra, chegando-se ao extremo de arrancar montados e olivais para vender a lenha. E' provavel que se saiba, é mais provavel que se ignore, porque a nossa burocracia contenta-se com informações aproximadas para organizar estatisticas. A verdade manda Deus que se diga, e a verdade é que os serviços florestais foram, e não sabemos se são ainda, os mais competentemente dirigidos de todos os

serviços publicos concernentes á agricultura. Ergo os olhos para a Serra de Marvão, uma formidavel escarpa, e penso, de mim para mim, sem nada dizer ao dr. Abilio Ferreira, que mais vale um avião que um automovel para chegar lá acima.

Mal se adivinha, cá debaixo, a fortaleza, magnifica atalaia que domina os campos de Castela, por aí fora, ninho de aguias quasi inacessivel á soldadesca mourisca e ás hostes castelhanas.

Apeamo-nos á porta da Vila, e abrimos ás pernas um crédito de confiança, para nos levarem, através da povoação, ao ponto mais alto deste formoso *Herminius Minor*, como lhe chamavam os romanos.

*

Uma rua estreita e tortuosa, sem nada que a recomende, é o caminho para o Castelo, que fica, como era natural, no ponto mais alto da Serra. A Camara é um velho casarão em que está embutida a cadeia. Portas ogivais, janelas de sacada com grades de ferro forjado, obra do seculo XVII.

Espreito discretamente, pelas mal cerradas portas de casinhas terreas, e não constato a ordem e o asseio que é de regra na habitação da gente pobre, em qualquer aldeia alemtejana.

O Castelo, como sucede á maior parte dos castelos, em Portugal, é uma ruina. Calculo que, por isso mesmo, e só por isso, o classificaram de monumento nacional — não fosse alguem pensar que em Portu-

gal, a não ser o Estado, ha quem seja capaz de votar ao maior desprezo edificios que são paginas da nossa historia geral, muitas delas ilustradas com feitos heróicos, derivados do mais acendrado patriotismo. Daqui por alguns anos, entregue á solicitude do Estado para efeitos da sua conservação, o pouco que resta do Castelo terá desaparecido — as suas torres, as suas vigias, os seus roídos panos de muralha, a sua porta falsa, aberta na previsão dum assalto triunfante. E será melhor assim, porque então, removido o entulho, poderá ali fazer-se um pequeno bairro, o mais lindo bairro da Vila, que não tem muito por onde alargar-se, e bem pode ser que no rodar dos tempos cresça a sua população.

Dentro do Castelo, ha muitos anos, construiram um pequeno teatro onde D. João da Camara fez representar *Os Velhos*, comédia urdida com scenas e personagens da vida regional, tudo observado em flagrante, quando o ilustre comediografo por ali andava, como engenheiro, dirigindo trabalhos do caminho de ferro. A essa representação assistiram, da platea, alguns dos individuos que D. João da Camara metera na peça e que viam assim desdobrada a sua personalidade, actor e espectador ao mesmo tempo. Pois esse teatrinho foi-se abaixo, nem sequer ocorrendo conservá-lo como homenagem ao nosso escritor de teatro que melhor soube transferir ao palco a vida campesina, conservando-lhe a estrutura e a acção, encantadora de simplicidade e exacta como uma reprodução fotografica.

E' evidente que ninguem visita Marvão para admirar os seus monumentos, que os não tem a pobre vila alemtejana, burgo dum Castelo fronteiriço que permitia avistar, a grande distancia, num raio de muitas léguas, o inimigo que seria necessario guerrear em campo raso, para evitar que o tomasse de assalto ou lhe pusesse cêrco duradoiro.

Quem visita Marvão é para se dar o prazer de olhar d'alto a parte mais acidentada do Alemtejo, alongar a vista por terras de Espanha, figurando-se a caminho de Madrid, com passagem por Valencia de Alcantara. A esta Serra chamaram os romanos *Herminius Minor*, encarecendo assim a sua relativa grandeza, muito abaixo do *Herminius Magnus*, que vem a ser a Serra da Estrela, que daqui se avista em toda a sua majestade.

Pelo menos eu não vim a Marvão para outra coisa, e não dou por mal empregado o meu tempo.

Cumpre dizer, antes de mais nada, que os passaros, e as aves, está bem de ver, como as aves e os passaros de qualquer outro ponto do globo, teem costas e ventre, e não simplesmente costas, como alguem se lembrou de dizer, em rompante de espanhol folgasão — os passaros, em Marvão, teem costas, ventre não.

Pois têm ventre os passaros de Marvão, chamando assim á bicharada do ar, com excepção dos aviões. Em relação ás perdizes o facto não me oferece a menor duvida, porque nada menos de quatro ergueram vôo quando nos aproximámos do teatro, quatro

perdizes grandes, uma das quais, pelo menos, nos teria acompanhado até ao Crato, se ali tivessemos uma caçadeira, e de algum modo esperassemos aquele sucesso ruidoso.

A Serra é alta, e como está isolada, e tem uma forma quasi regular, em tronco de cone, parece muito mais alta do que é.

Agora é que eu vejo bem o que é o enorme massiço chamado Serra de S. Mamede, modestamente alta, mas de base tão larga, que deve estender-se por muitas leguas a respectiva linha curva, feita a sua rectificação.

Vêem se, olhando de cima para baixo, os cerros alcantilados de Castelo de Vide, num dos quais branqueja uma capelita da Senhora da Penha, que tem grande numero de capelas espalhadas neste distrito.

Muito longe, fechando o horizonte, vê-se a Serra da Estrela, mas vê-se indistintamente, massa confusa que não traz á lembrança os Pirineus ou os Alpes, mas que é a maior ampôla do nosso sistema orografico.

O espectaculo que oferece uma serra alcantilada, serra ou montanha que se pudesse dizer, como o Adamastor, *filho asperrimo da Terra*, uma tal montanha, eriçada de rochas brutas e rasgada de gargantas fundas, oferece um espectaculo variado, interessando, por motivos vários, as pessoas de cultura e temperamento diverso que para elas olham, servindo-lhes as impressões visuais para estimularem a sua sensibilidade ou para darem que fazer á sua inteligencia,

A's revoluções politicas chamou Victor Hugo — as brutalidades do Progresso; ás revoluções geológicas pode qualquer chamar as brutalidades da Natureza, sem propósitos de faltar ao respeito ao Criador de todas as coisas visiveis e invisiveis, como se ensina no catecismo. Ha serras ou montanhas para que é necessário olhar como para um monumento, procurando na sua arquitectura o plano a que obedeceu a sua construção, catedrais megatilicas em que é dificil encontrar proporcionalidade de linhas e harmonia de formas, como nos templos que o homem constroi, segundo regras e de conformidade com os modelos consagrados, quasi inalteraveis como se fossem dogmas na arte de construir.

Ha rochas em que facilmente se descobre a figura humana, não a figura inteira, mas alguns dos segmentos que n'ela se consideram por comodidade de estudo — mais geralmente a cabeça, com traços fisionómicos acentuados. A *frenologia das pedras*, se algum Lavater já a tivesse criado, seria simplesmente o estudo fisiognomonico dos calhaus, nas suas flagrantes semelhanças com a mascara das pessoas.

Encarrapitado na Serra de Marvão, a que dá maior relevo o seu isolamento, as montanhas que d'aqui vejo, muito proximas umas, como S. Mamede, muito afastadas outras, como a Gardunha, são apenas acidentes de terreno, que só pelo tamanho, aliás modesto em todas, excepção feita da Estrela, conseguem prender a atenção por breves instantes.

A planicie, muito extensa, dá a impressão de ter

sido lambida por linguas de fogo, deixando como vestigios perduraveis aflorações de pedra negra, cuja formação deve remontar, supõe a minha ignorancia, ás mais recuadas épocas geologicas.

Diviso na imensa planicie, em pequenos trechos repetidos, vestigios da ultima cultura, o restôlho da seára que ali ceifaram ha poucas semanas, e penso de mim para mim que a estes bravos camponêses se poderia aplicar, sem favor, o ditado catalão, convenientemente traduzido :

Dicen que los catalanes
De las piedras sacan panes.

E dou por terminada a minha visita a Marvão.

O nome de Carrilho Videira, que leio na esquina de uma rua, recorda-me tempos afastados, velhos tempos do apostolado republicano, ainda eu estudava medicina.

Carrilho Videira fazia um pequeno comércio, em livros novos e velhos, sobretudo livros de propaganda republicana, numa lojeca da rua do Arsenal, em traduções. Teofilo Braga dava-lhe os seus livros, de graça, e ele atirava-os para o publico, em edições baratas, sendo duvidoso que lhe dessem algum lucro.

Carrilho Videira, estruturalmente republicano, era còmpadre do velho Simões Carneiro, rico proprietário em Cabrela e grande eleitor em Lisboa. Em todas as eleições o Carrilho Videira votava com o seu compadre, grato aos favores que lhe devia, e aber-

tamente declarava que assim procederia até ao fim da vida... ou até á proclamação da Republica, porque então o seu compadre não precisaria do seu voto.

O caso foi que n'um Congresso do Partido Republicano, aí por 1887, se bem me recordo, congresso cujas sessões se realizaram na sede do Centro Henriques Nogueira, ao tempo instalado na rua dos Fanqueiros, foi proposta e aprovada a irradiação do Carrilho Videira, que mais tarde, ralado de desgostos, foi para o Brasil, onde nunca recorreram baldadamente a êle os emigrantes portugueses que lhe batiam á porta.

E ála que se faz tarde.

No sitio da Portagem, ao pé dos Olhos d'Agua, enfiámos pela estrada de Castelo de Vide, estrada que não é positivamente uma pista, a não ser que a comparemos com a estrada do Crato a Portalegre.

Na extensão de mais de um quilometro, talvez dois quilometros, os freixos, de grande tronco, quasi agigantados, folhudos como as faias do Vergilio — *fagi patulœ* — dão-nos a frescura de uma sombra, que o sol, ainda alto, não macula, fazendo passar uma réstea subtil por entre folhas mal juntas.

Terras de bom aspecto, inculcando fertilidade; casais de boa aparencia, inculcando vida farta e já com delicadas preocupações de bem-estar caseiro.

Encostas arborizadas; enormes soutos; oliveiras carregadas de fruto, e manchas discretas de pinheiro bravo, que não tem, por estes sitios, as simpatias que tem na Beira.

Lindo o Vale do Prado, a tufar de vegetação, rico de cinquenta e quatro mil oliveiras, arvores já formadas a maior parte, senão todas, em plena produção.

Castelo de Vide.

Vamos ao *Hotel das Aguas*, onde se trabalha afanosamente para um jantar americano, com *jazz-band* e tudo. Bons quartos, mobilados com simplicidade, mas sem nada lhes faltar do que ao hospede é preciso. Banho de imersão e de chuva. Corredores largos, escrupulosamente asseados ; cozinha ampla ; casa de jantar cheia de luz.

A Fonte, melhor dizendo, o Chafariz, fica a poucos passos do hotel, não deixando de ser incomodo ir lá ás horas em que o sol queima. Uma grade manhosa, fechada a cadeado, impede que alguem ali vá beber... sem receita, isto é, sem ter pago a inscrição. Magnifica agua, muito fina, quasi sem peso, sabendo a... agua, que é um sabor *sui generis*, que a quimica ainda não definiu.

Parece que são radio-activas, como todas as aguas analisadas, e ha quem afirme que têem propriedades terapeuticas, bôas no tratamento de certas doenças gastro-intestinais e eficazes tambem no tratamento de certas dermatoses ligeiras.

Fazemos um pequeno giro pela vila, dispensando-nos de ir ver o pouco que resta do seu castelo, a que dá acesso uma rua estreitissima, feita de linhas quebradas, tão empinada que pasma a gente das casas não cairem para cima umas das outras.

Fontes por toda a parte, e todas elas jorrando com

abundancia. Facilimo seria, e pouco dispendioso, ter aqui um balneário, um estabelecimento para banhos, e uma piscina ou tanque para exercicios de natação. Por seguro tenho que o dinheiro que se gastasse com estes melhoramentos daria um juro superior ao dos bilhetes do Tesouro.

De rua em rua, de travessa em travessa, vou passar em frente da casa onde nasceu o dr. Antonio José Serrano, meu professor de anatomia. Aqui, na sua terra natal, tentou êle a vida clinica ; mas foi de uma grande infelicidade nos primeiros casos que tratou, e então resolveu concorrer a uma vaga de professor na Escola em que se formára, tendo obtido as mais altas classificações.

Muito alegre, muito fresca, muito asseada, rica de vegetação e com agua jorrando constantemente de mil fontes, se nos permitem a exageração, Castelo de Vide bem merece que lhe chamem a Cintra do Alemtejo, logar aprazivel onde os que precisam de repouso e gostam da Natureza podem passar algumas semanas, enchendo os pulmões de bom ar, regalando-se a beber uma agua que vale a melhor do mundo, independentemente do valor terapeutico que lhe atribuem.

Não vale a pena ir lá acima, á Penha, e como ainda devemos ter alguma demora em Portalegre, damos por finda a nossa visita a Castelo de Vide, onde voltaremos, para o repouso de alguns dias, se Nosso Senhor fôr servido.

De caminho, e sem quebra das nossas convicções

republicanas, saudamos D. Pedro V, estatuado em marmore, melancolico e simpatico rei, tão infeliz, que, tendo abolido o beija-mão, por lhe repugnar essa sobrevivencia absolutista, depois de morto ainda os seus aulicos do Conselho de Estado lhe babujavam os dedos como consta da respectiva acta: — *foi admitido á Real Camara* — o Conselho de Estado — *e beijou a Augusta Mão de S. Magestade El-Rei defunto.*

*

Deseja o dr. Abilio Ferreira mostrar-me a Hidro-Electrica Alto Alemtejo; mas receia que eu regresse a Lisboa excessivamente fatigado, sem vontade de repetir jornadas como esta.

— A volta é comprida e o caminho não é bom. Querendo lá ir...

— Pois já se vê que quero.

Quasi pára o automovel á entrada num povoado, e eu pergunto ao dr. Abilio Ferreira onde estamos.

— Em Flôr da Rosa.

Tem esta denominação poética uma pequena aldeia que fica a dois quilometros e meio do Crato, e é cortada em toda a sua extensão pela estrada que conduz a Gafete.

Não se dispensa de ir ali, estando no Crato, o devoto das coisas antigas, isto é, dos monumentos que são páginas da nossa Historia, ainda que não sejam, como no caso presente, paginas d'Arte. Vitor Hugo, cuja modestia não era uma das suas maiores virtu-

des, escrevendo a *Notre Dame*, teve esta frase de desafio, atirada ao edificio do mesmo nome — *ceci tuera cela.*

Os livros teem mais garantida, mais assegurada a sua conservação que os monumentos; guardam-se nas bibliotecas publicas e particulares, nas bibliotecas do mundo inteiro, traduzidos em várias linguas, quando é excepcional o seu valor, e editam-se repetidamente, em edições de milhares. Mas o livro não mata o monumento; amplio-a como narrativa; torna-o mais explicito como cronica, e completa, sem o tornar maior, o seu valor documental. A Italia é o país das ruinas, e nas suas bibliotecas e arquivos não ha livros que valham as tragicas mutilações do Coliseu e do Forum para nos dizerem o que foi a maior cidade de todos os imperios, o maior imperio de todas as idades.

Quasi se pode avaliar do grau de cultura dum povo pelo respeito ou despreso que mostra pelos monumentos nacionaes, e sob este ponto de vista, forçoso e triste é reconhecê-lo, Portugal é dos povos menos cultos do Orbe.

Não admira, pois, que em Flor da Rosa haja um montão de ruinas, que por irrisão foi há poucos anos classificado de *monumento nacional.* Com mais propriedade lhe chamariamos vergonha nacional, e para ela chamariamos a atenção dos que aceitaram e sobre sí tomaram o encargo de velar pela conservação de tais reliquias, abundantes no pais, se tão lamentavel miseria ainda representasse ou pudesse vir a re-

presentar um valor no inventario da nossa riquesa arqueologica.

Melhor fôra, não querendo cercar de respeito, dando-lhe ares de decencia, aquele monumento derrocado, arrasá-lo de uma vez e por completo, para que não grite a quem passa o desmazelo criminoso do Estado, e a falta dum esclarecido sentimento patriotico por banda dos que, na região, se podem considerar como legitimos herdeiros daquele deposito, umas poucas de vezes secular. Flor da Rosa é um modesto logarejo, modesto e pobre, tão pobre e tão modesto que não há verdadeiramente o direito de estranhar que tenha assistido sem um protesto, sem uma reclamação, sem um grito de revolta á lenta mas continua e já agora, parece-nos, irreparavel derrocada dum monumento que de certo modo poderia fazer dela uma especie de Meca para os devotos, os sinceramente devotos da religião da Patria. Mas o Crato, vila proxima, é uma povoação importante, de velhas e nobres tradições, suficientemente autorizada para se fazer ouvir nas altas regiões, quando reivindica direitos que lhe não podem ser contestados! Ora Flor da Rosa é uma gravura artistica que ilustra a historia do Crato, capitulo da nossa historia geral, e dos mais importantes, porque nêle se compreende a biografia dos Hospitalarios ou Maltezes, isto é, da chamada *Ordem de Malta*, uma das mais importantes ordens religiosas e militares que tão poderosamente contribuiram para a formação e consolidação da nacionalidade. Sôbre o priorado do Crato,

seu direito e jurisdição, escreveu Pascoal José de Melo uma substanciosa dissertação historico-juridica, inspirada, sem duvida, no bom desejo de tornar claros e insofismaveis os direitos do Imperata sôbre uma *Ordem estrangeira, no Reino, e sôbre os seus professor e bens, sem que para isso dependa de Bulas pontificias*, mas tambem inspirada no despeito de lhe terem regateado uns magros dinheiros a que se julgava com direito por virtude das funções que exercia na qualidade de provedor, nomeado por D. Pedro III, do Priorado do Crato.

A verdade é que o Crato assistiu, indiferente, ao ruir da Igreja e Convento que havia em Flor da Rosa, e deu-se por satisfeito quando o Estado, olhando para ali, de soslaio, disse com ares protectores — *isto agora fica ao meu cuidado, como monumento nacional.*

Como se não pudesse com tamanha honra, o que ainda estava de pé, foi-se abaixo — *ad majorem dei gloriam.*

A historia da Flor da Rosa é simples, e conta-se em poucas linhas.

D. Alvaro Gonçalves Pereira, sexto prior do Crato, mandou ali construir, em 1356, uma igreja e um mosteiro, igreja e mosteiro que constituiam, principalmente a igreja, uma fortaleza, um castelo com ameias, guaritas e cubelos ou torreões. Nada admira que alguns templos fossem baluartes, num tempo em que o profano andava tão unido ao sagrado, que a carreira eclesiastica e a carreira militar eram, para

milhares de homens, uma só carreira, simultaneamente espalhando bençãos e cutiladas.

A igreja que D. Alvaro, cavaleiro da Ordem dos Hospitaleiros, mais tarde crismada em Ordem de Malta, fez construir em Flor da Rosa, era em estilo gotico, duma só nave; ainda ha poucos anos ali se via o tumulo, em marmore, do seu ilustre fundador, cujo cadaver foi removido para a igreja paroquial da freguesia, em automovel — precisamente o mesmo automovel em que eu visitei o distrito de Portalegre, e guiado pelo mesmo ilustre *chauffeur*, o dr. Abilio Ferreira, por quem soube que D. Alvaro ainda não estava completamente reduzido a ossos, conservando-se em rasoavel estado o hábito que lhe servira de mortalha.

O claustro do Mosteiro, circunscrito por oito arcadas, de belo marmore, jogava bem com a igreja, e porque tambem era torreado, o todo dava a impressão dum castelo em *camouflage* de templo.

O que fica dito com respeito a D. Alvaro e ás suas edificações em Flor da Rosa, seria suficiente para qualificarmos de criminoso o abandono a que foi votado o templo e o mosteiro, abandono que não cessou pelo facto do Estado, tarde e a más horas, ter dito ás gentes — isto agora passa a monumento nacional!

Outras edificações, de menor importancia, deveu o país á iniciativa de D. Alvaro, soldado cuja valentia se assinalou brilhantemente na batalha do Salado. O hábito de frade não lhe quebrou o animo guerrei-

ro, hospitalário que como poucos compreendeu e incarnou o espirito da sua Ordem, na qual entrou, como era da regra, fazendo os votos substanciais de obediencia, pobreza e castidade.

Tinha então, como já dissemos, dezoito anos.

Do modo como observou e cumpriu o voto de castidade faz-se ideia aproximada, sabendo-se que foi pai de trinta e dois filhos, machos e femeas. Bem merecia o cognome de povoador, talvez mais que o D. Sancho, o homem que, além de criar nucleos de população, tão largamente criava povoadores. Ora dos trinta e dois filhos de D. Alvaro, um chamou-se Nuno Alvares Pereira, e veio a ser o heroe de Aljubarrota. A mãe de Nuno Alvares era criada do Paço, e veiu a morrer freira, já bastante entrada em idade.

Não faz sentido glorificar como heroe e como santo o filho, e votar ao abandono a obra que o pai realizou, monge e guerreiro, inspirado na fé e no patriotismo, os dois grandes sentimentos que tornaram possivel a formação desta pequena nacionalidade, cujas façanhas gloriosas bem mereciam ser cantadas por um Homero, se as não cantasse um Camões.

Se o templo e o mosteiro fundados por D. Alvaro em Flor da Rosa tivessem sido preservados dos estragos do tempo, conservando-se integros na elegancia da sua linha arquitectonica e invulneraveis na rijeza da sua estructura em marmore, ali é que deviam estar os restos do Condestavel, e então aquele pequenino burgo seria um logar de romagem para nacio-

nais e estrangeiros — os nacionais que, por devoção religiosa, quizessem adorar o santo, ou que, por devoção patriotica, quizessem homenagear o heroi, e os estrangeiros cultos que nos visitassem, sinceramente admiradores de todos os herois, mesmo que não sejam da sua Historia, ou piedosamente devotos de todos os santos, mesmo que não sejam do seu calendario.

Singular Paiz o nosso!

Cria-se Fatima, e deixa-se perder Flôr da Rosa!

A dois passos do Crato, menos de tres quilometros, Flôr da Rosa podia e devia ser o mais lindo arrabalde desta vila historica, rica de tradições. Não custava muito ter conservado o seu castelo e um trecho das suas muralhas, e nada mais natural que ver-se ali instalado, em edificio proprio, o arquivo dessa famosa ordem dos irmãos hospitalários, criada em Jerusalem antes de se constituir o reino de Portugal, graças á valentia e astucia de D. Afonso Henriques. Só em 1320, reinando D. Diniz, é que foi criada a Ordem Militar de Cristo, aproveitando-se, para isso, os despojos dos Templários, Ordem extinta por um breve pontificio, e que em França teve um fim espantosamente trágico.

E' certo que D. João de Austria, em 1662, quasi arrazou esta vila; mas coisa facil teria sido reconstitui-la, conservando-lhe a fisionomia que tinha desde seculos, conquistada aos mouros, no terceiro quarteirão do seculo XII pelo fundador da Monarquia, que Deus haja em sua santa guarda.

Mereceu o Crato as honras de ser escolhido para cabeça da Ordem de Malta, em Portugal, e D. Alvaro, filho do Arcebispo de Braga, mercê da influencia paterna, ascendeu ao honroso cargo de grão-prior, honroso e de proventos grados.

Seria o monge que sugeriu ao guerreiro a fundação de Flôr da Rosa, ou seria o guerreiro que fez a sugestão ao padre?

No juramento que prestavam ao serem admitidos na *Ordem*, os cavaleiros comprometiam se, antes de mais nada, a serem fieis aos Reis de Portugal — *Regibus Portugalliae fidelis ero* — a defenderem a fé pelas armas; irem ás guerras ultramarinas, quando os chamassem; a darem toda a ajuda contra os reis e principes infieis; a nunca estarem sem armas nem cavalos; a não fugirem de três inimigos; a não venderem nem entregarem os bens da Ordem; a ajudarem por todas as formas, inclusivamente por conselhos, os seus irmãos e confrades.

Não fugir de três inimigos!

Os cavaleiros da Ordem obrigavam-se, por juramento, a serem valentes até ao ponto de aceitarem a luta na proporção de um para três, condição esta que determinava uma rigorosa selecção, eliminados os fracos de corpo e os tímidos de ânimo, às vezes podendo ser bons frades, mas não dando garantias de serem bons soldados. Na Ordem dos Templários a fórmula de juramento era a mesma, o que não admira, porque as duas Ordens eram da mesma índole, e tinham sido criadas para mesmo o fim, sujeitas às

mesmas regras, com pequenas diferenças, empregando as mesmas armas de combate — o rosário e a catana.

D. Alvaro fez prodígios de bravura na batalha do Salado servindo-lhe de escudo uma relíquia do santolinho, que era uma espécie de *in hoc signo,* a gritar à legião portuguesa que para a frente é que era o caminho, porque o Deus das vitórias lhes sorria dos altos céus.. A darmos crédito a alguns dos nossos cronistas, ricos de imaginação, nessa famosa batalha os portugueses não combateram com os infieis na proporção de um para três, mas de um para uns poucos de mil — repetindo, ampliada, a façanha dos Pares de França em mais dum recontro, no seu constante pelejar com a moirama.

Do velho Crato, onde casaram reis, terra amuralhada que a fúria castelhana reduziu a escombros, residência de D. Alvaro que dali presidiu à construção de Flôr da Rosa, quási nada resta, a não serem uns bocadinhos de muralha,atestando a sua remota antiguidade. Não há vestigios de qualquer das suas portas, que eram cinco, uma das quais se chamava, não sabemos porquê, Beringel.

Do mosteiro e templo de Flôr da Rosa, como já dissémos, resta um monte de ruínas, sendo de admirar que debaixo delas não esteja o tumulo de D. Alvaro, pai do Condestavel, um dos maiores vultos da nossa História, onde os grandes vultos não faltam. Importa dizer, porque a verdade a tudo sobreleva, que alguns dos filhos de D. Alvaro, irmãos de D. Nuno,

tomaram o partido de Castela contra Portugal, e que um neto, um descendente do herói de Aljubarrota, tambem Nuno Alvares Pereira, duzentos anos mais tarde se fez partidário da causa de Filipe II contra o Prior do Crato, e não o fez por paixão, mas por dinheiro, conforme reza a História.

Se alguma coisa ainda se pode salvar de **Flôr** da Rosa, é acudir-lhe sem tardança e pela maneira mais eficaz; mas se do tesouro arqueológico que ali havia já nada resta de aproveitável, então ponham-se aqueles bocados de parede rasos com o chão, remova-se o entulho para fora da aldeia, e no lugar onde se erguia o templo e o mosteiro, convenientemente ajardinado, erga-se uma estátua ao Desmazelo, pondo-lhe na base quatro figuras simbólicas — a Ignorância, a Estultícia, a Mentira e a Basófia.

*

Na verdade, o caminho é pessimo, o que, além de incomodar, obriga a ir devagar, no justificado receio duma avaria grossa.

Terras asperas, quasi sem relevo, delgadas como papel de embrulho. Bem adubadas, poderão dar seára nos anos favoraveis á lavoura, e tambem, servindo-lhes o tempo, poderão criar erva que encha a boca duma ovelha, sendo duvidoso que chegue para encher a barriga dum boi.

Poucas arvores, muita pedra ; um sol abrasador, pesando, como na Palestina, sobre a terra gretada e

nua, como disse o poeta, só com a diferença de coisa alguma, nestes sitios, falar á gente das vinganças do Senhor.

Curta demora em Gafete, a visitar o dr. João de Morais, clinico da velha Escola, tão fóra do seu tempo e da moderna deontologia médica, que pratica a medicina como se ela fôsse um sacerdócio, a todos, pobres e ricos, prestando os mesmos inteligentes serviços com a mesma solicitude desinteressada.

Continua sendo má a estrada, mas agora, bordada de eucaliptos e sobreiros, formando abóbada, ela torna-se interessante, distraindo-nos um pouco dos trambulhões que o carro dá, apesar dos cuidados e mestria com que é guiado.

Passámos por Alpalhão sem nos apearmos, nem sequer movidos pela curiosidade de vermos o lugar onde existiu o Castelo — *ubí fuit Troja* — que os romanos já encontraram quando vieram aqui. Pertencia este Castelo ao Mestrado da Ordem de Cristo, Ordem que bem merecia, como as outras ordens militares que ajudaram á formação e consolidação da nacionalidade, que o Estado, ontem monarquico e hoje republicano, as tivessem na devida consideração.

Tambem por Nisa passámos sem nos apearmos, informados de que a estrada velha, uma carreteira em que vamos entrar agora, realisa o milagre de ser pior que a estrada, primitivamente macdamizada, que deixamos, horrivelmente zurzídos.

Muros de pedra solta, aqui e além quasi estran-

gulando as azinhagas, talhadas á medida dum carro de parelha, carregado de produtos agricolas — cortiça, palha ou trigo em rama. Se nos aparece um destes carros pela prôa, teremos de recuar até que possamos saír do caminho, o que talvez me impeça de ainda hoje tomar o comboio para Lisboa, faltando, involuntariamente, a compromissos que obrigam.

Acabaram as azinhagas, os muros e os valados; mas não se pode romper a corta-matos, porque ou a terra é lavrada, ou as arvores são bastas.

Um bom ramo de montado de azinho, e lá em baixo, apertada entre modestos outeiros, uma ribeira que parece correr... á procura d'agua.

Conheço mal a bacia hidrográfica do Nisa, contribuinte ou afluente do Tejo, tão mal que se alguem me tivesse dito, ainda ha poucos anos, que represariam as suas aguas, em qualquer ponto, fazendo uma albufeira, eu riria do projecto, considerando-o irrealisavel.

Pois a represa fez-se, e aqui estou eu sentado no paredão que lhe estanca as aguas, espesso de vinte e cinco e alto de vinte e oito metros, quando o altearem, como está projetado, sendo de trezentos metros o seu comprimento. Bem entendido, a espessura indicada é a da base, que a da crista será de cinco metros apenas.

Realisadas todas as obras projectadas, a albufeira terá seis quilometros de extensão por dois de largura, armazenando vinte e dois milhões de metros cubi-

cos d'agua. Então a Hidro-Eléctrica, dispondo de 9.000 HP. de força, poderá abastecer de energia a parte mais importante dos distritos de Portalegre, Evora, Santarem e Castello Branco.

Já é grande o consumo de energia produzida ali, grande e progressivo, pois que sendo de 280.000 kw. no ano, em todo o ano de 1928, no ano corrente tem sido aproximadamente de 200.000 em cada mês.

A que prêço?

Ao preço de $80 a energia luminosa e $40 a energia motriz.

Além de ser uma obra no Alemtejo, esta Hidro-Eléctrica tem para mim o particular merecimento de ser uma obra de alentejanos.

Diz-se, e é verdade, que o capital alentejano só vai de boa vontade para a terra, para a exploração agricola, segundo os moldes classicos, lavrar e semear, considerando a pecuária como industria subsidiária da sua profissão.

Quaisquer que sejam as origens históricas dos latifundíos alentejanos, a coisa certa é terem eles resistido ao fraccionamento pela natural evolução da propriedade, mercê da paixão, da insaciavel fome de terra que tem o homem do Alentejo, os remediados e os ricos, tão grande que os leva a empenharem-se sem remédio, enfeudando-se aos Bancos ou aos usurarios, para adquirirem mais courelas ou mais herdades, pagando juros excessivos, que os seus rendimentos liquidos não comportam.

Empreendimentos dispendiosos, fóra do labor agricola, á maneira adamita, não o seduzem, e para êles não lança as suas disponibidades monetárias, sempre á espera de lhe aparecer a oportunidade de adquirir mais algumas centenas ou milhares de hectares de terra para dar maior vulto á sua personalidade latifundista.

Sabendo que a Hidro-Eléctrica é obra de alentejanos, feita por alentejanos e destinada a servir uma vasta zona do Alentejo, eu tinha imenso desejo de a visitar, vendo-a com olhos de leigo, naturalmente, mas vendo-a com a simpatia com que vejo tudo quanto na minha provincia representa uma utilidade colectiva, concebida e realizada com inteligencia e com probidade.

Nem já me lembro de que fui manteado dentro do automovel, como o D. Quixote, numa estalagem manchega, por almocreves, satisfeito de ver este esboço, já muito adiantado, duma grande obra, que vale a pena inculcar, como exemplo e como incentivo, aos desalentados... que nunca tiveram alento, aos descrentes... que nunca tiveram crenças, aos desiludidos... das ilusões que nunca tiveram.

Pois que a Hidro-Eléctrica é uma obra feita, embora ainda incompleta, como já não é uma tentativa em que se arrisque dinheiro, mas uma empresa em que se coloquem capitais, por seguro temos que lhe será facil alcançar os recursos de que porventura ainda careça para levar a bom e definitivo termo a sua obra, quer os peça aos particulares, pessoas individuais ou colectivas, quer os peça ao Estado.

Num plano de reconstituição económica do País ha que fazer uma larga parte ao aproveitamento da agua, quer para serviços de irrigação agricola, quer para a produção de energia eléctrica, de mais valor que a obtida pela combustão da hulha, que não temos, e das antracites e linhites que não soubémos ainda utilizar na justa medida.

Como da Espanha, escreveu Sanchez de Toca — *Reconstituiçon de España en vida de Economia politica actual* — podemos e devemos dizer, relativamente ao nosso País, que — *o interesse principal da nossa economia patria assenta hoje em a nacionalização dos nossos organismos económicos. Não pode considerar-se economia nacional a que vive invertebrada e com os seus elementos primários entregues á exploração do capitalismo estrangeiro ou alimenta os monopólios* **rentisticos** *e as combinações das oligarquias financeiras e industriais.*

Porque é genuinamente portuguesa esta peça, valiosa ainda que modesta, do nosso apetrechamento economico portugueza pela origem dos capitais com que se fundou, e quanto nacionalidade dos técnicos que a conceberam, planearam e construiram; portuguesa, ainda, em relação ás pessoas que a administram, aqui fica expressa a enorme satisfação que nos causou a visita que fizémos á Hidro-Eléctrica e expressos os nossos votos pelas suas maiores prosperidades.

Para fugirmos ao mau caminho até Nisa, avançamos

em direcção a Castelo de Vide, e logo constatamos que a inspiração foi bôa, porque já o carro pode marchar mais depressa, e não se comparam os solavancos de agora com os trambulhões de ha bocado.

Não havendo demora no caminho, devemos chegar ao Crato a bôas horas de jantar sem pressa, muito a tempo de apanhar o comboio.

Mas o homem põe e Deus dispõe, e dispôs Deus que chegassemos ao Peso já fechada a cancela, só abrindo depois de ter passado o comboio de mercadorias, que não tinha pressa de chegar.

Que desespero!

Em dois segundos o automovel passaria a linha, e o comboio, para chegar ali, vindo na direcção em que vinha, precisava de alguns minutos, avistando-se a grande distancia porque a linha é recta em mais de um quilometro.

O dr. Abilio Ferreira não contára com a mulher da cancela, useira e veseira em inflingir aos transeuntes escusadas demoras, não por excesso de zêlo, o que seria desculpavel, mas por orgulho de subalterno exercendo um bocadinho de autoridade.

Afinal passou o comboio, e em menos de nada chegámos ao Crato, ainda com tempo bastante para comer alguma coisa, um jantar abreviado, permitindo-me chegar a Lisboa, sem fome, com algum apetite para a ceia.

E dou por terminada a minha visita ao Alto Alentejo, muito satisfeito com o que vi, encantado com a hospedagem fidalga que me deram o dr. Abilio Fer-

reira e a ilustre senhora que é sua esposa, adoravel *mènage* em que a opulencia se disfarça em bom gosto, quasi não se dando pelo que tem de valioso, absorvida a atenção pelo que tem de superiormente delicado, de requintadamente estético.

Punge-me um remorso, todavia.

Eu saira de Lisboa no firme propósito de ser um mediador da paz entre Nisa e Alpalhão, firmar nas duas povoações, ha muito desavindas, os extremos de um arco de aliança, estabelecidas entre os dois povos relações de uma amizade sincera e duradoira!

Não imagine o leitor que os romanos de Alpalhão tinham raptado as Sabinas de Nisa. Tal não sucedeu, pelo menos não o conta a História nem o refere a tradição.

O caso foi que, num sermão da semana santa, em Nisa, um façanhudo prègador, ao reboar no templo o estrondo do caixão, fechado com violencia, depois de nêle metido o corpo do Senhor, exclamou, com furia, como quem denuncia um crime horrivel: — *Ah! cães de Nisa, que mataram o vosso Deus.* E a multidão que enchia o templo, *una voce*, mulheres, homens e crianças, apavorados como numa antevisão do Inferno, os olhos afogados em lagrimas, a voz cortada de soluços, gritaram em direcção ao pulpito: — *Não fomos nós, foram os de Alpalhão.*

A partir desse momento, um ódio de morte atira frequentemente os habitantes de Alpalhão contra os de Nisa e os de Nisa contra os de Alpalhão, como se uns fôssem guelfos e outros gibelinos.

Ora eu, pela indiscrição de uma mulher a dias, vim a saber que um ilustre academico está na posse de documentos que provam á evidencia, de maneira irrecusavel, documentos que brevemente serão lidos em sessão publica da Academia, que não foram os de Alpalhão nem os de Nisa que mataram o Senhor, mas sim um espanhol de Porriños, que ali costumava aparecer vendendo *pastillas y bonbones de la fabrica Matias Lopez*.

Pensei em reunir os bons e os velhos daquelas beetrías desavindas, e com a noticia deste formidavel sucesso reconciliar, desde já, aquelas duas laboriosas vilas alentejanas, fronteiriças e vizinhas.

Não o pude fazer; paciencia.

Fóra de vila e termo

Sempre ouvi dizer que no inverno não ha que fiar em Deus, porque dum instante para outro o tempo entra a fazer carêtas, o céu deixa de estar limpido para se tornar nebuloso; aos esplendores dum sol estival, luminoso e quente, sucedem-se rajadas dum vento que sacode as arvores, ameaçando de as arrancar, e bátegas de agua que encharcam os campos e tornam intransitaveis as carreteiras de melhor piso, como que prenunciam um novo e universal diluvio.

Desatento a este aviso da sabedoria das nações, confortado com uma bôa açorda alemtejana, meti-me outro dia num modesto *Studebacker*, na disposição de visitar, no concelho de Portel, herdades de gente amiga — não direi de velhos amigos, porque os seus donos actuais teem a sorte de serem ainda novos.

As estradas a macadam, no Alentejo, áparte uns infimos trechos, aqui e além, estão simplesmente horriveis, cortadas de valetas que obrigam a uma

marcha de procissão, e, ainda assim, pôem em risco as mais fortes e bem temperadas molas. Andar de automovel por semelhantes estradas, é pior que ser manteado, como sucedeu ao pobre D. Quixote, numa estalagem mal frequentada. E então quando essas valetas se enchem de agua, se o *chauffeur* as não evita, podendo faze-lo, ou não as passa com o carro quasi parado, é certo ficar para ali estatelada a traquitana, á espera do reboque duma junta de bois, ou duma valente parelha de muares.

Eu bem sabia que estamos no inverno, segundo os almanaques; mas iam decorrendo tão lindos os dias, tão apraziveis as noites, tão desanuviado o céu, tão enxuta a terra, que calculei ser-me facil realizar a minha jornada, uns duzentos quilometros, ida e volta, sem que o mau tempo me apanhasse por fóra de casa. Evitaria as estradas do Governo, e pelas velhas carreteiras, nem sequer humedecidas pelas primeiras chuvas outonais, o automovel marcharia lestamente, sem incómodos de maior.

Ha quantos anos eu não passava de Montes Velhos para lá!

Desapareceram as charnecas que por ali havia; os chaparros fizeram-se azinheiras, e as azinheiras, aproveitando da limpeza das terras, um pouco tambem da limpeza a machado, cresceram, encorparam, tornaram-se adultas, grossas de tronco, a copa tornada de convexa em concava, quasi em fórma de taça, para que o ar circule n'ela á vontade, e a luz a encha de energias criadoras. Era bem diversa a *limpe-*

za que se fazia no meu tempo, e quer-me parecer, na minha ignorancia de arboricultor... formado em medicina. que entre o que se fazia então e o que hoje se faz, ha um justo meio termo, que talvez conviesse adoptar, transigindo com o modernismo e rompendo com a rotina.

Transposta uma lomba, donde se avista Ferreira, branquejando ao sol, espraio a vista por uma vastissima planicie de terras cultivadas, esmeradamente cultivadas, um abundante celeiro que ainda ha poucos anos era um campo de estevas curtas e ervas magras.

Como se operou o milagre?

O dono da Abegoaria, herdade de muitas centenas de hectares, dividiu a em courelas, que aforou, e os foreiros, cada qual segundo as suas posses, fizeram casa de habitação e de lavoura, para ali morarem. Formou-se, assim, uma colonia. Pequeninos seareiros, votados a trabalharem toda a vida a terra alheia, rompendo-a com a enxada ou rasgando-a com o arado, e sempre regando-a com o suor do seu rosto, viram-se, d'uma hora para outra, proprietários, donos de algumas geiras, servos da gleba emancipados.

Porque não hão-de os grandes *land-lords*, que ainda ha no Alemtejo, fazer como o sr. Filipe da Pedralva, desembaraçando-se d'uma parte dos seus latifundios, certos de que, a criarem proprietarios, garantem mais eficazmente os seus direitos de propriedade?

O fracasso da experiencia comunista feita na Rus-

sia, em materia de propriedade rural, foi a prova decisiva de que o homem, como já tive ocasião de dizer numa conferencia publica, em Lisboa, é um animal essencialmente proprietário, e foi um salutar aviso aos latifundistas do mundo inteiro, para que vão ao encontro, sem violencias criminosas e sem prejuizos totais, d'um estado de coisas que tende a estabelecer-se, porque está no plano de evolução económica das modernas sociedades.

Na pressa em que o automovel vai, eu não posso vêr tudo como desejava, e porque não quero arriscar-me a não chegar ao fim da jornada, dispenso-me de colher, a respeito do que vejo, informações que desejava colhêr, e que serviriam para, com alguma segurança, me orientar no estudo do problema agricola do Alemtejo.

A questão da propriedade grande ou pequena, tem de ser considerada sob o ponto de vista da produção, independentemente do seu aspecto juridico, filosofico ou social, *Primum vivere*...

Pelo que conheço do Alemtejo, provincia essencialmente agricola, sou levado a crêr que a divisão da propriedade, a dentro de certos limites, é favoravel á produção, mas simplesmente a dentro de certos limites, que não podem ser os mesmos para todos os países, em todos os continentes, e em cada país, em determinado continente, não podem ser os mesmos para todas as provincias ou divisões administrativas equivalentes. Se o regime dos latifundios é a miseria pela

concentração da riqueza, o regime das leiras infinitesimaes é tambem a miseria, pela fragmentação da propriedade.

In medio consistet virtus.

Atravesso, sem demora, Ferreira do Alemtejo, hoje muito maior do que era no tempo em que eu, menino e moço, ali ia, uma vez em cada ano, por ocasião da feira. Vejo, n'um relance, a casa do primo José de Vilhena, o Estopa, assim chamado, por ter o cabelo estopento, n'uma idade em que êle ainda não começa a branquear na generalidade das pessoas. Era um original o parente Estopa, tão original que mandou fazer o caixão em que havia de ser enterrado, e nêle dormiu algumas noites, não aguardando a morte... mas cosendo a bebedeira. Andava ameaçado de lhe fazerem arrefecer o céu da boca, e êle queria mostrar aos seus projectados assassinos que a perspectiva de o despacharem antes de tempo, para o outro mundo, lhe não mudava o humor nem lhe estragava o apetite... de beber.

A estrada é toleravel de Ferreira até Peroguarda, o que nos permite ganhar tempo, acelerando a marcha. Terras de semeadura, em que mal despontam os trigos semeados no cêdo, e as oliveiras carregadas de azeitona, parecendo que deixaram de ter folhas para terem fruto.

Aqui se nos depára agora uma recta de seis quilometros, sem inflexões, e lá nos aparece Cuba, onde

almoçaremos, vila rica e desgraciosa, situada á beira do caminho de ferro, sem nada em que os olhos pousem com atenção ou curiosidade.

Simplesmente horrivel o ultimo trecho d'esta estrada, e não ha remédio senão marchar por ela, porque não ha uma carreteira proxima, que possamos utilizar.

Bem almoçados, mal almoçados, fazemo-nos de prôa á Vidigueira, passando por Vila de Frades. Na volta irei á casa onde nasceu o Fialho de Almeida, como iria, se fôsse devoto, a uma igreja ou capela rezar as minhas devoções.

Acabou a planicie: começam as terras dobradas.

Azinho e sôbro constituem a massa silvicola d'esta região de montados, com peladas de tamanho vário, em que se cultiva o trigo, á cevada e a aveia.

A uns seis quilometros adiante da Vidigueira, abandonando a estrada a macadam, enfiamos por uma carreteira de transito relativamente comodo, e dentro em nada chegamos a Sant'Ana, aldeia de duzentos a trezentos fogos, esquecida, desde tempos imemoriais, das gentes que governam.

— Vamos bem por aqui, para Vale do Carro?

— Sim, senhor. Seguem sempre a direito por essa estrada: o primeiro Monte que encontram, é Vale do Carro.

O lavrador não está.

Foi esperar-nos, a Cuba; mas como lhe não soubessem ler correctamente — êle nem conhece as le-

tras — um telegrama que eu lhe expedira na antevespera, dando-lhe indicações precisas, fez uma trapalhada de mil demonios — ainda nos esperava em Cuba, já nós estavamos ao pé da herdade.

Os que negam todo o valor ao simples ler e escrever, imaginam que não ha vida de relações fóra da alta atmosfera em que se urdem os grande negócios; que o ensino elementar, o grau mais elementar do ensino, visto não habilitar para se lerem os *Lusíadas* ou escrever o *Monge de Cister*, é perfeitamente dispensavel.

Somos actualmente, na Europa, o País de maior percentagem de analfabetos, percentagem que na capital vai além de quarenta.

Quer-nos parecer que tambem somos, na Europa, o País onde é maior a percentagem dos doutores, e estas duas calamidades, somadas, explicam a desordem da nossa vida colectiva — a nossa miséria económica, por insuficiencia de produção, a nossa ruina financeira, por excesso de gastos, a nossa corrupção de costumes politicos por falta de base moral.

Certo é que estamos em Vale do Carro, vencida a primeira *étape* da nossa jornada.

Meto-me á extrema da herdade, fiado nas pernas, e vou observando tudo de meu vagar, aproveitando os marcos para me sentar, um pouco, fazendo altos horários, como nas marchas militares.

Não direi que esta região é montanhosa, porque a palavra montanha inculca uma grandeza que não teem estes cerros, simples acuminações, que evitam a mo-

notonia das planicies extensas e encurtam os horizontes, de linhas irregulares.

Para muita gente, quem diz Alemtejo, diz charneca, uma árida charneca, que vai duma a outra ponta da provincia. Nunca assim foi, desde que se constituiu a nacionalidade, e eu, que vim muito depois de Afonso Henriques, já encontrei o Alemtejo cultivado, escassamente cultivado, é certo, na minha saudosa meninice, mas já bastante cultivado, para não merecer confronto com as infindaveis *steppes* da Russia.

Mas foi a lei de protecção á lavoura, promulgada em 1899, que sentenciou a morte da charneca alemtejana, duma beleza selvagem, semelhando um mar de grandes ondas, quando uma ventania desabrida soprava em qualquer direcção. Eu ainda conheci essa famosa charneca, parasita de milhões de bocas, a sugar da terra a seiva fertilizante. Mal cresciam e se desenvolviam as azinheiras nesse *mare magnum* de estevas, quasi tão velhas como a nacionalidade. Os maiorais viam-se e desejavam-se para guardarem um rebanho de porcos, alfeire ou vara, num montado assim afogado em mato, as estevas quasi do tamanho das arvores, e bastas a formarem bardum — como o sr. *Graviel* chama a um silvado impenetravel. Perdia-se comida, muita bolota, por falta de limpeza no chão, e as arvores não se desenvolviam nem frutificavam capazmente, porque as estevas, em concorrencia com elas, lhes roubavam o alimento. Das sobreiras ninguem fazia caso, porque então a cortiça era um produto de somenos valia,

Ainda conheci as famosas charnecas do Alentejo, moradia bastante segura dos coelhos e reduto quasi inexpugnavel de lobos e javardos.

A lei de 1899 foi a grande roçadoira metida a essas charnecas, o alferce atirado á raiz desses matagais vetustos, tornando possivel o trabalho da charrua e do arado.

Charnecas alemtejanas!

Mas só existem, hoje, na tradição da Provincia e um pouco na lembrança dos que deixaram para traz, muito para traz, o equador da vida, a verem já proximos os cimos nevados duma decrepitude sem remedio

Pequenos trechos de mato, nesgas de uma charneca que já deu pão, e está agora em descanso para se refazer de energias produtoras, isso ainda se encontra no Alemtejo, em todo o Alemtejo, nas regiões asperas e alcantiladas, onde o gado capril, menos exigente que o ovelhum, encontra o seu parco alimento. Elas gostam, as cabras, de roer as moitas espinhosas — *rubosques horrentes*, e as sarças emaranhadas, que preferem os lugares altos — *amantes ardua*, como se lê em Virgilio.

Pegam com a herdade que ando visitando terras do montado tão sujas de mato, que eu tenho a impressão de que nunca ali entrou um arado ou um alferce, de que nunca a roçadoira por ali passou, manejada por braços robustos. E estas terras matagosas, que só não podem considerar-se estereis porque a Natureza ali fez nascer o azinho e o sobro,

estas abandonadas terras estendem-se, sem fim, todas pertencentes ao mesmo dono, verdadeiro *landbord* alemtejano.

O direito de usar e abusar, segundo a formula antiga, se ainda não tem uma condenação formal no direito objectivo, tem-na irremediavelmente na consciencia moderna, dominada por sentimentos de solidariedade, e norteada por um ideal superior de justiça colectiva.

Num País deficitario em generos alimentares, precisamente os que constituem base da alimentação de toda a gente, pobres e ricos, não há o direito de possuir terras ao abandono, quer se trate de terras em que se engordam porcos, quer se trate de terras em que se possa cultivar o trigo. Quem não pode cultivar por sua conta, não querendo diminuir a sua opulencia fundiaria, entregue as suas terras a quem possa explorá-las convenientemente, á força de trabalho e de cuidados, obrigando-as á maxima produção. Facilmente se ateia um grande fogo numa herdade matagosa, e dessa herdade facilmente passa a outras, que com ela extremam, embora limpas.

Pois bem.

Quando este caso se der, o *fôgo fugido* deve ser considerado como fôgo posto, obrigando-se o proprietario ralaço a indemnisar os vizinhos dos prejuizos que lhes causou, sem embargo das penalidades que seja justo aplicar-lhe, por seu descuido criminoso.

Ha poucos anos, estas terras que eu vejo semea-

das, verdejando no engrelar de sementeiras temporãs, eram campos de margaça e outras ervas de minimo poder nutritivo. Hoje dão seáras de sete a oito sementes, devidamente adubadas, e geralmente o trigo que daqui se tira tem um peso especifico alto, o que de certo modo compensa a diminuta produção.

Terras magras, sem profundidade, não exigem muita semente: a sua lavoura é facil e quasi dispensam monda. O que não dispensam é a adubação, mas pagam, suficientemente, toda a despeza que com elas fazem.

Bate o sol, quasi a pôr-se, nas chapadas distantes; aqui perto, as sombras vão enchendo os vales, começando as coisas a ter o ar recolhido de quem se prepara, em silencio, quasi religioso, para o repouso de uma noite retemperante de energias.

Mansas e fartas, as ovelhas vão-se encaminhando para a rêde, uma ou outra chamando o filho, que se perdeu no rebanho, e conhece muito bem a voz da mãe, quando o chama, ainda que todas as ovelhas se ponham a balar ao mesmo tempo.

Não faz vento; uns choupos esguios que além adiante, bordando um pequeno barranco sem agua, se aprumam com elegancia, afectam a quietude hieratica de sacerdotes pantheistas.

Duas arcas de agua, no sopé da colina proxima, alimentam um tanque, em que o gado bebe, e um cocharrito solto, mais elegante que a taça do rei de Thule convida a gente a beber. Ia jurar que esta agua é quimicamente pura, é purissima no ponto de

vista bacteriologico, e não seria dificil provar, com analises, que é espantosamente radio-activa.

Vem caindo a noite — silenciosa e escura. No céu brilham estrelas; na terra não bruxuleiam luzes. Dir-se-hia que já tudo dorme, e que o sono das pessoas, dos animais e das coisas, é como que uma suspensão da vida, sem vibração e sem ritmo.

O' furtunatos nimium, sua si bona norint, Agricolas — cantou o mantuano, poeta que como nenhum outro comentou a vida dos campos, em versos duma inspiração quasi divina.

Acordo a ouvir um «jazz-band» infernal, em que predominam roncos e silvos. Espreitára a noite, quasi ao meter-me na cama, e nada vira que prenunciasse chuva ou vento, uma tempestade desabrida.

Tenho a impressão de que abriram a porta da caverna onde Eolo guarda os ventos, e que esses demonios, tomados de estranha raiva, atacam o Monte em que estou, com propositos demolidores. Não ouço a chuva; mas calculo que vão abrir-se as cataratas do céu, e dentro em pouco cada estrada seja uma ribeira, tornando se impossivel a marcha do automovel.

Deus super omnia

— Choverá, sr. Gabriel?

— Não lhe vejo geitos disso, sr. doutor. O vento calou se, e o sol, quando nasceu, vinha tão branco, que até parecia a lua cheia. Não há de haver novidade, se Deus quizer.

Confortados com uma bôa açôrda de bacalhau, metemo-nos a caminho, duras as carreteiras, sem lama e sem agua.

Ao cabo de meia hora, marchando cautelosamente, chegamos á *estrada nova,* estrada a macdam, bordada de eucaliptos de tronco gigantesco, grossos como poucos eu vi em Africa. Agora é que toda a cautela é pouca, porque a estrada, sem reparação ha muitos anos, é toda cortada de valetas, salpicada de buracos.

Montados a um lado e outro; olivais nas proximidades de Portel; vinhas e hortas de bom aspecto, sobretudo pela direita, e terras de semeadura, escuras e grossas, produzindo como ferrageais. Por aqui abunda a agua, e sem duvida, por isso mesmo, a vegetação é exuberante; as arvores, ricas de seiva, adquirem grande tamanho e afectam uma vitalidade tal que as faz parecer novas, mesmo que sejam velhas.

Portel é uma bôa terra, sob o ponto de vista economico, centro duma região que se pode chamar rica, porque produz muitas arrobas de cortiça e engorda muitos porcos.

Tambem produz muito azeite, e em anos de boa colheíta, a sua produção cerealifera é consideravel.

Muito branca de cal, as ruas muito limpas, regularmente calcetadas, Portel não afugenta o visitante, mas tambem o não prende, nada tendo para lhe mostrar senão as insignificantes ruinas dum insignificante Castelo.

A um largo de forma irregular, hoje chamado

Praça da Republica, vão ter, correndo quasi paralelas, as duas principais ruas da Vila — uma chama-se Dr. Afonso Costa, a outra chama-se — a graça de Portel! — Rua do Espirito Santo.

Tenho, por certo que o sr. Afonso Costa é um bom catolico, dos modernos, como os modernos fidalgos; mas tem andado a fingir que o não é, e talvez por isso o Espirito Santo achasse de mau gosto a camaradagem.

Saimos de Portel a descer uma ladeira ingreme, na estrada de Reguengos, que zig-zagueia entre montados, como que riscando o fundo dum vale apertado entre colinas modestas. Em menos de um quarto de hora, apesar do estado calamitoso em que a estrada se encontra, chegamos ao Rebolar, termo da nossa jornada.

Tipo do velho Monte, sem janelas; a casa de fóra grande e desconfortada; a casa do meio, larga e comprida, com um poial alto para as quartas e uma prateleira escavada na parede, onde se guardam copos e pratos. Chove-lhe dentro como na rua. A arramada, pegada ao Monte, tem um arremedo de porta, e um simulacro de telhado. O quinchoso, sem parede nem bardo, é um palmo de terra em que se cultiva a salsa e a hortelã, atestando este desmazelo horticola a indole essencialmente carnivora do indigena alemtejano.

Corre lá em baixo, quando tem agua, uma ribeira que atravessa a herdade, ribeira quasi sem leito, as

margens estreitas cobertas de junqueiras, adornadas aqui e além de loendros, cuja flor vermelha, duma vivacidade alacre, é a unica flor campesina em que não pousa a abelha. Diz-se até, á laia de adivinha:
— Qual é o ramalhete em que entram todas as flores de campo menos a do loendro?... E' o favo de mel.

Porque será que uma flor tão linda, vermelha como o cacto, mais opulenta que a rosa, não oferece á sucção das abelhas um pouco da substancia com que elas fabricam os seus favos?

Quedo-me a olhar o carcomido tronco rastejante duma oliveira, á beira dum pego quasi redondo, bastante fundo, diz me o sr. Gabriel, a agua coberta de limos, vegetação mais parda que verde, impressionando como um tapete esburacado e sujo.

— Esta oliveira quantos anos terá, sr. Gabriel?

— Ora, sr. dr., isso está aí desde o principio do mundo. Para ela chegar a velha, levou tempos sem fim, e para se tornar no que se está vendo, demorou outro tanto. A gente devia ser como as oliveiras, relativo aos anos de vida, mas fazendo nos Nosso Senhor a esmola e graça de nos matar antes de chegarmos a esta miseria.

Aquilo não é um tronco, é uma goteira, tronco que se foi escavando, roído pelo tempo, e é hoje todo o sistema vascular por onde corre a diminuta seiva que alimenta o quasi nada que resta dum organismo que foi vigoroso, só dando agora sinais de vida em dois grandes ramos com que uma fragil pernada se enfeita,

e são como dois mólhos de flores sobre um cadaver insepulto.

Envelhecer! Morrer!

Triste remate da mocidade, a velhice...

Consolador termo da velhice, a morte...

Vou seguindo a extrema da herdade, cuidadosamente limpa, e as suas terras semeadas, nuas ou apenas salpicadas de arvores, azinho ou sobro, dão-me a impressão dum campo arrelvado, mal despontando a relva, dum verde muito tenro. Encantam-me as seáras alemtejanas, cobrindo vastas planicies, quando os trigais, bem nascidos, são como a penugem da terra. Mas nada me alegra os olhos como o aspecto de uma varzea ou duma encosta, em que o verde escuro das azinheiras dá realce ao verde esmeraldino dos trigais.

— Quando para aqui veio, a herdade não estava limpa, sr. Gabriel?

— Isso sim! Havia aí estevas mais velhas do que a Sé d'Evora. Só a frança das azinheiras e das sobreiras se bispava por cima do mato. Agora vê-se a formosura da planta da arvore, que era uma coisa sem feição.

Se era possivel um literato desenhar o recorte, a silhueta da arvore, com tão singela graça, sem empregar um neologismo estafado!

Entra a chuviscar. Grandes massas de nuvens plumbeas cobrem o céu, dos lados de Portel, e o

vento sopra, rijo e fustigante, das bandas do pégo.

— Isto passa, sr. doutor. E' uma nuvem que descarrega.

Cai agua que Deus a manda, agua em grossas cordas, que a ventania torce, sacudindo-as com violencia.

A muito custo vamos pôr o sr. Gabriel, no Monte, fazendo-nos pena a sua tristeza, o seu profundo desgosto por não comermos do seu jantar, um cabritinho guizado, que a menina Dôres preparára a preceito.

— O sr. Gabriel, em casando as suas meninas, deve tambem casar-se.

— O sr. doutor está a mangar comigo. Uma mulher já não se limita a um homem como eu, senão por interesse.

Clareia um pouco o céu, mas a chuva não despega, e o automovel, ao mais pequeno descuido, escorrega, e eu tenho medo duma derrapagem que nos obrigue a ficar para aí, no descampado.

Devagar, como quem tem pressa, vamo-nos aproximando de Beja, que já se avista lá adiante, massa confusa de que emerge o Castelo, recortando numa atmosfera de papel esgarçado, de côr cinzenta, o seu perfil artistico.

Chegamos a porto de salvamento, com o comboio á porta, libertos do automovel, excelente meio de transporte, com boas estradas e bom tempo.

Como diria o sr. Gabriel — chove que é um barbarismo.

Sagres

— Valeu, Maria Luisa?
— Pois valeu.
Como a Otilia estivesse d'acordo, assentou-se em que no dia seguinte, depois do almoço, tendo visitado a Praia da Rocha, tomariamos o rumo de Sagres.

Manhã quente, como nos dias quentes de Julho; o céu limpo, o mar sereno, a praia deserta. Mal resisto á tentação de me estender ao comprido, na areia, á sombra duma rocha, não para dormir, mas para sonhar, o vago sussurro das ondas, vago e monotono, provocando um estado particular de hipnose em que subsiste a consciencia e não se oblitera por completo a vontade.

O mar deve ter chegado, na precedente maré cheia, muito para além das rochas, porque sinto a areia humida, muito humida e muito fôfa, ás vezes dando-me a impressão de que marcho por cima de

lã cardada. Não me deito nem me sento, e para não estar parado, vá de examinar cada um dos monolitos que ilustram esta originalissima praia, a mais original que conheço.

Ha quantos seculos, ha quantos milhares de anos estarão êles aqui, com o tamanho e o feitio que hoje se lhes nota, algumas nitidamente estratificadas, outras formando bloco de aparencia homogénea — como a estupidez de certas criaturas humanas!

Não sei ler estes documentos, que para um devoto serão manifestações do poder de Deus, e para um *litera* serão caprichos da Natureza, *mobile* como a *dona* da canção.

Em todas elas, as maiores, noto um roda-pé de altura variavel, formado de musgo sempre verde e humido, e daí para cima, até onde alcançam os meus olhos míopes, incrustações de conchas tão agarradas á rocha, que dela não é possivel arrancá-las sem as partir. Fóra daqui, a não ser noutra praia como esta, estes pedregulhos, nem pela sua grandeza, que é minima, nem pelo seu aspecto, que é banal, prenderiam a atenção duma pessoa culta, obrigando-a a cogitações de qualquer ordem. Em Cintra ha rochas que excedem em tamanho, todas estas rochas juntas, e, na Senhora da Penha, ao pé de Guimarães, ha monolitos muito maiores que os de Cintra.

Mas a morfologia...

Bem sei que ha a morfologia; mas aqui, na *Praia da Rocha,* a forma geometrica e artistica é pura fantasia literaria, quando muito um destrambelhamento

da imaginação, suscitado por uma hipotetica combinação de linhas.

A *Praia da Rocha*, suficientemente grande para nela tomarem banho, ao mesmo tempo, todos os algarvios de Barlavento, é separada da pequenina praia, chamada a *Mêsa*, se não estou em erro, por um septo de grande altura e espessura, furado em mais dum ponto, mas só por um deles, o *Buraco da Avó*, permitindo que se passe duma para a outra, na maré vazia.

Sob o ponto de vista arquitectonico, digamos assim, a *Mêsa* é uma praia mais interessante que a outra, ficando entre as duas uma especie de ante-camara, que, ao mais pequeno crescer da maré, torna a sua comunicação impossivel, a não ser á custa dum pediluvio, — ou d'um banho geral.

Alongo a vista pelo mar além, sereno como um lago de jardim, e não logro pousá-la num vapor que passe, empenachado de fumo, ou numa barquita de pesca, a véla panda, a que possa gritar, num proposito de cautela inutil, os bem conhecidos versinhos:

Pescador da barca bela
Onde vais pescar com ela...

Tem cautela, ó pescador!

Madruguei mais que as gaivotas, eu que não sou madrugador! Apenas duas me aparecem, empoleiradas numa rocha, que já não faz parte do scenario

da praia, quem sabe se duas noivas abandonadas ou duas viuvas inconsolaveis, procurando no silencio môrno dum sitio ermo a livre expansão das suas maguas e saudades.

Sabe-se lá!

O céu continua limpo, o mar continua sereno, mas a Praia já não está deserta.

Bastou que a Maria Luisa e a Otilia aparecessem, os pés descalços, a cabeça descoberta, saltando, rindo, gritando, para a Praia se encher do ruido alegre, da jovialidade comunicativa dum rancho escolar nas horas de recreio.

As endiabradas moças!

Nunca se tinham visto, até ontem, e parece que foram criadas juntas, que frequentaram o mesmo colegio, que brincaram com as mesmas bonecas — futeis como se ainda fossem pequeninas, e ao mesmo tempo compostas como se já fossem senhoras!

Com uma agilidade de esquilo, agora uma, logo a outra, trepam para as rochas que melhor se prestam á exibição fotografica, tomando perante o *kodak* poses sabiamente descuidadas, a fazerem pensar em esquivas divindades marinhas que viessem das profundezas oceanicas, por uma quente manhã de Primavera, atraídas pelos encantamentos da luz.

Toca para Sagres.

*

Sem o calor e sem a poeira, valeria a pena ir devagar, parando aqui; parando além, a gravar bem na

retina, para que não se apague facilmente da memoria, algum trecho mais particularmente interessante desta paisagem algarvia, em nada inferior, pelas emoções que desperta, á do Minho.

Ha que adaptar as estradas ás exigencias do novo sistema de viação, e uma dessas exigencias consiste precisamente em evitar que um pobre *turista*, a correr num automovel, ao cabo de alguns quilometros sinta que aumentou de peso, a encher-se de pó, erguido em nuvens, pela boca, pelos olhos, pelos ouvidos e pelo nariz.

Nas estradas de grande concorrencia, este incomodo atinge proporções de tortura, no verão, sobretudo se por elas transitam essas famosas bizarmas, a que se dá o nome de camionetas, descomunais vassouras que vão esburgando e não apenas varrendo o caminho.

E no Algarve elas são em grande numero, muito mais do que seria preciso haver, para que os algarvios que se deslocam, a tratarem dos seus negocios, se déssem por bem servidos. E' possivel que a concorrencia, fazendo com que todas vivam mal, acabe por fazer com que algumas desapareçam, o que pode ter esta dupla consequencia — fazer com que os turistas se encham menos de pó, e os donos das camionetes que triunfaram na concorrencia, se encham mais de dinheiro.

Nem um palmo de terra por cultivar, a um lado e outro da estrada ; muito bem aproveitados os vales e as encostas ; a maior variedade de arvores de

fruto; as seáras alternando com as vinhas, e as oliveiras, de grande porte, carregadas de *candelo*, prometendo fartura de azeitona. Não ha horta sem nora, modestissimos engenhos que os progressos da mecanica industrial ainda não conseguiram pôr de banda. Muito brancos, alvejando por entre o verde matizado das arvores, no verão quasi ferindo os olhos pela intensidade da radiação luminosa, os Casais são o encanto da Maria Luísa, sobretudo quando formam logares, a lembrar-se da sua Beira, onde a cal e o pão de trigo são preciosidades raras. Magnificas varzeas, onde verdejam trigais, e campos de grão de bico, formando um relvêdo descontinuo, em que os olhos poisam com agrado. Muitos pinheiros mansos; aqui e além, em pequenas manchas discretas, pinheiros bravos que a Maria Luísa acha muito inferiores aos da sua Provincia, delgados e quasi sem rama. Ribeiros que não correm; pauis que nunca secam; nada, absolutamente nada em materia de hidraulica agricola que faça lembrar os mouros.

As figueiras, muito agarradas ao chão, dir-se-ía não terem tronco, grandes chapéus de sol a que se partiu a haste, carregadas de figos, os excelentes figos do Algarve, sem rival no mundo inteiro. Nem todas as figueiras são assim: algumas, em rigoroso alinhamento, cobrindo grandes superficies, alteiam-se como as oliveiras pequenas, espaçadas por forma a mal fazerem lembrar aquele figueiral figueiredo, onde choravam tres meninas — *llorando las achara, llorando las achei*.

O Algarve tem uma área muito menor que o Alemtejo, ficando-lhe muito acima em população.

Assim é que os Casais ou Montes, no Alemtejo, são os *rari nantes* da anedota do frade, ao passo que no Algarve, em todo o Algarve que conheço, e parece-me que o conheço todo, não só os casais propriamente ditos, mas os lugares e aldeias, são em grande numero, nalgumas regiões dando a impressão de formigueiro, como se a densidade da população, na Provincia, fôsse a da Belgica, por exemplo. Para a Maria Luísa são mouros todos os homens que por nós passam, de olhos negros e tez queimada, e são mouras todas as mulheres que encontramos, embiocadas no lenço, querendo por força que uma delas, perto de Lagos, nova e bonita, se chame Zara, pondo-se a recitar o conto de Tomás Ribeiro, que principia assim :

Contou-m'o uma velhinha ; era tão linda...

Seria interessante visitar cada uma das povoações por onde passamos ; sondar o interior das suas casas modestas, mas escrupulosamente limpas, colher algumas informações sobre o que é a vida dos pobres, nestes centros populacionais ; mas o calor é de rachar, como nos mais esbrazeados dias do Agosto alemtejano. Esta antecipação do estio, sucedendo a um inverno prolongado, pode comprometer o ano agricola, vindo por aí a alfôrra dar cabo das seáras.

Pequena demora em Lagos, para meter gasolina, e lavar os olhos na agua cerulea da baía, talvez pequena, apesar de grande, para conter as nossas projectadas esquadras.

A paisagem começa a ser diferente para além da Raposeira, e três ou quatro quilometros para lá de Vila do Bispo, se não fôsse a proximidade do mar, já se teria a impressão de ter passado do Algarve, no que tem de bom, para o Alemtejo, no que tem de mau. Chão pedregoso, de rochas que mal afloram; estevas pequenas e discretas; pasto magro, sem viço, muito agarradinho ao chão, com mêdo de que o gado o coma.

Lá está o Promontorio! Lá está o Cabo!

Chegamos a Sagres.

Confesso o meu pecado — o infante D. Henrique é, dos grandes vultos da nossa Historia, um dos que mais admiro, mas não é dos que mais estimo; tenho por êle muito mais admiração que afecto. Todas as homenagens são devidas á sua memoria; a glorificação do seu nome é um dos mais imperiosos e sagrados deveres nacionais.

Numa galeria de portugueses ilustres, vivendo a eterna vida da Historia, se D. Henrique não estiver no mesmo plano dos seis primeiros, é porque o puseram fora do seu lugar sem embargo d'algumas correções que a analise e a critica historica, possam fazer na sua biografia de celebridade.

E' com magua que constato, uma vez mais, não

haver em Sagres, nada que seja um preito da Nação a um dos seus filhos de mais lidima gloria — uma estátua, um busto, que mais não fosse uma Escola, em que as crianças aprendessem, lendo quadros murais, a biografia do heroi — a menos que se reserve esta denominação para os que subiram á gloria deixando atrás de si um rasto de cadaveres.

Uma singela lapide por cima duma porta é tudo quanto em Sagres nos fala do infante D. Henrique, uma espécie de pedra tumular, marcando a sepultura dum obscuro major reformado.

Vale a pena ir a Sagres?

Vale; que mais não seja... para comer *lagosta ao natural* no hotel do sr. José Luís, tão apetitosa que, se o Padre Santo soubesse, o bom gosto que ela tem, viria de Roma ali, comer lagosta tambem.

Simplesmente uma vergonha, a casita da Escola, tão pobre que as crianças que a frequentam precisam de levar de casa a respectiva cadeirita, para terem onde se sentem. Nada, mapas ou albuns, que lhes lembre o Infante, que lhes desperte o interesse por uma das mais brilhantes paginas da nossa Historia. Ali aprende-se a ler e escrever como em qualquer outra Escola, como em Rio de Moinhos ou Jungeiros, como em Lisboa ou Cambas da Serra.

Porque não se fundou aqui uma verdadeira *Villa do Infante*, que não fosse apenas um casinhoto para habitação, e uma Igreja para resas, uma Villa que fosse uma Escola e um Arquivo, centro de estudos

cosmográficos, como pretendera o Infante, provido de todos os elementos de estudo, adquiridos por copia, respeitantes á nossa vida de navegantes ?

Facilmente, e com pouca despeza, se construiria, perto do Promontório, um bairro de pescadores e camponezes, trabalhadores da terra, que é pobre e aspera, e do mar, que é rico e violento, centro populacional que aumentaria depressa, porque os maritimos são prolificos, e á beira-mar, uns mais, outros menos, todos sofrem a influencia genesica do oceano indomito. Ficava ali bem um deposito de velhos e invalidados maritimos, homens que mil vezes jogaram a vida para que lhes não faltasse no lar pobresinho o sustento dos filhos e da mulher.

Importa dizer que o Estado, em Sagres, já tem, por sua conta, quem se ocupe dos pescadores — agentes que inexoravelmente cobram um imposto sobre o pescado, que ás vezes para bem pouco mais dá. A Runa dos maritimos, em Sagres, seria mais do que um pretexto, uma rasão para ali haver, permanentemente, um médico, que os clinicos de Lagos, á distancia de uns trinta kilometros, não visitam um enfermo em Sagres por menos de cento e cincoenta escudos. Se fôsse possivel reconstruir a capelinha em que resava as suas devoções o glorioso Infante, embora escandalisando o Registo Civil, eu acho que ela devia ser reconstruida, cercada de veneração, como se fosse uma reliquia, protegida pelo respeito de todos — devotos e livres pensadores.

O Promontório é uma especie de lagedo, onde não

é facil encontrar terra para enterrar... uma formiga. Estende-se este lagedo até ao Cabo, mal se vendo, aqui e além, nos intersticios das lages, nodoas de mato verde, quasi punctiformes, inutil como o latim dos enterros.

Aqui perto a vinha frutifica, as arvores de fructo crescem, e os cereais pouco exigentes, o centeio, a aveia, a fava remuneram a sua cultura, e poços de pequena profundidade enchem-se d'agua que não é excelente, mas que serve, á falta de melhor, para os usos domesticos. Uma pequena mata daria o encanto e o conforto dum modesto oasis, a este deserto pedregoso, limite sul da bôa terra portuguesa, — jardim da Europa lhe chamou o poeta em seu rhetorico versejar.

O Cabo de S. Vicente não é positivamente uma maravilha, mas é uma brutalidade em rocha viva, erguendo-se a dezenas de metros acima do nivel das aguas. Pode dizer-se que este trecho da costa algarvia, entre S. Vicente e Lagos, é uma sucessão de bahias de tamanho vário, inaproveitaveis como abrigo, abertas ás furias do mar, que não invade por ali a terra, contido por muralhas de cantaria, medindo a altura de algumas dezenas de metros.

Em dias de tempestade, quando o vento sopra do quadrante sudoeste as ondas são verdadeiras montanhas, erguem-se a toda a altura da riba escarpada, quasi vertical, alagando, uma parte, o lagedo do Promontório, e a outra resolvendo-se em espuma, a formar nevoeiro cerrado.

— Aquilo, além, o que é? pergunta a Maria Luiza.

— E' tudo o que resta dum barco inglez que ali se afundou, salvando-se a tripulação e perdendo-se a carga. Verificou-se que não valia a pena gastar tempo e dinheiro para erguer o barco, pondo-o a fluctuar, relata o guarda do farol que diz, explicando:

— Para esta gente um naufragio era a sorte grande... antes da lei dos *salvados*. Homens, mulheres e crianças, novos e velhos, tudo corria para o mar em constando que um barco naufragára. Cada qual apanhava o que podia, e ao que apanhava, fosse o que fosse, chamava seu.

— E agora?

—Agora os *salvados* teem dono; ainda ha quem apanhe alguns que o mar deita fóra, mas isso é bagatela.

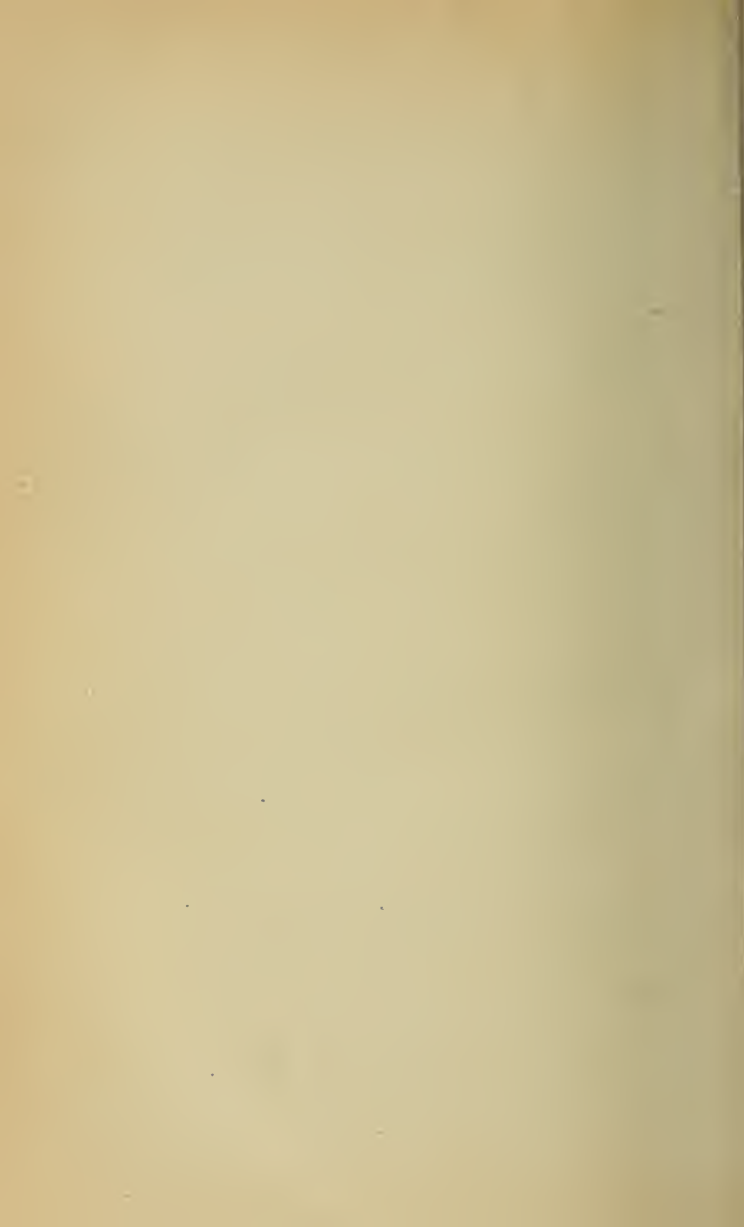
Acodem-me á lembrança narrativas que em tempos li sobre factos da vida ingleza, na sua evolução historica, e parece-me que este Promontório, Sagres, tão meridional em relação ao nosso Paiz, como Cornwall em relação a Inglaterra, pode orgulhar-se da honestidade dos seus maritimos, comparando-os com os maritimos inglezes do referido condado.

Aqui os homens aproveitam ou aproveitavam dos estragos que o mar fazia, limitando se a recolher o que boiava, perdido, á superficie das aguas, ou era cuspido em terra; lá os homens, encarrapitados nas rochas mais altas, á beira-mar, em noites de negrume e tempestade, acendiam fogos que enganavam os mareantes, levando-os a aproximarem-se excessivamente da terra, pregando com os barcos nas rochas.

Ha excelente barro, em Sagres, para a loiça ordinária, e o sr. José Luiz, com feitio de industrial, montou uma pequena oficina de ceramica, onde se fazem bonitas quartas, como em Estremoz e Beringel.

A praia de Sagres é pequena, mas é segura; pode-se ali tomar banho á vontade.

— Vamo-nos embora, meninas?

No inverno, se Deus quizer, virei aqui passar uns dias — quando em Lisboa me garantirem que as escarpas do Promontório estão sendo batidas com raiva pelas ondas e pelos ventos,—engalfinhado Neptuno e Eolo, qual de cima qual debaixo.

Campos de Ourique

A's nove horas, contrariando hábitos alfacinhas do sr. José de Bragança, estamos a contas com o almoço, que por acaso não mete açorda alemtejana.

Para mim, livro de cozinha que não ensine como se faz a açorda, a autentica, a genuina açorda da minha Provincia, é um livro deficiente, que eu nunca recomendarei ás donas de casa que tenham inteligentes preocupações culinárias. Pouco dado aos prazeres da mesa, quasi reputo malbaratado o tempo que passo a comer, a menos que o faça em boa companhia, porque então, a dar á lingua, esqueço-me de que estou ali para dar ao dente.

Edmond de Amicis viajava pelo Danubio, e, como precisasse comunicar a alguem as suas impressões, travou conversação com um cavalheiro muito bem posto, que deambulava no *deck*, parecendo que sentia a beleza da paisagem marginal, luxuriosa e opulenta.

— E' admiravel!

— E' colossal!

— Conservo as melhores recordações da primeira viagem que fiz neste rio, ha anos, vindo da Floresta Negra, quasi hipnotizado com a dolencia dos seus murmurios e o vago misterio das suas sombras.

— Tambem eu conservo bôas recordações de quando por aqui passei, tinha casado havia semanas. Uma caldeirada que fomos comer a terra, convidados pelo comandante do barco, era a coisa mais deliciosa que imaginar-se possa. A's vezes, só de a recordar, lambo os beiços, e parece-me que sinto na boca o seu gosto forte e delicado.

· Era um rico merceeiro de Francfort o interlocutor de Amicis, que nunca se metia a viajar... senão para comer.

Naturalmente recordo-me de muita coisa, porque já sou velho; mas não avultam nas minhas recordações almoços, jantares ou ceias, banquetes em que fui obrigado a tomar parte, e dos quais saía, em regra, mais farto do que ouvira que do que comera. Abro uma excepção para as ceias da Pintasilga, em Beja, ao custo de seis vintens por cabeça, e para os *ágapes* frequentes, de saborosas iscas, na travessa da Palha, um pouco mais baratos que as ceias da senhora Pintasilga, raramente indo além dos três vintens e meio, incluindo os dez réis da gorgeta. Não havia toalha nem guardanapos; as facas e os garfos eram solidamente presos á mesa, para evitar que se metessem na algibeira dos fregueses, numa ansia de libertação.

Pois é verdade.

A's nove horas estamos a contas com o almoço, e, apenas engulido o ultimo bocado, saltamos para o automovel, que logo se põe em marcha, avisando eu o *chauffeur* de que temos pressa... para ir devagar.

A bem dizer a nossa romagem principia na antiga estação do Carregueiro, hoje chamada de Aljustrel, ainda ontem chamada de Aljustrel-Castro-Verde, e que ámanhã passará a ser estação de Castro Verde, quando a estação de Aljustrel... fôr em Aljustrel, como seria ha muito, se neste País o interesse publico não fôsse constantemente sacrificado a interesses particulares.

Principia a nossa romagem, e ao mesmo tempo principia o nosso tormento, manteados como o engenhoso fidalgo da Mancha, só com a diferença da manta ser o automovel, e fazer-se a manteação ao longo duma carreteira poeirenta, em vez de se fazer numa estalagem, para gaudio de almocreves bebedos.

Por felicidade o calor não aperta, como nos dias anteriores, antes nos consola uma aragem fresca, que nos faz lembrar com horror a torreira de Lisboa.

Campos lavrados ou de restôlho, a um lado e outro da estrada, estendendo-se a perder de vista para os lados de Castro, sem relevos orograficos que tenham definição nos livros escolares. São pregas de terreno que mal quebram a monotonia das planicies infindaveis. Barrancos secos, de leito quasi apagado. Montes de aspecto senhorial, marcando centros de lavoura em terras que andam de renda ou ao quarto,

sendo de cada vez menor o numero das que são directamente exploradas pelo respectivo dono.

Passam carros em direcções opostas, lentos e pesados, a cada um dêles jungida ou *tomada* uma parelha de possantes animais, gadò muar, as arreatas na mão dum *infiel* que por aqui ficou do tempo em que viviamos sujeitos á moirama. Grandes rebanhos biblicos, formados quasi só de ovelhas brancas, regaladas com a abundancia do pasto; um ou outro rebanhito de porcos fossando a terra dura, e pachorrentos bois de trabalho, nédios e lustrosos, ruminando, á boca cheia, á espera de que caiam as primeiras aguas para se meterem ao arado.

Todos os Montes branquejam a ferir a vista, nos dias em que o sol tem reverberações de fornalha acesa, alimentada por mundos que ardem como se fossem de lenha sêca, e perto de cada Monte, encaixilhadas em pedra solta, ás vezes em taipa batida, pequeninas hortas que põem agradaveis manchas de verde nos ressequidos e amarelados restôlhos.

E aqui está Entradas, uma das mais antigas povoações do distrito de Beja, de ruas compridas e mal calçadas, todas as casas terreas; a maior parte, a quasi totalidade das janelas sem vidros, e muito poucos edificios modernos quebrando a solenidade da sua vetustez.

Paramos diante duma pequena igreja, quasi fóra da povoação, e o sr. José de Bragança lê, na pedra de armas que encima a porta principal, a data de 1555. Talvez valesse a pena vê-la por dentro; mas

o sacristão anda a tratar da sua vida, que a devoção desta bôa gente de Entradas não dá para haver ali, de residencia, um padre e correlativo sacrista.

Toca para Castro, que fica a uns quinze quilometros.

As mesmas terras alqueivadas ou de restolhice; largos tratos de terreno em pousio; Montes a grande distancia uns dos outros; nem aldeias ou lugarejos que nos expliquem o milagre de tão vastas culturas em regular exploração A maquina é como que a multiplicação do homem; mas toda a lavoura, nestes sitios, é feita pelo arado ou pela charrua, movidos a sangue, e para cada arado é preciso um homem, para cada charrua são precisos dois ou três.

De charneca nem sequer uma pequena amostra, o que muito surpreende o sr. José de Bragança, curioso de ver as *steppes* alemtejanas, de que ouve falar desde que se entende. Uma esteva aqui, outra além, em terra de tal modo crençuda de mato, que, em estando três anos sem ser lavrada, logo nela aparece, discretamente, essa vegetação parasitaria, cuja falta, em certas regiões, já duramente se faz sentir como combustivel.

Chegamos a Castro.

O meu velho amigo padre João Alho, bom sacerdote e bom homem, mostra-nos o que na terra ha digno de ser visto — a igreja matriz, duma só nave, o tecto em berço, e a pequena igreja da Senhora dos Remédios, muito insignificante por fóra, de muito interesse por dentro.

O sr. José de Bragança, superiormente instruido em coisas d'Arte, muito conhecedor da nossa Historia e criteriosamente versado na arqueologia, acha que a matriz é verdadeiramente um monumento nacional, rica de azulejos antigos, que cobrem as suas paredes de cima a baixo; opulenta de talha dourada, que forma a arquitectura do seu altar-mór, e sem igual, no país, como documento, pelos admiraveis *panneaux* em que é feita, tambem em azulejo, a historia da batalha de Ourique, sobre a qual prepara um livro, destinado a retumbante e merecido sucesso.

Na pequenina igreja dos Remédios ha excelente pintura em madeira, obra antiga, seculo XV ou XVI, segundo a autorizada opinião do sr. José de Bragança, qne por bem empregada daria a sua visita ao Alemtejo se nada mais visse que estes dois templos.

Aparece-nos o dr. Colaço, quando iamos procurá-lo em sua casa, para o abraçarmos, e tambem para lhe agradecermos a oferta do seu valioso trabalho sobre o teorema de Fermat, revelador dum admiravel talento para o estudo das matematicas — na opinião de pessoas autorizadas na matéria.

Se não tivesse mêdo de o fazer cair, o reverendo Alho, na má vontade do Bispo, e porventura criar-lhe uma atmosfera de suspeição nos altos céus, deixaria aqui dito que este paroco sertanejo — sem ofensa a Castro — é dos amigos que eu mais prézo, porque é dos que me trazem mais perto do coração. Jamais a

minha irreligiosidade me fez desmerecer a sua estima e consideração, e nunca eu deixei de olhar para as suas vestes sacerdotais com o maior respeito.

Ia jurar que se tem lembrado de mim nas suas orações, e por seguro tenho que no *julgamento final*, sem ser necessario que eu lho peça, comparecerá a depôr em minha defeza, pedindo misericordia para a minha vida de pecador sincero, e garantindo a minha conduta, como bemaventurado, na mansão dos justos.

A poucos quilometros de Castro entra-se na zona dos montados, azinho e sôbro. Nem viv'alma por esses campos, ninguem por estas carreteiras, e o pior é que vamos perdidos, afastando-nos cada vez mais de Ourique.

Já me acudiram á memoria estes versos de Lamartine, no *Jocelyn*, citado noutro capitulo deste livro:

Mon oeil cherchait quelqu'un qu'il pût interroger
Mais dans les champs déserts, ni troupeau, ni berger.

Grandes azinheiras, roidas pelo burgo; famosas sobreiras de tronco nu, côr de salmão, e nem amostras de esteva, um bocadinho de *steppe* que dê ao sr. José de Bragança uma pequenina ideia do que isto era noutro tempo, ainda nos começos do seculo que vai correndo.

Providencialmente chegamos a um Monte, onde nos ensinam o caminho.

A estrada macadamizada — deixem passar — faz-nos ter saudades das carreteiras por onde temos vindo, poeirentas e esburacadas. Marcha o carro em passo de procissão, e nem assim evitamos trambulhões que nos ameaçam a integridade dos ossos.

Lá nos aparece Ourique, encarrapitada num outeiro, a que chamam Castelo, pouco faltando para se dizer que esteve ali D. Afonso Henriques comendo melancia, desbaratados os reis mouros.

A Vila é importante, e do alto do pretendido Castelo, que é apenas um mirante em ruinas, construido ha poucos anos, avistam-se serras do Algarve e de Odemira, azuladas serras que no cair da tarde tomam formas indecisas. A' roda da Vila ha oliveiras de bom porte, formando pequenos trechos de olival, e algumas hortas muradas, com agua em abundancia.

E ala, que se faz tarde, a caminho de Aljustrel, pois coisa alguma auctorisa a suposição de que encontraremos na volta melhores carreteiras que encontramos na vinda.

As mesmas vastas campinas esmeradamente cultivadas; os mesmos vigorosos montados, limpos por baixo e por cima; a mesma falta de população aldeada; as mesmas casas de lavrador, muito longe umas das outras, quasi todas já sem a feição caracteristica que noutro tempo tinham os Montes.

Ainda mo não perguntou, mas já por mais duma vez o sr. José de Bragança esteve tentado a per-

guntar-me se a população do Alemtejo é, como dizem os livros, de dezanove habitantes por quilometro quadrado, ou dezanove quilometros quadrados por habitante.

Por estes campos que vamos agora atravessando, limpos de mato, cacei eu muitas vezes lebres e perdizes, só, com os meus cães, ou metido na jolda, ao lado dos mais afamados caçadores da Vila, homens em cujo polvorinho nunca metiam o bico as perdizes e as galinholas.

Pois mal se tobriga uma esteva nestes campos matagosos da minha mocidade... cinegetica, tudo metido em cultura, tudo a produzir trigo, aveia ou centeio.

Ainda não senti vontade de evocar, como Virgilio, nas *Georgicas*, os deuses e deusas que velam sobre os campos, que fecundam os germes das novas seáras e que fazem cair dos altos céus beneficas chuvas; mas tenho vindo a recrear os olhos na muda contemplação dessa obra imensa, que é uma epopeia de trabalho fecundo, tomado de simpatia, de respeito e admiração pelos ignorados camponeses que a trabalhar consomem a vida, gente duma simplicidade quasi primitiva, sem ambições e sem vaidades — a não ser a justa ambição de colher o fruto das suas canceiras, a legitima vaidade de obrigar a terra a produzir o alimento de todos, embora seja verdade, como se diz nos Evangelhos, que nem só de pão vive o homem.

Se o pantheismo é uma concepção filosófica, o homem dos campos, geralmente analfabeto, não pode ser pantheista, mal se elevando o seu espirito, da terra que lhe dá o pão, á cabeleira das arvores, que lhe dão os fructos.

Se o pantheismo é uma doutrina religiosa, o camponez, religioso por tradição, não pode ser pantheista, porque o Deus da sua crença e os santos das suas devoções, habitam muito para além das estrelas, num logar de supremas delicias, d'etereos gozos, região infinita onde tudo nasce, cresce e fructifica sem que o homem tenha que regar a terra com o suor do seu rosto.

O pantheismo do camponez é o seu grande amor á Natureza, chamando assim a tudo quanto Deus creou para uso e comodidade do homem. Faz-se entre o camponez e a terra em que trabalha uma especie de identificação espiritual, como entre os misticos e a Divindade. Ele ri ás seáras que verdejam, numa promessa de abundancia; conversa com os rebanhos que pastam, sádics e nédios, afagando este ou aquele animal de menos bravura e esquivança. Não desbasta, muitas vezes, um olival ou um montado, só para não arrancar as arvores que Deus creou, e para com as que entram em decrepitude, mais velhas que o seu tetra-avô, tem olhares carinhosos e compadecidos, não raramente palavras de compaixão — como se fosse um amigo ou um parente a escorregar para a cova.

Ha uma bôa duzia d'anos que o burgo róe a

maior parte dos montados por onde passamos, terrivel doença para a qual ainda se não encontrou, que saibamos, entre nós, tratamento eficaz, um remédio que, matando o inséctо, poupe ao lavrador alguns milhares de escudos, e á economia da Nação alguns milhares de contos.

Foi mau pôrem toda a vida dos campos sob a protecção duma mulher, a deusa Ceres, naturalmente inconstante, voluvel e caprichosa como todas as mulheres, sujeitando os fenomenos metereológicos, que fazem bons ou maus os anos agricolas, á volubilidade dos seus caprichos. Recomendava Virgilio que lhe fizessem, todos os anos, sacrificios solenes, cantando e dansando em sua honra.

Conheço suficientemente a gente do campo para saber que ela não é isenta de ruins paixões, baldas e vicios que cada dia mais avultam nos grandes centros populacionais e vão distingindo horrivelmente para as Vilas e Aldeias, com um poder contagiante refratario ás mais bem pensadas medidas de profilaxia moral, tanto em relação ás pessoas como em relação ás colectividades.

Não deixa de ser verdade, todavia, que na gente rustica subsistem, embora desfalcadas, muitas das virtudes antigas, não duma antiguidade biblica, contando-se por centenas ou milhares de anos, mas duma antiguidade de que eu conservo recordações quasi frescas, e que providencialmente adoçam as amarguras da minha incipiente velhice.

Tem vindo a perder-se a poesia dos campos, con-

vertida a Terra numa grande oficina; os pastores, nas herdades alemtejanas, ainda usam samarra e pelica, mas já não tocam pifaro nem gaita, a rude avena da musica pastoril, duma enternecida dolencia.

Destruidos os bosques, suavemente rumorosos e espontaneamente fecundos, os faunos e satiros acolheram-se aos povoados, em perseguição das nimfas, menos esquivas que a Galatea, a *lasciva puella* mostrando quasi tudo para que se adivinhe o resto, convertido o pudor num estimulo de luxuria.

Estamos novamente em Aljustrel, tendo feito a romagem sem novidade — graças a Deus e ao *chauffeur*. Os ultimos raios de sol tingem duma côr sensivelmente alaranjada as encostas dos cerros em frente. Fecho os olhos, sentado na varanda, e, ouvindo o ruido dos caldeirões, caindo na agua, e o chalrear das moças que fazem bordadura ao poço, cada qual com a sua quarta, elegantes como amforas etruscas, duma só asa, recito os lindos versos de Gomes Leal, mentalmente:

Descai o sol nos olivais do monte,
Colhe o gado o pastor. — Das largas eiras
Vem vindo as filhas de Jacob á fonte
Com seu ritmico andar, entre as palmeiras.

— Façam favor de vir, que está o jantar na mesa.

Não resisto a mostrar ao sr. José Bragança a

igreja matriz da minha terra, vasto templo duma só nave, as paredes grossas como muralhas. Por acaso, quando chegamos, está o padre no altar, a dizer missa, tendo como auditório os rapasinhos duma escola particular, sob a vigilancia das respectivas mestras, e quatro senhoras que vão acompanhando o oficio divino, lendo nos seus livrinhos as orações d'ocasião. Um patarreco de sete ou oito anos faz de sacristão, que o devocionismo aljustrelense não dá para mais.

Reporto-me aos velhos tempos da minha meninice, e vejo, fechando os olhos, a igreja a abarrotar de fieis, tendo de ficar no adro, descarapuçados á porta, os retardatários. O mulherio enchia o corpo da igreja, sendo reservado ás senhoras o espaço entre a teia e o altar-mór. Caem-me os olhos no lugar em que habitualmente minha mãe ficava, e fazendo rancho as lavradoras da freguezia, todas de capa e lenço, nenhuma sem o seu cordão de ouro macisso. Estou a ver o sr. padre Cardote, de severa compostura, e o maricas do sacristão, o Francisco Peixeiro, já com muitos anos d'oficio, sabendo a missa de cór e salteada, mas pronunciando o latim duma forma barbara, carregando nos acentos — era um vicio profissional — por forma a dar ás palavras uma eufonia que as tornava asperas e desagradaveis.

Saudades do tempo em que tinha crenças?

Não; saudades do tempo em que tinha saude e mocidade, bens que a gente vai perdendo no caminho da vida — a saude, que frequentemente se perde

e com relativa facilidade se recupera, a mocidade que não se recupera uma vez perdida.

Do Castelo de Aljustrel, em taipa batida, já não mostro ao sr. José de Bragança senão o local onde êle existiu — *ubi fuit Troja.* Não consta que êle desempenhasse um papel importante nas luctas porfiadas entre cristãos e sarracenos, mas a sua derrocada não aproveitou a ninguem, e a sua conservação afirmaria respeito pela historia e pela tradição, uma e outra contada por monumentos, mais respeitadores da verdade dos factos que os cronistas patranheiros.

Apresento o sr. José Bragança á minha veneravel madrinha, a Senhora do Castelo, em cuja pequenina Igreja ha panos de azulejos váriamente ornamentados e rigorosamente coloridos, dignos de figurarem n'um Museu. De grande valor artistico são três ou quatro telas que ha na Igreja da Misericordia, pintura em madeira, dos fins do seculo XVII, já desbotada a côr, mas o desenho perfeito.

Uma visita ás Minas é interessante; mas todo o trabalho, actualmente, se faz a grandes profundidades, á superficie vendo-se apenas montes de terra, que a agua atravessa, carregando-se de cobre, e pequenas locomotivas que arrastam pequeninos vagons, carregados uns á boca dos poços, carregados outros no plano inclinados d'um triturador, que digere pedras como se fosse um monstro apocalitico.

Não me dispenso de levar o sr. José de Bragança ao Monte das Mezas, onde fui nascido e creado, e que para mim tem o respeitoso encanto d'um logar

sagrado, um altar em que as pessoas devotas ajoelham, resando as suas orações.

Não ha terrenos escalvados na vastissima região que d'aqui se avista, extensa de muitos kilometros, apenas aqui e além interceptando o horisonte um pequeno cerro ou lomba, insignificantes ampôlas d'uma planicie intermina.

Trechos de olival e montado salpicam a zona cerealifera, que se estende até aos ferragiais de Beja e toca nas serras de Grandola, mais fertil aqui, menos fertil além, mas só nos maus anos agricolas deixando ficar o lavrador com o celeiro vasio.

Chega-nos o tempo para visitarmos Rio de Moinhos, Jungeiros e Montes Velhos, três grandes Aldeias do concelho de Aljustrel, a ultima das quaes é freguezia. Só na ultima ha uma casa, uma só, de primeiro andar, e ha quarenta anos, em qualquer das três, eram raras as casas que tinham janela, e julgo não ir muito fóra da verdade dizendo que nenhuma janela tinha vidraças.

Impressiona o sr. José de Bragança, homem do norte, o ar de esmerado aceio que teem todas as casas em todas estas aldeias, as ruas limpas, as paredes caiadas, os quintaes, grandes como courelas, murados de taipa, todos êles providos de poço, só um ou outro aproveitado, muito escassamente, para o cultivo de hortaliças, os maiores semeados na epoca competente, de trigo, favas ou aveia.

O alemtejano é um animal essencialmente carnivoro; se lhe derem carne três vezes ao dia, não lhe

faz má cara. As chamadas arvores de fruto interessam-n'o mediocremente, habituado a não ter sobremesa, a não ser no estio, quando abunda o melão e a melancia, e a uva se vende barata.

Dá nas vistas, mesmo a quem é de cá, o apuro de toda esta gente no seu vestuário pobre. Todas as pessoas grandes andam calçadas; os homens usam peugas e as mulheres usam meias, vendo-se uma ou outra criança solta de pé e perna, isto é, sem piuga nem sapato.

Saimos de Montes Velhos já quasi ao solto posto, regalados de melancia, sorvete alemtejano que vale por mil carapinhadas.

Aqui atravessamos agora a Ribeira dos Rôxos, um dos grandes cursos d'agua no districto de Beja, tributária do rio Sado. Colector da agua das Minas, em muitos kilometros do seu percurso, ela queima as arvores que lhe fazem bordadura, e esterilisa as terras marginaes na largura de muito metros, tendo morto, desde a primeira hora, todos os peixes que n'ela habitavam e n'ela faziam criação, excelente peixe d'agua dôce que bôa conta dava ás povoações ribeirinhas.

As terras que vamos agora atravessando, entre Montes Velhos e Aljustrel, são uma transição para os barros de Beja, d'uma grande fertilidade, aptas para a cultura da vinha, de que se notam pequeninas manchas.

Por virtude d'uma informação errada, chegamos á

Estação, de regresso a Lisboa, á hora em que o comboio já devia ter chegado a Beja se não viesse com atrazo de duas horas.

Ainda bem ; partimos de automovel.

A carreteira é má, e como se desenrola atravez de montados, a velocidade tem de ser moderada, uns vinte kilometros á hora.

Grandes azinheiras e pouca bolota ; a terra limpa de mato, e os barrancos sêcos, a maior parte quasi sem leito, em nenhum se lobrigando uma junqueira, que ponha uma nota de verde n'aquele sólo ardido e gretado.

Agora sim, passada a zona dos montados, é possivel marchar mais depressa, lisa a carreteira, direita em fragmentos extensos, de curvas largas. Vamos atravessando os famosos barros de Beja, que este ano se portaram como as terras galegas.

Os campos agora, são nús ; mas se fossem cobertos de arvoredo, montado ou olival, não seriam um celeiro, mas uma salgadeira ou um lagar.

Pela direita, lá muito longe, avistam-se montes que pertencem ao systema orográfico de Mertola, sem escrupulos de rigor no emprego das palavras. Pela esquerda são as planicies nuas, lavradas de fresco para as sementeiras proximas, ou cobertas do restolho amarelecido da ultima seára.

Por mal dos nossos pecados entramos na estrada do governo, que é uma linha recta, da Boa Vista a Beja.

Resolvemos atravessar a cidade, a pé, seguindo o

caminho mais curto, só para o sr. José de Bragança ver a fisionomia geral d'esta famosa Pax Julia, de velhas e nobilissimas tradições. Demora de alguns minutos na religiosa contemplação do minimo arquitectonico, gotico ou manuelino, pouco importa, que é a Igreja da Conceição; uma olhadela ao templo de Santa Maria, em que embutiram uma Agencia da Caixa Geral dos Depósitos, e vá de desembaraçar as pernas, que o comboio não espera pelos retardatários.

A's portas de Moura, onde subsiste um pequeno trecho da primitiva muralha, encontrâmos o dr. Celorico Gil, alemtejano adoptivo, sempre exuberante de palavras e de gestos — como bom algarvio de nascença.

— Jantaram ?

Dizemos-lhe que não, e êle tem a crueldade de nos dizer que se preparára para a jornada com uma riquissima sôpa de ameijoas, grandes e saborosas ameijoas algarvias, mais saborosas que as de qualquer outro ponto da costa de Portugal. E põe-se a encarecer o seu acepipe, sem reparar que nos ia crescendo a agua na boca, bem almoçados em Aljustrel, mas condenados a chegarmos a Lisboa, lá para a meia noite, sem confortarmos o estomago com qualquer coisa parecida com um jantar.

Anoitece, e não faz luar.

Em Viana enchem a carruagem feirantes de Senhora d'Ayres, muitos dos quais, felizmente, irão ficando pelo caminho.

Barreiro.

Silencioso e quieto, o Tejo é um lago enorme, em que cairam, mal anoiteceu, uma aqui, outra além, aranhas fantasticas, em muitas das quais ha luzitas que fazem lembrar pyrilampos.

Desembarcamos no Terreiro do Paço com uma hora de atrazo.

A' entrada da rua do Ouro, despeço-me do sr. Bragança, dizendo-lhe á moda alemtejana:

— Desculpe, sr. Bragança, ter sido tão mal obsequiado.